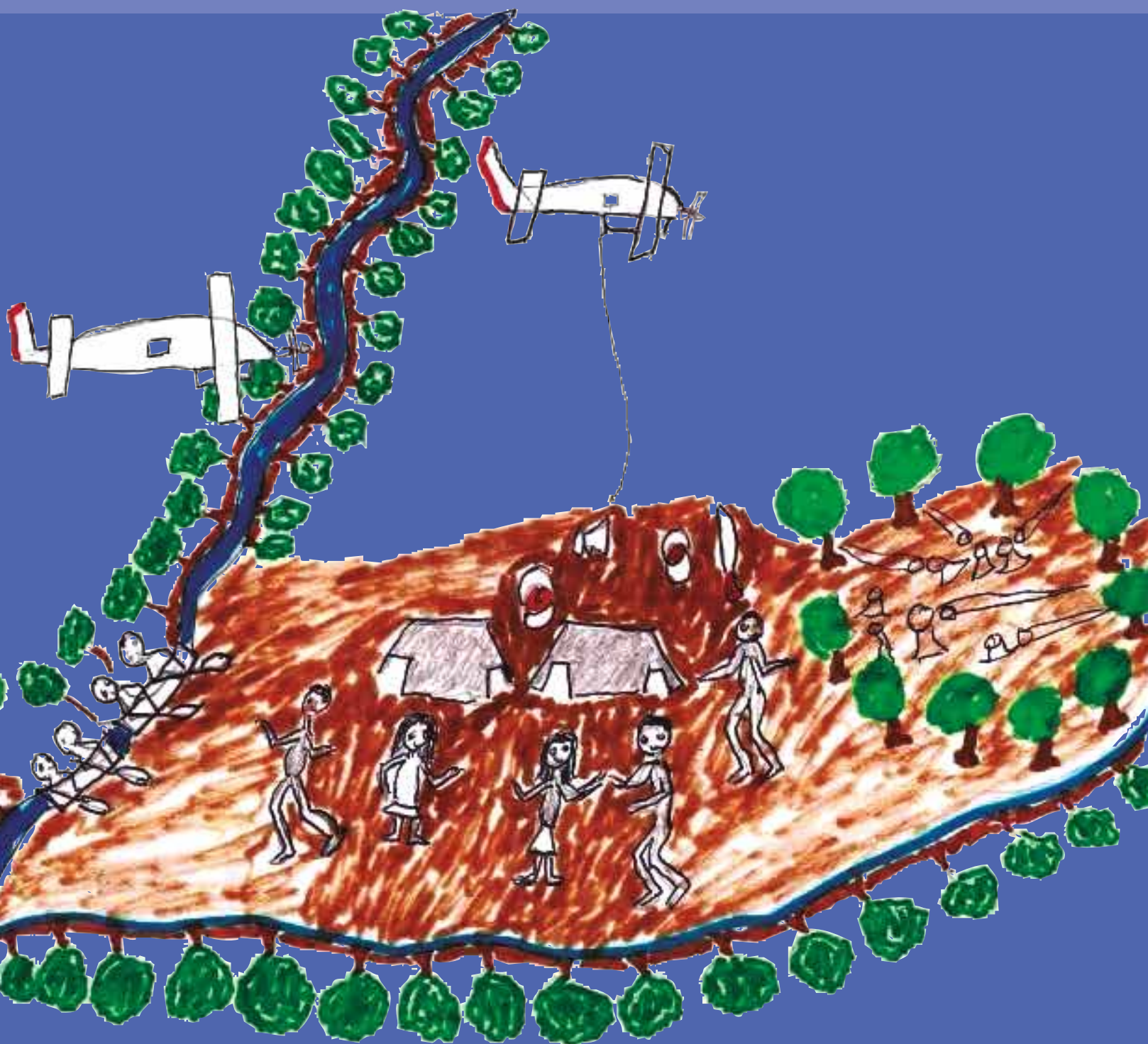


HISTÓRIA MATSES



C T I

Centro de Trabalho Indigenista





HISTÓRIA MATSÉS



São Paulo, junho de 2020

HISTÓRIA MATSÉS

O **Centro de Trabalho Indigenista** (CTI), fundado em 1979, é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, constituída por profissionais comprometidos com o presente e o futuro dos povos indígenas. Tem como finalidades: contribuir para que os povos indígenas exerçam o controle e a conservação ambiental de suas Terras, garantir o cumprimento de seus direitos constitucionais e apoiar sua afirmação étnica e cultural. Atua em Terras Indígenas situadas nos Biomas Amazônia, Cerrado, Pantanal, Mata Atlântica e Pampa.

Para saber mais sobre o CTI consulte: <https://trabalhoindigenista.org.br>

CONSELHO ESTRATÉGICO

Andréia Bavaresco (presidência), Maria Auxiliadora, Cruz de Sá Leão, Maria Elisa Ladeira, Maria Inês Ladeira, Juliana Noleto e Eliza Castilla

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Jaime Siqueira

Programa Javari

CONSELHO

Conrado Rodrigo Octavio, Hilton Nascimento e Maria Elisa Ladeira

COORDENAÇÃO DO PROGRAMA JAVARI

Helena Ladeira e Victor Gil

EQUIPE TÉCNICA

Diogo Azanha, Fabrício Camargo, Janekely Reis D’Ávila, Manuella Rodrigues e Thiago Arruda

APOIO INSTITUCIONAL



Embaixada da Noruega
Brasília

ESCRITÓRIO SÃO PAULO

RUA GENERAL JARDIM 660, SALA 71
BAIRRO: VILA BUARQUE
SÃO PAULO – SP
CEP: 01223-010

ESCRITÓRIO BRASÍLIA

SCLN 210 BLOCO C, SALAS 209 / 212
BAIRRO: ASA NORTE
BRASILIA – DF
CEP: 70862-530

ESCRITÓRIO MARANHÃO

RUA PALMÉRIO DE SOUZA, 485 B
BAIRRO: CENTRO
CAROLINA – MA
CEP: 65980-000

ESCRITÓRIO TABATINGA

TRAVESSA DA AJURICABA, 05
BAIRRO: COMUNICAÇÕES
TABATINGA – AM
CEP: 69640-000

in memoriam Bernaldo Mayoruna
e Osvaldo Mayoruna, jovens
professores e pesquisadores
de grande importância para o
desenvolvimento do presente livro.

História Matsés

© Centro de Trabalho Indigenista – CTI/Programa Javari

ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO FINAL

Maria Elisa Ladeira

PESQUISA E ELABORAÇÃO DE TEXTOS

Beatriz Matos

CONSULTORIA DURANTE OFICINA DE HISTÓRIA MATSÉS E NA CONCEPÇÃO DO LIVRO

Circe Maria Bittencourt

COLABORAÇÃO NA PESQUISA E NA ORGANIZAÇÃO

Hilton Nascimento e Janekelly D’Ávila

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Hilton Nascimento

REVISÃO DE TEXTOS

Luisa Nasraui

PESQUISADORES E AUTORES DOS TEXTOS

Adilsan Mayuruna, Arnaldo Tica Mayuruna, Assis Siwa Mayuruna, Bernaldo da Costa Mayuruna, Binã Mayuruna, Carlos Binã Mayuruna, César Waqui Mayuruna, Cleide Unan Mayuruna, Davi Flores Dunu Mayuruna, Diego Dunu Mayuruna, Eçir Bay Mayuruna, Emessi Manquid Mayuruna, EEzequiel Pisango Mayuruna, Francisco Manoel Bay Mayuruna, Gilson Mayuruna, Gonçalo B. Carvalho Mayuruna, João Carlos Mayuruna, João Ėpë Mayuruna, Jorge Manquid Mayuruna, José Nacua Mayuruna, Joseney Miguel Carlos Mayuruna, Karina Unan Mayuruna, Luiz Nêca Mayuruna, Manoel Bay Mayuruna, Mauro Mayuruna, Osvaldo Mayuruna, Olimpio Bay Mayuruna, Paulina Mayuruna, Paulino Manquid Mayuruna, Raimundo Mëan Mayuruna, Renato Bina Mayuruna, Roberto Mayuruna, Roseneide Castro Lopes, Rodrigo Dëmash Mayuruna, Rogério Patxa Mayuruna, Rubens Manquid Mayuruna, Sabino Mayuruna, Sebastião Dëmash Mayuruna, Sérgio Pëmen Mayuruna, Severo Capistana Mayuruna, Vitor Mayuruna e Walter Tëca Mayuruna

CONSULTORES MATSÉS

Waki Caiçuma Mayuruna, Antônio Tumi Mayuruna, Antônio Tumi Flores Mayuruna, Branco Pëmen Mayuruna, Cashipe, Pedro Tëka Bëshësh Mayuruna, Sabino Mayuruna e Walter Pemen Mayoruna

COORDENADORES DOS GRUPOS DE TRABALHO DA OFICINA HISTÓRIA MATSÉS

Gonçalo Borges Mayuruna, Raimundo Mëan Mayuruna, Ecir Bai Mayuruna, Carlos Bina Mayuruna, Mauro Manquid Mayuruna e João Ėpë Mayuruna

ILUSTRAÇÕES/DESENHOS

Adisan Unan Mayuruna, Assis Siwá Mayuruna, Bernaldo Mayuruna (falecido), Carlos Bina Mayuruna, César Uaqui Mayuruna, Davi Flores Dunu Mayuruna, EEzequiel Pisango Mayuruna, Francisco Manoel Bai, Gilson Mayuruna, Gonçalo Borges Mayuruna, João Ėpë Mayuruna, Joseney Mayuruna, Luiz Nêca Mayuruna, Mauro Manquid Mayuruna, Olimpio Bay Mayuruna, Osvaldo Mayuruna (falecido), Raimundo Mëan Mayuruna, Renato Binan Mayuruna, Rodrigo Dëmash Mayuruna, Sebastião Dëmash Mayuruna, Sergio Pëmën Mayuruna, Waki Mayuruna e Walter Tëca Mayuruna

MAPA

Diogo Azanha

PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Renata Alves de Souza | Tipográfico Comunicação

REALIZAÇÃO



PARCERIA INSTITUCIONAL



APOIO À PUBLICAÇÃO E AO TRABALHO NA TERRA INDÍGENA

VALE DO JAVARI/AM



APRESENTAÇÃO

Este livro de História tem muitos autores. Muitas pessoas participaram e apoiaram de diferentes formas e em diferentes momentos de sua criação e organização. Ele foi criado nos Cursos de Formação Complementar de Professores Mayoruna (Matsés), realizados nos anos de 2005, 2006 e 2009 pelo CTI, e contou com o apoio da Rainforest Foundation Norwegian. Mais tarde, já em 2013, o CTI realizou a Oficina de “História Matsés” que contou com a participação de todos os professores e consultores Matsés para dar continuidade e aprofundar as discussões iniciadas nos cursos anteriores. Nesta oficina, apoiada pelo Fundo Nacional de Educação (FNDE), foi definida a estrutura do livro, foram gravados mais histórias e depoimentos, e elaboradas as ilustrações e os mapas. Outro resultado desta oficina foi a criação de um caderno reunindo todas as redações elaboradas durante o curso e que foi distribuído nas escolas das aldeias do povo Matsés da TI Vale do Javari. Já o conteúdo do livro foi definido a partir das pesquisas realizadas pelos professores junto aos anciãos Matsés.

Os livros de História do Brasil em geral discorrem muito pouco sobre as populações indígenas, omitindo a participação desses povos na história de toda a nação. Este livro nasce, assim, da vontade de deixar escrita uma parte da história dos Matsés, que vivem há centenas de anos na fronteira Brasil-Perú; povo possuidor de um passado de lutas e de resistência, cuja memória histórica precisa ser conhecida e transmitida.

Os professores Matsés pesquisaram junto aos mais velhos, traduziram para a língua portuguesa e registraram muitas histórias do passado. A equipe do CTI fez levantamentos em livros e documentos antigos, pesquisando sobre brasileiros, portugueses, espanhóis, que desde o século XIX deixaram relatos e desenhos sobre os Mayoruna. Depois outras pessoas da equipe e consultores do CTI ajudaram a redigir e a organizar os diversos capítulos que fazem parte do livro. Especialistas em diagramação auxiliaram com sua arte na organização das ilustrações e dos aspectos visuais do livro.

Este livro apresenta algumas passagens ou momentos importantes da História Matsés, mas há muito mais para se conhecer e são as mulheres e os homens mais velhos que possuem esse conhecimento. Assim os jovens pesquisadores Matsés devem continuar a procurar por outros acontecimentos para que a História do povo Matsés continue sendo escrita por muitos outros autores.

No processo de concepção e produção deste livro foram enfrentados muitos desafios e dificuldades, mas também foi muito gratificante participar desse trabalho. Agradecemos a todos que se envolveram e colaboraram para que esse livro se tornasse realidade. Esperamos que possa contribuir para aumentar os laços de solidariedade entre os Matsés, incluindo os que vivem do lado peruano, e que ajude a reafirmar a identidade histórica de um povo que tem lutado para garantir seu território, seu modo de ser e suas autonomias cultural e política.

Maria Elisa Ladeira

TEMPOS ANTIGOS



Dave Fauss, 1969

9 ORIGEM DO POVO MATSÉS

9 Os MATSÉS E OS POVOS DE LÍNGUA PANO

14 HISTÓRIAS DA ORIGEM DO POVO MATSÉS

24 MODO DE VIDA DOS ANTIGOS

25 A FESTA MACUN AQUEC

29 A FESTA DO COMOC OU CUËDËNDQUIDO

TEMPOS DE EXPANSÃO E DE GUERRAS



Dave Fauss, 1969

33 GUERRAS DE CAPTURA DE MULHERES

37 Os OUTROS POVOS

46 A EXPANSÃO DOS CHOTAC NA AMAZÔNIA

46 A HISTÓRIA DA DELIMITAÇÃO DA FRONTEIRA BRASIL-PERU

55 A EXPLORAÇÃO DA SERINGA E CAUCHO NA AMAZÔNIA

57 O TRABALHO DOS SERINGUEIROS E CAUCHEIROS NA AMAZÔNIA

60 A EXPLORAÇÃO DA BORRACHA NA REGIÃO DO JAVARI

67 A ORIGEM DA CIDADE DE ANGAMOS

68 A ORIGEM DE ATALAIA DO NORTE E BENJAMIN CONSTANT

70 A CHEGADA DOS CHOTAC NO TERRITÓRIO MATSÉS

73 QUANDO OS MATSÉS VIRAM PELA PRIMEIRA VEZ UMA CASA DE SERINGUEIROS

76 A PERSEGUIÇÃO CONTRA OS MATSÉS E A CAPTURA DE MULHERES PELOS CHOTAC

80 Os MATSÉS COMEÇAM A REAGIR

81 QUANDO UM GRUPO MATSÉS TRABALHOU COM SERINGA PE LA PRIMEIRA VEZ

83 QUANDO MANOEL BAI MATOU UM SERINGUEIRO

84 A CAPTURA DE MULHERES PELOS MATSÉS

89 CONFLITOS CONTRA O EXÉRCITO PERUANO E BRASILEIRO

X92 AS GUERRAS COM O EXÉRCITO PERUANO

TEMPOS DE ACORDOS E DE ALIANÇAS



Hilton S. Nascimento/Acervo CTI, 2009

105 PETRÓLEO E MADEIRA NA VIDA DOS MATSÉS

105 A DECADÊNCIA DA EXPLORAÇÃO DA BORRACHA NO TERRITÓRIO MATSÉS

106 A EXPLORAÇÃO DE MADEIRA NA REGIÃO DO VALE DO JAVARI

108 HISTÓRIA DE CONFLITO CONTRA OS MADEIREIROS

113 A EXPLORAÇÃO MADEIREIRA NO BRASIL E NO PERU

115 A HISTÓRIA DA EXPLORAÇÃO DO PETRÓLEO NO TERRITÓRIO MATSÉS

119 A LUTA DOS MATSÉS CONTRA A EXPLORAÇÃO DO PETRÓLEO EM SEU TERRITÓRIO NO BRASIL E NO PERU

124 As MISSÕES RELIGIOSAS E AS MUDANÇAS NA VIDA DOS MATSÉS

125 Os MISSIONÁRIOS E OS POVOS INDÍGENAS DA AMÉRICA

128 O CONTATO DAS MISSIONÁRIAS DO INSTITUTO LINGUÍSTICO DE VERÃO COM OS MATSÉS

132 HISTÓRIAS DO CONTATO COM OS MISSIONÁRIOS

136 O CONTATO PACÍFICO E A REGULARIZAÇÃO DAS TERRAS MATSÉS

136 CONTATOS PACÍFICOS COM OS BRANCOS NO BRASIL

136 O CONTATO PACÍFICO COM EXÉRCITO PERUANO

139 A CHEGADA DA FUNAI NO IGARAPÉ LOBO

142 A HISTÓRIA DA FUNAI

146 A DEMARCAÇÃO DA TERRA INDÍGENA VALE DO JAVARI

150 AS MUDANÇAS DAS ALDEIAS DEVIDO A DEMARCAÇÃO DA TERRA INDÍGENA VALE DO JAVARI

152 A COMUNIDAD NATIVA MATSÉS, A TERRA DOS MATSÉS DO LADO PERUANO

153 A RESERVA NACIONAL MATSÉS

155 A COMUNIDAD NATIVA FRAY PEDRO – RIO YAVARI A NOVA TERRA DOS MATSÉS DO PERU

156 A TERRA DOS MATSÉS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



Dave Fauss, 1969

160 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TEMPOS ANTIGOS



ORIGEM DO POVO MATSÉS

Os MATSÉS E OS POVOS DE LÍNGUA PANO

Os povos indígenas que vivem no Brasil e nos outros países do grande continente americano falam muitas línguas diferentes. Somente no Brasil existem cerca de 181 línguas indígenas. Antes da chegada dos europeus no continente, esse número era muito maior, por volta de 1.200. A população indígena diminuiu muito depois da invasão europeia devido às doenças trazidas pelos brancos e pelas guerras que fizeram para conquistar a terra dos índios, de modo que muitos povos desapareceram e com eles as suas línguas. O número de línguas faladas hoje não corresponde ao número de povos. Pode-se ter uma mesma língua falada por diversos povos. Isto quer dizer que no Brasil atualmente, em 2020 e segundo a Funai, existem 225 povos indígenas, além das referências aos povos não contatados ou em isolamento voluntário.

Os linguistas que estudaram as línguas indígenas na América do Sul descobriram semelhanças e diferenças entre elas. Eles entendem que línguas que são parecidas entre si provavelmente tiveram uma origem comum, ou seja, antigamente eram uma mesma língua. Ao longo do tempo essa língua originária foi se modificando e gerando diferentes idiomas, que man-

tiveram palavras parecidas. São essas palavras parecidas que, para os linguistas, mostram a origem comum das línguas.

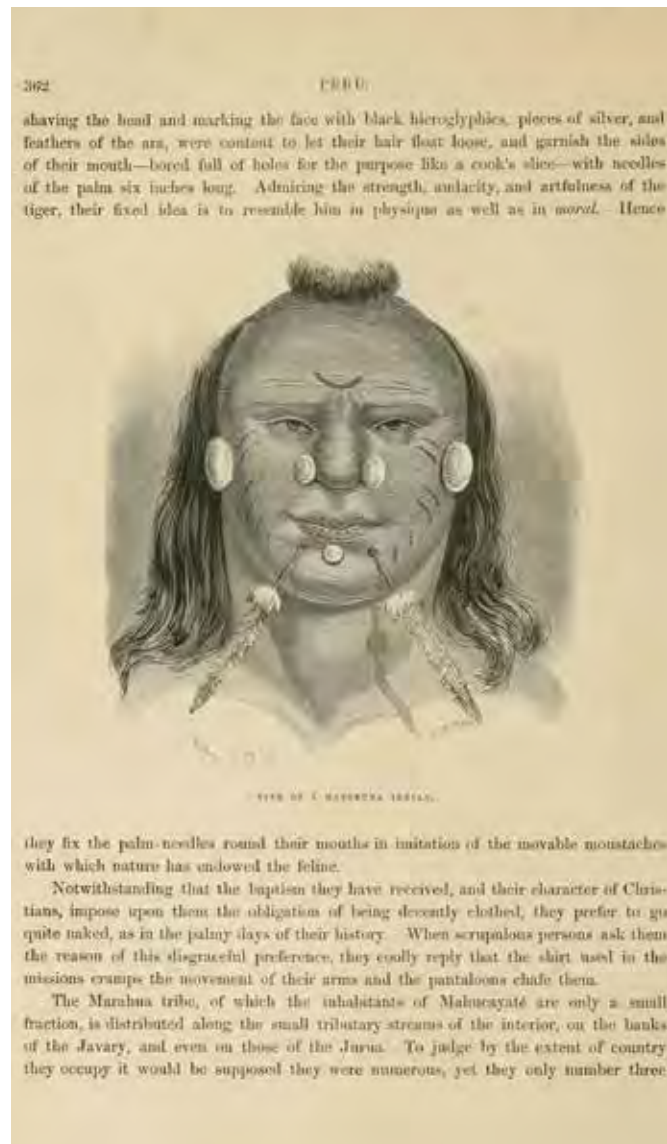
Fazendo essas comparações ao estudar as línguas faladas pelos povos indígenas que vivem no Brasil, os linguistas classificaram-nas em grandes “troncos” e “famílias”. Línguas do mesmo “tronco” ou “família” são aparentadas, quer dizer tiveram uma mesma origem.

A língua falada pelos Matsés é classificada pelos linguistas como parte da família Pano. Segundo seu entendimento, as línguas da família Pano teriam uma origem comum, e foram se diferenciando ao longo de muitos anos. Dentro da família Pano existem muitos idiomas, alguns mais próximos entre si que outros. Os linguistas dividiram a família Pano em dois “ramos”: o ramo “Principal” e o ramo “Mayoruna” ou “Setentrional” (Fleck, 2013).



Indígena conhecido como Mayoruna em 1873

O nome Mayoruna, que aparece em vários documentos históricos produzidos a partir do século XVII, não representa um único povo, mas um conjunto de povos que, disperso em várias malocas, habitava uma vasta área limitada ao oeste pelo Huallaga, ao norte pelo baixo Ucayali e alto Amazonas, ao leste pelo rio Jandiatuba e ao sul alcançando as cabeceiras do rio Javari. Alguns desses povos, chamados antigamente de Mayoruna, falavam línguas Pano, outros não (Fleck, 2007).



Indígena conhecido como Mayoruna em 1873

Estes povos indígenas da região do alto Amazonas foram chamados de "Mayoruna" por viajantes e colonizadores europeus que chegaram nessa região, porque era como os povos indígenas de língua quéchua, que viviam nos Andes, se referiam a esses povos que habitavam região do Alto Amazonas e significa "gente do rio" – *mayu* significa "rio", *runa* "gente".



Indígena Marahua que viviam próximo aos Matsés, em 1873



Indígena conhecido como Marahua, em 1873

Atualmente, a maioria dos povos que foram chamados ao longo da história de Mayoruna não existe mais. Alguns deles poderiam ter sido os antepassados dos Matsés, apesar de que, segundo as histórias que contam os mais velhos, foi só a partir da chegada dos caucheiros e seringueiros na região do Javari que os Matsés tiveram os primeiros contatos e conflitos com os brancos. Mesmo assim, os Matsés de hoje acabaram por serem conhecidos também como Mayoruna.

Do mesmo modo o nome “Matsés” é referência também para um conjunto de outros grupos de ex-Mayoruna. Assim Matis é uma variação de Matsés, a autodenominação dos Korubo, que receberam esse nome pelos Matis, é igualmente Matsés; e para os Kulina, que habitam a TI Vale do Javari, e que também são Matsés. Assim as línguas faladas pelos Matsés, Matis, Korubo, Kulina que vivem na TI Vale do Javari e algumas outras línguas de povos que não existem mais, como os Chancuëshbo, foram classificadas como pertencentes ao ramo Mayoruna (Fleck, 2013). Atualmente os povos que falam línguas do ramo Mayoruna ou Setentrional vivem no Brasil – Matsés, Matis, Korubo e Kulina – na T.I Vale do Javari e no Peru, onde vivem também os atuais Matsés (ex-mayoruna).

Outro povo que vive na TI Vale do Javari é o povo Marubo, que recebeu esse nome dos chamados Mayoruna. É também um povo de língua Pano, só que faz parte de outro ramo, chamado de “Ramo Principal”, formado por línguas faladas por povos que habitam várias partes da Amazônia brasileira, peruana e boliviana.



Indígena Shipibo, morador do Ucayali, em 1873

Paul Marcoy e Edouard Riou, 1873

Além dos Marubo, são falantes de línguas Pano do Ramo Principal povos que vivem na Bolívia, mas principalmente no Peru e no Brasil, nos estados do Acre, Rondônia e Amazonas:

Amawaka, falada pelo povo que habita as margens dos rios Inuya, Sepahua, Curuija y Mapuya, na província de Coronel Portillo, no departamento de Ucayali, no Peru.

Chakobo/Pakawara, falada por povos que habitam o departamento de Beni, da Bolívia

Iskonawa

Kasharari, língua falada por um povo que vive na fronteira dos estados de Rondônia e Amazonas, na Terra Indígena Kaxarari, no Brasil.

Kashibo, falada por um povo habitante do departamento de Huánuco y Coronel Portillo, ao longo dos rios Aguaytíia, Zungaruyacu, Pachitea, San Alejandro e Chanintía, também entre o rio Ucayali e a Cordillera Azul, no Peru.

Katukina, falada pelo povo que vive no alto rio Juruá, nas terras indígenas Rio Gregório e Terra Indígena Rio Campinas, no estado do Acre, no Brasil.

Kaxinawa, falada pelo povo que vive no Brasil, no estado do Acre, e no Peru, ao longo dos rios Curanja e Purus em várias Terras Indígenas.

Nukini

Nawa

Poyanawa, falada pelo povo que vive na Terra Indígena Poyanawa, no alto rio Moa, no Estado do Acre, no Brasil.

Shipibo-Conibo, que habitam as margens do rio Ucayali, no Peru.

Yaminawa, falada pelo povo que vive no Brasil e no Peru. No primeiro, vivem na Terra Indígena Alto Rio Purus, na Terra Indígena Cabeceira do Rio Acre, na Terra Indígena Jaminawa do Igarapé Preto, na Terra Indígena Jaminawa Arara do Rio Bagé, na Terra Indígena Mamoadate, todas no estado do Acre. No Peru, nos rios alto Juruá e Purus, departamento de Pando.

Além das línguas citadas acima, existiram outras línguas da família Pano que foram conhecidas pelos pesquisadores, mas que hoje em dia não são mais usadas, ou porque o povo deixou de falar sua própria língua, ou porque seus falantes morreram todos por epidemias ou conflitos.

HISTÓRIAS DA ORIGEM DO POVO MATSÉS

Os Matsés e outros povos falantes de línguas Pano compartilham muitos hábitos e traços culturais. Eles têm formas parecidas de chamar os parentes (termos de parentesco), de fazer suas roças, de fazer as crianças crescerem e virarem adultos, de caçar, de usar os remédios do mato, de chorarem seus mortos.

Os próprios Matsés reconhecem essa proximidade com os povos Pano, com os quais convivem hoje em dia, como os Matis e Marubo, e o fato de que eles poderiam ser um mesmo povo que há muitos e muitos anos foi separado. Há até mesmo um mito em comum que é contado não só pelos Matsés, mas por vários povos Pano, ainda que com algumas diferenças entre suas versões, que fala sobre a separação e a diferenciação dos povos. É o mito da cobra que servia de ponte.

José Tumi “Cashishpi” nos conta assim essa história¹:

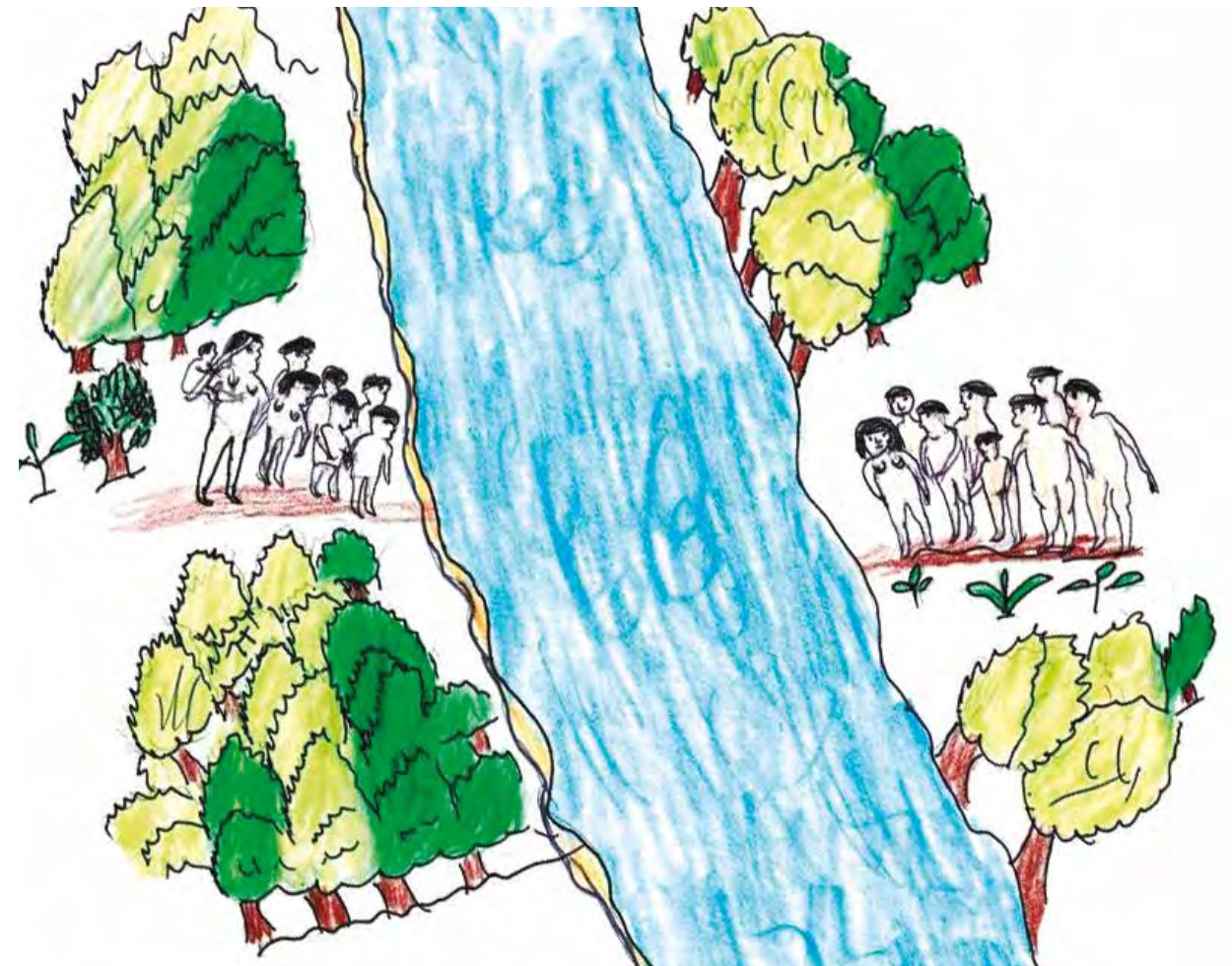
A cobra que servia de ponte

Todos os Matsés levaram carne moqueada para a beira do rio. Carregavam a carne nas costas e cantavam. Quando eles chegaram no local, começaram a jogar pedaços de carne no rio. A cobra comeu e começou a subir. Quando a cobra boiou, os Matsés começaram a atravessar o rio nas costas dela e muitos assim o fizeram.

Mas tinha uma mulher que estava menstruada. O marido dela falou para ela: “Espera que as pessoas terminem de atravessar. A gente atravessará por último”.

Mas ela tinha um namorado. Quando ele atravessou, ela atravessou também e a cobra afundou. As pessoas que não tinham atravessado o rio ficaram muito tristes.

Então o marido dela falou para os outros homens, do outro lado do rio: “Você pode casar com ela. Eu não posso atravessar o rio”.



As pessoas que não atravessaram falaram assim para os outros Matsés que ficaram num lado do rio: “oon-ooncuish-cuishon. É aqui que vamos fazer a roça. Vamos juntar os restos daquele povo *maiu* que flechamos”.

Depois de um tempo, voltaram na beira do rio aquelas pessoas que não conseguiram atravessar, trazendo muita carne moqueada. Então, eles começaram a jogar pedaços de carne novamente e a cobra subiu um pouco no meio do rio.

Depois disso, a cobra nunca mais apareceu. Então os Matsés fizeram

uma canoa de paxiúba para atravessar o rio. Mas os *Uampamês* não permitiram que o fizessem, furando a canoa para que ela afundasse. Como os *Uampamês* não deixaram os Matsés atravessar o rio, eles foram mais acima do rio.

Quando os Matsés chegaram mais acima, fizeram uma canoa de paxiúba para tentar atravessar novamente. Quando os Matsés colocaram a canoa no rio, os *Uampamês* furaram a canoa deles de novo e a canoa afundou. Os Matsés nunca mais atravessaram o rio e ficaram no mato todo o tempo.

Essa narrativa da “A cobra que servia de ponte” vem de tempos antigos, e é contada há muitos e muitos anos pelos Matsés, passando de geração a geração. Essas narrativas antigas, muitas vezes chamadas de “mitos”, são próprias de cada povo e fazem parte do conhecimento que é transmitido dos mais velhos para os mais novos. Os mitos vão sendo contados ao longo do tempo, e vão se transformando. Cada vez que são narrados eles se modificam de acordo com quem narra, com quem escuta, com os acontecimentos que vivem aquele povo naquele momento. Mesmo se transformando, os mitos transmitem o pensamento e a tradição de cada povo.

Muitas dessas narrativas falam de um tempo em que não havia diferenciação entre as sociedades dos homens e dos animais. Alguns mitos são considerados como narrativas sobre as origens, pois eles contam como surgiram os homens, os povos indígenas, os animais, as plantas, os rios e tudo que há no mundo.

Durante a oficina de edição deste livro, realizada em julho de 2013, os professores e jovens participantes transcreveram e traduziram o que José Tumi Cashishpi contou do que ele considera uma das mais importantes histórias sobre a origem do povo Matsés.

O Surgimento dos Matsés

Os Matsés surgiram da cuia que espocou. Eram duas cuias e de cada uma saiu uma criança, um menino e uma menina. Eles cresceram juntos, o tempo passou, e a menina menstruou pela primeira vez. O menino também já era homem.

O menino ficou assustado e pensou que ela estava ferida e foi até o mato buscar uma planta medicinal para que ela ficasse curada. Colocou onde o sangue saía e não melhorou. Passou só depois de alguns dias, sem precisar de remédio.

Um dia o homem saiu para caçar, e na mata viu um macaco transando. Ele pensou então que era assim que deveria fazer com a sua mulher. Quando voltou para a casa, ele transou com ela. Alguns dias depois, a mulher ficou grávida, mas perdeu o filho por não saber como fazer para a criança nascer.



Depois de um tempo, certo dia, ela engravidou de novo. Ela sentia muitas dores e resolveu sair de casa. Lá fora, sentada, de repente ela viu uma ratinha. A ratinha falou para ela: “Eu sou tão pequena e consigo parir os filhotes que estão aqui”, apontando para sua barriga. A mulher falou para a ratinha que sentia muitas dores. Em seguida, a ratinha ensinou a mulher a ter seu filho, ajudando e apertando a sua barriga. (tradução de Gonçalo Mayuruna, 2013)

O Surgimento dos alimentos Matsés

Há muito tempo, o povo Matsés não tinha os alimentos da roça que tem hoje. Nessa época, os Matsés se alimentavam de barro misturado com cinza de casca de pau – que chamamos de *mui*.

Certo dia, a família de uma mulher viúva saiu para pescar levando o timbó. Os filhos mais velhos da viúva foram na frente para ir caçar e a viúva foi atrás com seu filho mais novo e a filha solteira. No meio do caminho, ouviu um canto do mutum e a viúva mandou o filho matá-lo, o rapaz foi e soprou a sua zarabatana e o mutum falou: “Cuidado com o meu saco”.

O rapaz se assustou, abaixou a zarabatana e voltou para o encontro de sua mãe. Depois contou para sua mãe o que o ele tinha dito: “O mutum falou em voz de gente quando eu soprei minha zarabatana e disse para que eu tivesse cuidado com o seu saco”. Ouvindo isso a mãe do rapaz chamou a filha, foi com ela e encontrou com o mutum, que continuava a cantar.

A viúva mostrou a filha para o mutum e falou: “Queria que você virasse gente para casar com a minha filha. Eu sou uma viúva e estou sofrendo muito”. O mutum olhava para a mulher e continuava a cantar sem parar.

Depois que falou isso, a mulher voltou e seguiu o caminho até encontrar os outros filhos que tinham ido na frente. Quando ela chegou no tapiri, encontrou somente as noras, pois os filhos já tinham ido caçar. Depois de algumas horas, chegou um homem trazendo um mutum e uma preguiça nas costas. Ele entrou no tapiri. A mulher, tendo esquecido o que tinha falado, perguntou: “Quem é você?” O mutum respondeu: “Sou quem você pediu para que virasse gente para casar com sua filha, quando eu estava chorando com saudade da mulher que o homem matou. Eu sou aquele!”.

A mulher, lembrando-se do que tinha dito, pediu para a filha servir a comida: “Serve pamonha para seu marido, filha”. E a filha serviu, o homem mutum pegou a pamonha, provou e sentiu que essa comida era barro, jogando-a. O homem mutum falou: “Isso não é comida, é barro”. Ele não comeu.

Algumas horas depois chegaram os que tinham ido caçar, e a mãe falou para o filho: “O seu cunhado chegou”. E ele disse: “Serve pamonha para meu cunhado”. A mulher serviu e ele provou novamente, e falou a mesma coisa: “Isso não é comida, é barro”.

Comeram o que tinham matado, depois foram dormir e na madrugada, como era de costume do mutum, ele acordou cedo e falou: “Órfãos, acordem para conhecer como é comida. Vocês estavam comendo barro. Antes de pescar, vamos buscar comida”.

Eles foram todos para a roça do mutum, onde havia uma roça bem grande e uma capoeira. Vendo isso os Matsés ficaram impressionados, se perguntando: “Como eu não tinha visto?”. Depois o homem mutum ensinou como comer cada produto, porque os Matsés não sabiam, comiam a banana com a casca, cozinhavam a macaxeira com a casca, e assim por diante....

Depois voltaram e no dia seguinte saíram para pescar. Quando chegaram no local, as pessoas começaram a machucar o timbó para jogar no igarapé e o homem mutum perguntou: “Para que é isso?”. Os Matsés responderam: “É para matar peixe”. E o mutum respondeu: “Não é assim que se pesca! Vai tirar duas varas compridas”. E os cunhados dele tiraram uma vara comprida e a outra menor, mas ele pediu para tirar comprida igual à outra.

Ele pegou as duas varas e pediu para que os Matsés saíssem de perto, enfiando as varas no meio do igarapé. Depois de alguns instantes ele gritou: “Venham pegar os peixes!”. E os Mat-

sés voltaram e viram o igarapé seco e com muitos peixes na terra. O homem mutum disse: “Só peguem os grandes”. E ele gritou: “Saiam logo porque a água está chegando!”. A água veio e encheu de novo. Voltaram trazendo para casa muitos peixes.

A família da viúva não voltou mais, passou a morar lá. Vendo isso, o tio dos órfãos foi procurar os sobrinhos, mas não os encontrou, encontrou somente cascas de banana. Depois, ele voltou triste se perguntando o que tinha acontecido com os seus sobrinhos. Alguns meses depois, os órfãos foram visitar os tios levando um pouco de cada alimento. Quando eles chegaram na maloca do tio, ele os abraçou e chorou, perguntando onde eles estavam, porque ele tinha ido procurá-los. E os sobrinhos responderam que estavam morando por lá mesmo. Mostraram o que tinham levado, ensinaram como preparar a comida e a comer e o tio gostou. Depois de alguns dias, o tio foi morar com eles. Depois, toda maloca foi.

Um tempo depois, quando todo mundo tinha suas próprias roças e já sabiam plantar, a mulher do mutum discutiu com outras mulheres, e na discussão uma mulher esculhambou o homem mutum que era o marido dela, dizendo que ele era bicudo.

Com raiva, a mulher dele contou para seu marido mutum, que decidiu ir embora, levando apenas a família que ele encontrou. Onde era a roça dele virou buritizal.

O tio do cunhado dele tentou visitá-lo, mas não conseguiu, derrubava o pé de buriti, mas não afundava. Depois de algum tempo, o sobrinho do homem mutum foi visitar os Matsés, mas depois ele voltou pra roça do mutum e nunca mais veio. (tradução de Raimundo Mëan Mayuruna, 2013)

A história do céu que caiu

Há muito tempo, existiam muitas pessoas, que podiam se casar com suas próprias irmãs, filhas e tias.

Por causa disso, o céu desceu, ficando bem baixinho e perguntou para as pessoas quem eram as suas mulheres. Então, elas responderam: “Eu sou casado com minha irmã”, disse um. Outro era casado com sua filha e outro, com sua tia. A primeira pessoa da fila respondeu: “Eu sou casado com a filha do irmão da minha mãe”, ao que o homem do céu lhe disse: “Você é o único que casou certo e é você quem vai me levantar. Tira uma vara bem comprida e me empurra de volta”. Essa pessoa foi tirar a vara e empurrou o céu de volta cantando, falando de urubu e gavião e o céu subiu de volta.

Antes de voltar, o homem do céu deu a seguinte ordem:

“Se vocês continuarem a se casar com seus próprios parentes, eu vou cair de novo”. Mas ninguém o obedeceu e o céu caiu matando todo mundo. Escaparam apenas duas pessoas: uma foi aquele que fez o céu subir uma vez porque ele pulou embaixo de um pé de tucum bem alto, conforme a orientação do homem do céu. Mas, essa pessoa não levou sua mulher e foi sua irmã a outra pessoa que conseguiu escapar com ele. (tradução Raimundo Mean Mayuruna, 2013)

História do Japó e o Homem



Perto da roça tinha um pé de cumaru, onde tinham filhotes de japó. Um homem resolveu pegá-los. Fez uma escada em cima do cumaru e depois trepou até chegar perto dos filhotes.

Ele pegou um macho e jogou para baixo, na terra. Nesse momento, o seu cunhado chegou pedindo outro filhote de japó, mas ele não o escutou. O cunhado ficou com muita raiva e cortou a escada que ele estava usando e a escada caiu no chão. O homem que estava em cima da árvore ficou assustado e disse: “Eu estava mentindo, você vai ficar com outro japó”. Mas não adiantou em nada, o cunhado que cortou a escada voltou rindo para casa.

Assim, o homem que tirou o ninho do japó ficou muito tempo em cima da árvore. O cabelo dele então começou a cair por causa do sol. Quando ele estava com sede, ele bebia sua própria urina. Até que a lua apareceu.

Assim que apareceu a lua na frente dele, ele pediu para que ela virasse gente. Minutos depois ela respondeu: “Também sou gente”. Depois a lua pediu para que ele se aguentasse no tronco, para não cair. Então ela desceu, e balançou muito os galhos do cumaru, onde o homem se segurou firmemente para não cair. O homem e a lua começaram a conversar, ao que a lua disse: “Eu não me chamo lua, meu nome é Iba”. Depois

da conversa, o Iba subiu e ficou brilhando no céu. Algum tempo depois o Iba voltou trazendo o *tote* (faixa de tucum), para o homem descer da árvore.

O Iba pediu para o homem sentar no *tote*. O homem sentou e Iba soltou o *tote* para alcançar o chão, mas o *tote* chegava apenas no meio do tronco da árvore, deixando o homem triste. Iba viu que o *tote* não ajudaria o homem a descer até o chão, então o puxou de volta para cima. O Iba voltou para pegar um outro *tote*, o que demorou mais um tempo, mas voltou com um mais comprido. Novamente o Iba pediu para o homem sentar no *tote* e soltou devagar até alcançar o chão e o homem lhe disse que tinha conseguido pisar na terra. Assim que sentiu o chão, bateu no tronco da árvore dando o sinal para o Iba. O Iba pediu para que o homem o esperasse no chão.

Então Iba chegou e sentou para conversar sobre como o homem tinha que se vingar do seu inimigo (seu cunhado). O Iba o orientou e lhe entregou os seguintes materiais: flauta, banha de tamanduá, caroço de tucumã, caroço de paixubã e *mecte*, conhecido como cacete, e as formigas *masioco*. Depois de muita orientação, o Iba levou o homem para sua casa para que encontrasse a sua mulher. O homem ficou feliz, alegre, e ao chegar, bateu na porta e aguardou

sua mulher abri-la. No momento que viu seu marido, ficou emocionada.

No amanhecer do dia, ele tocou a flauta como sempre tocava e ao escutá-la, seu cunhado ficou surpreso. Então ele foi para a casa do seu cunhado e entrou falando: “Cheguei, caí em cima das folhas que sua irmã colocou embaixo do pé de cumaru”. Finalizando a conversa o homem mandou sua mulher fazer mujica com banha de tamanduá.

Dentro de alguns minutos a mujica ficou pronta, e a mulher a entregou para o seu irmão. Ele a tomou, ficou com muita sede e começou a pedir por água. Mas na casa não tinha água, o que o deixou desesperado, então sua irmã correu para buscar água. Ela demorou muito para trazer e seu irmão ficou ainda mais desesperado, pois queria água.

A mulher não trouxe logo, porque Iba havia falado para o homem não dar água a seu cunhado depois dele tomar a mujica, porque assim ele iria virar *shaë* (tamanduá). Então o cunhado percebeu que sua irmã não ia trazer água e decidiu ir embora beber água na sua casa. No momento em que ele saiu, o homem ficou observando-o. Nesse instante todos viraram tamanduá, e o homem que estava observando correu com o cacete na mão e matou o cunhado, o filho e a mulher que viraram tamanduá, antes que eles fugissem.

No final da tarde, o homem colocou as formigas *masioco* ao redor de sua casa para que outro inimigo não chegasse perto. O homem ficou acordado durante toda a noite com o rapé na boca ouvindo os gritos das pessoas que os *masioco* matavam. Os inimigos chegavam ao redor de sua casa, mas as armadilhas os matavam antes que pudessem entrar. O dia amanheceu e o homem foi ver as *masioco* e encontrou as formigas carregando restos de cabelo. As formigas durante a noite viravam onça e durante o dia viravam *masioco* e eram guardadas em um pedaço de taboca (*cuda dētiaid*).

No dia seguinte o homem saiu de sua casa para visitar outras malocas. No meio do caminho, ele encontrou um grupo de pessoas que eram seus inimigos. Ele pegou o caroço de tucumã que Iba deu para ele e o jogou nas pessoas, fazendo com que todos virassem queixadas. Ele correu e matou todas as queixadas com a própria lança. Depois disso, o homem seguiu caminhando até chegar na maloca. Quando entrou na maloca, as mulheres estavam fazendo mingau de milho e ficaram rindo dele. Uma mulher disse: “Olha o velhinho, como ele passou pelas pessoas que foram matá-lo? Será que ele matou todas as pessoas que foram atrás dele?”. Novamente o homem tirou o caroço de tucumã, soprou e jogou contra as mulhe-

res. Elas viraram queixada e tentaram fugir, mas o homem correu atrás delas e as queixadas caíram no igarapé, onde o homem as matou.

No dia seguinte, ele foi passear e encontrou um casal na beira do igarapé, pegou o caroço de murumuru que Iba deu pra ele, jogou contra o casal, que virou caititu. Os caititus fugiram para o mato.

Mais tarde o filho do homem ouviu falar que um casal tinha desaparecido, e perguntou para seu pai se era ele que fazia com que essas pessoas sumissem da aldeia. O homem não respondeu o seu filho, apenas saiu e foi atrás do caroço de murumuru.

No dia seguinte, o homem encontrou outro casal, e lhes jogou o caroço de paixubã, que fez com que virassem veados. O filho perguntou novamente para o homem se era ele que tinha feito o casal sumir. Seu pai, sem responder, voltou ao local onde o casal tinha virado veado, pegou o caroço de paixubã de volta, de modo que o casal voltou a sua forma humana. O casal disse: “Meus dentes estão doloridos de tanto mastigar o caroço de paixubã”.

Então foi assim que o homem se vingou de seus inimigos. (tradução Carlos Bina Mayuruna, 2013)

MODO DE VIDA DOS ANTIGOS

Os Matsés, como todo povo indígena ou não indígena, têm seu próprio modo de vida, seus costumes, sua maneira de morar, produzir seus alimentos, ocupar e trabalhar a terra, de se relacionar com os animais, plantas, e todas as coisas que compõem o seu ambiente. Esse modo de vida próprio dos Matsés foi se modificando ao longo do tempo. Atualmente, vivem em aldeias onde moram várias famílias diferentes, divididas em muitas casas. Mas isso não foi sempre assim. Antes do fim das guerras contra os brancos e contra os outros povos indígenas, os Matsés tinham um modo de vida diferente. Cada grupo vivia separado em sua própria maloca, onde todos dormiam e moravam (Gonçalo Borges Mayoruna e Mauro Bai Mayoruna, 2009).

A maloca dos antigos era construída por cada família. Primeiro, os homens começavam tirando os paus que iriam servir para fazer a estrutura. As mulheres faziam a maloca junto com os homens, elas teciam as palhas e limpavam dentro da estrutura que estava sendo construída. Quando ficava pronta, cada família pegava seu “quarto”, seu compartimento, chamado *quene*. Os homens também convidavam seus parentes, que viviam separados em outras malocas, para ajudar na construção.

Quando estavam derrubando roças, os Matsés também convidavam pessoas da família, que viviam em outras malocas, para ajudar porque assim terminariam mais rápido. Para os convidados, ofereciam comida e caçuma. O cacique falava para eles passarem ao menos quatro dias para brocar as roças. Quando terminavam de derrubar as roças, aquelas pessoas voltavam para as suas malocas.

Além disso, os homens da maloca também convidavam os homens para caçar. Depois da caçada, voltavam para casa e comiam juntos as comidas que as mulheres haviam preparado. Contavam as histórias passadas, como é que viviam os antigos e também cheiravam rapé.

Assim os Matsés sempre visitavam malocas diferentes, de seus parentes, levando notícias do que acontecia em uma para outra. Participavam também de festas com muitas pessoas de famílias e malocas diferentes e com muita comida².

O professor Luiz Nêca Mayoruna (2009) relatou que para realização das festas, os Matsés reúnem todas as pessoas da comunidade para fazer a maloca. Depois da reunião e de todos estarem de acordo, começam a trabalhar na construção da maloca. Quando terminam de fazer tudo,

o cacique convida todas as pessoas para a festa, para que todos possam dançar. Ele manda as mulheres fazerem caçuma para beberem. Só quando a festa termina é que as pessoas vão embora para as suas malocas. Mas antes de saírem, todos os caciques se reúnem e conversam.

Paulino Mayoruna conta que:

“Antigamente os Matsés realizavam muitas festas e algumas delas eram muito importantes para o povo. A do povo Mayoruna, por exemplo, era muito bonita. O cacique convidava outras malocas para ajudar a fazer a comida para a festa. Quando a plantação estava pronta, chamava todas as pessoas e jovens para participar. Os jovens e adultos faziam pintura, chapéu, pulseira, flecha, caçuma de macaxeira, de banana, de milho, de pupunha, etc. Já as mulheres faziam para seus maridos todo o tipo de caçuma. As pessoas trabalhavam na construção da maloca com muita alegria e já pensavam na festa, em que haveria, muita comida”. (Paulino Mayoruna, 2009)

O professor Ecir Bai também relata que:

“Antes visitavam os parentes, como primos, irmãos, irmãs e tios, para convidar para fazer as festas e danças dos Matsés. Também os visitavam quando não tinham alguma coisa que precisavam, como a flecha e o arco.

É assim que acontecia antes, quando os Matsés não tinham algo de que precisavam. Além disso, como não tinha rádio para entrar em contato, quando os parentes ficavam doentes, um Matsés precisava ir avisar o tio ou irmão, e para isso eles andavam muito, muito longe, por quase um dia. Hoje não é assim, agora tem rádio para entrar em contato com o parente e cartas para mandar para a mãe ou irmão. Antes não era assim, sofria muito nosso parente Matsés antigo. Hoje em dia os Matsés não realizam mais todas as festas, muito por conta do contato com missionários. As principais festas dos Matsés eram *macun aquec* e o *cuëdênquido*. (Ecir Bai Mayoruna, 2009)

A FESTA *MACUN AQUEC*

O *macun aquec* era uma grande festa em que os donos de uma maloca recebiam como convidados outro grupos Matsés, que viviam em outras malocas dispersas. Atualmente os Matsés não fazem mais festas *macun aquec*. O antropólogo Steven Romanoff, que morou junto com os Matsés na antiga aldeia Buenas Lomas nos anos de 1976 e 1978, conta em sua tese de doutorado (Romanoff, 1984) que os Matsés faziam muitas festas de *macun aquec* antes de viverem junto com as missionárias no Peru. Ele conta que para

realizar esta festa, as mulheres da maloca anfitriã preparavam largas quantidades de bebida de banana e milho, enquanto os homens realizavam grandes caçadas. Era importante receber os convidados com fartura de bebida e carne defumada.

Na preparação para a festa *macun aquec*, os homens anfitriões saíam com certa antecedência para caçar, em grupo. Os homens retornavam da floresta depois de alguns dias, carregando grandes quantidades de caça em suas costas. Eles chegavam pintados e cantando. As mulheres encontravam-nos na chegada da trilha que levava à maloca, e pegavam a carne de suas costas. Cada mulher pegava a caça do seu primo cruzado e as casadas pegavam a carne de seus esposos. As carnes eram levadas ao fogo para defumar, dentro da maloca. No *macun aquec* acontecia a troca de artefatos entre anfitriões e visitantes, assim durante a preparação da festa os homens fabricavam flechas e as mulheres, potes de cerâmica.

Além dos homens que saíam para caçar para o ritual, mensageiros eram enviados para convidar as malocas de outros grupos Matsés.

Homens e mulheres se enfeitavam para receber os convidados, que chegavam também enfeitados. Os homens e mulheres Tsasibo se pintavam de urucum e jenipapo com os padrões de seu *tēbo*, o mesmo para os homens e mulheres Macubo.

Quando os visitantes se aproximavam, as mulheres anfitriãs iam novamente até a trilha por onde estes chegavam para recebê-los no caminho, levando bebidas doces. Então todos caminhavam até a maloca anfitriã, onde dançavam e cantavam. Em vários momentos havia brincadeiras entre primos cruzados de sexo oposto, anfitriões e visitantes, onde eles se jogavam água, se derrubavam no chão enlameado da maloca. Estas eram também brincadeiras de provocação sexual.

Em outros momentos mais calmos do festival, mulheres e homens serviam uns aos outros uma bebida fermentada, distribuíam a carne em pedaços para que todos comessem juntos, e havia também a troca de ornamentos e de artefatos. Nos períodos de dança e canto dentro da maloca, os grupos de homens e mulheres anfitriões e visitantes cantavam uns para os outros. Cada grupo de parentes cantava para outro grupo de parentes.

Por exemplo, os homens cantavam assim para suas mães:

*Nuquin tan chonoadaid shubudaiun
madun cuencuen budeeeeeeee*

*Nuquin tan chonoadaid shubudaiun
madun cuencuen budeeeeeeee*

*Mani uma umudec mani uma umu-
deeeeeee*

Mani umbudec umbudeeeeeee

*Nuquin tan chonoadaid shubudaiun
madun cuencuen budeeeeeeee*

Os homens cantavam assim para suas irmãs:

Chëshun uaca bēdanēc eee

Chëshun uaca bēdanēc eee

*Chëshun uaca bēdanuc Chëshun
uaca bēdanuc eee*

*Chëshun uaca bēdanuc Chëshun
uaca bēdanuc eee*

*Nuquin chuchu iabon Chëshun uaca
bēdanuc eee*

*Nuquin chuchu iabon Nuquin chuchu
iabon Chëshun uaca bēdanuc eee*

*Nuquin chuchu iabon Nuquin chuchu
iabon Chëshun uaca bēdanuc eee*

Brincando com suas cunhadas, os homens cantavam assim:

Atsa putu aton iqui bēiuquēc eee

*Atsa putu aton iqui bēiuquēc aton
iqui bēiuquēc eee*

*Atsa putu aton iqui bēiuquēc aton
iqui bēiuquēc eee*

*Atsa putu aton iqui bēiuquēc aton
iqui bēiuquēc eee*

Atsa putu aton iqui bēiuquēc aton

iqui bēiuquēc eee

*Atsa putu pisidac aton iqui bēiuquēc
eee*

*Atsa putu pisidac atsa putu pisidac
aton iqui bēiuquēc eee*

E as mulheres também brincavam com seus cunhados, cantando:

*Shubu bacuē shubu bacuē aton iqui
daiuquē daiuquē oooo*

*Shubu bacuē shubu bacuē chuabu-
dec chuabudec oooo*

*Shubu bacuē shubu bacuē shana bu-
dec shana budec oooo*

*Shubu bacuē shubu bacuē aton iqui
daiuquē daiuquē ooo*

*Madun shui madun shui aton iqui
daiuquē daiuquē ooo*

*Madun shui madun shui aton iqui
shanabude shanabude aton iqui sa-
cbude sacbude ooo*

*Madun iqui madun iqui madun iqui
sacbude sacbude aton iqui daiuquē
daiuquē ooo*

Os homens cantavam assim para seus *cucu* (sogros-tios maternos):

*Nuquin cuca iabon nēnē muca
paēboc eee*

*Nuquin cuca iabon dumë muca
paëboc eee*

Nuquin cuca iabon ichac bunidac eee

*Nuquin cuca iabon uni putinputin-
dac eee*

*Nuquin cuca iabon choca uni unidac
eee*

*Choca uni unidac anmai anmaiboc
eee*

Os homens cantavam assim para suas *nachi* (sogra-s-tias paternas):

*Nuquin nachi iabon pano iabon pano
iabon eee*

*Nuquin nachi iabon pano iabon tapa-
tapanëc eee*

*Nuquin nachi iabon pano iabon capa
ina bëdanëc eee*

*Nuquin nachi iabon pano iabon aton
indë bëdanëc eee*

*Nuquin nachi iabon nuquin nachi ia-
bon iscu iabon tapanëc eee*

*Nuquin nachi iabon pano iabon iscu
bënë bëdanëc eee*

*Nuquin nachi iabon pano iabon iscu
ina bëdanëc eee*

Os homens também cantavam músicas sobre os animais:

Chëquë iabon paëboc eee

Chëquë iabon paëboc eee

Chëquë iabon paëboc eee

Quepa uisuboc quepa uisuboc eee

Aton chëdu nëtsiboc eee

Chëquë iabon paëboc eee

Aton chëdu nëtsiboc eee

*Quepa uisubo aton cadu daiundac
aton chëdu aton cadu daiundac eee*

*Quepa uisubo aton cadu daiundac
aton chëdu aton cadu daiundac eee*

*Quepa uisubo chëdu aton cadu
daiundac eee*

Quepa uisubo aton cadu tëtatan eee

Quepa uisubo aton cadu tëtatan eee

Quepa uisubo aton cadu tataish eee

Quepa uisubo aton cadu tataish eee

Também cantavam sobre as plantações na roça, como o milho:

*Uëshë badi iabon uëshë badi iabon
chaqui daunshuc eee*

*Uëshë badi iabon uëshë badi iabon
chaqui daunshuc eee*

Uëshë badi iabon chaqui daunshuc eee

*Uëshë badi iabon chaqui ëshë bëpanëc
eee*

*Uëshë badi iabon chaqui ëshë bëpanëc
eee*

*Uëshë badi iabon chaqui ëshë bëpanëc
eee*

Uëshë badi iabon chaqui daunshuc eee

Uëshë badi iabon chaqui daunshuc eee

*Uëshë badi iabon chaqui ëshë
bëpanëc eee*

*Uëshë badi iabon chaqui ëshë
bëpanëc eee*

Esses são só alguns exemplos, nas festas de *macun aquec* eram cantadas muitas outras músicas.

**QUE TAL SE VOCÊ PESQUISAR MAIS
COM SEUS PARENTES SOBRE AS MÚSI-
CAS DAS FESTAS DOS MATSÉS?**

A FESTA DO COMOC OU CUËDËNQUIDO

Antigamente o povo Matsés fazia muitas festas. Outra tradicional festa Matsés era a festa do *comoc*. Antigamente era assim, as mulheres nunca viam os *comoc*, somente os homens viam-no. Os homens tiravam a capa de *comoc* para chamar os espíritos deles, os *cuëdëmquido*. Pegavam os jovens e os levavam para o mato para passar duas semanas. Nessa festa, tomavam mingau de milho e de macaxeira e homens e mulheres se pintavam com urucum. Cada um pegava seu cunhado, as mulheres faziam assim na festa dos Matsés. Antigamente era assim, agora os Matsés fazem festas iguais às dos brancos, dançam igual *chotac*. (Francisco Manoel Bai, 2009)

Como era a festa dos cuëdëmquido

O professor Raimundo Mëan assim escreveu sobre a festa do *Cuëdëmquido*:

Para chamar os *cuëdëmquido*, os Matsés construíam uma maloca enorme, com uns trinta metros de comprimento e quinze de largura, com quartos, corredor e quatro por-

tas, uma em cada ponta e uma em cada lateral. Também construíam outra maloca separada para guardar a capa feita de envira de *comoc*. Depois que as malocas estavam prontas, os homens saíam para chamar os *cuëdênquido*. No meio do caminho, um velho Matsés se escondia debaixo de uma árvore e chamava com um assovio. Em alguns minutos os *cuëdênquido* apareciam, batendo em troncos de árvores para dar o sinal de que estavam chegando.

Depois que os *cuëdênquido* apareciam, os homens se juntavam a eles e iam para preparar a capa, derrubavam o *comoc* e tiravam a envira ou fibra dessa árvore. Depois mediam a altura dos *cuëdênquido* para tecer a capa e, enquanto o faziam, os *cuëdênquido* saíam para caçar a preguiça. Chegavam um por um trazendo a preguiça no lugar onde os Matsés teciam. Quando a capa estava pronta, saíam todos juntos para chegar até a maloca. Os *cuëdênquido* traziam a preguiça e os homens Matsés traziam a capa. Os *cuëdênquido* vestiam a capa, na verdade se cobriam, somente para entrar na maloca e para ficar perto das mulheres.

Os *cuëdênquido* traziam os animais vivos: preguiça, tatu, jacaré, poraquê, arraia, caititu, paca e jabu-

ti. Um velho ficava na maloca para matar os bichos que os *cuëdênquido* traziam para as mulheres cozinhar. Eram as mulheres que pediam esses bichos para os *cuëdênquido* depois que terminavam de acompanhar na cantoria. E os *cuëdênquido* atendiam aos pedidos das mulheres. Depois que traziam-nos, os *cuëdênquido* vinham para a maloca cantar e comer a cabeça de preguiça. Eles tinham o costume de comer o pedaço que traziam. Depois que cada um terminava de cantar, a mulher que acompanhava na cantoria perguntava quem eles eram e a quem pertenciam. E o *Cuëdênquido* respondia com seu nome e dizia o nome do seu *noshman* para as mulheres saberem. As mulheres tinham esse costume de lhes fazer estas perguntas antes de pedir o bicho.

Eram as mulheres que acompanhavam na cantoria, repetindo o que os *cuëdênquido* cantavam, dizendo o que eles mataram. À noite, cobertos com a capa de envira de *comoc*, entravam um por um para cantar. Somente assim as mulheres ficavam perto deles para acompanhar na cantoria.

Para as mulheres era obrigatório acompanhar os *cuëdênquido* na cantoria, mas elas não podiam vê-los sem capa, senão poderiam adoecer

e morreriam vomitando semente de jenipapo, urucum e pedaços de carvão. Isso também poderia acontecer com as crianças, se elas os vissem.

Os *cuëdênquido* caçavam durante o dia. Enquanto eles caçavam os homens Matsés teciam a capa para eles vestirem. De noite eles vinham para cantar, falando sobre todos os bichos e também sobre o que mataram. As mulheres que acompanhavam imitavam, repetindo a frase.

Os *cuëdênquido* defendiam as mulheres. Os homens que batiam nas suas mulheres eram castigados fisicamente, levados para o mato e trazidos desacordados, todos amarrados nos braços e nos pés e eram jogados dentro da maloca como se fossem um bicho morto, segundo os velhos. Somente o *cuëdênquido* ou *noshman* dos *dauës* ou *caniua* que levavam para castigar o seu *dauës* ou *caniua* Matsés, não só quem batia era castigado, mas sim todos os homens, nenhum escapava, eles eram levados à força.

Quando morria uma pessoa da maloca, independentemente da faixa etária, a festa com os *cuëdênquido* era interrompida imediatamente. Paravam tudo, não teciam mais a capa, pois isso era o sinal de luto. Os *cuëdênquido* também paravam de vir.

Esse momento de luto era muito respeitado tanto pelos Matsés quanto pelos *cuëdênquido*. Se continuassem estariam desrespeitando a pessoa falecida e a família.

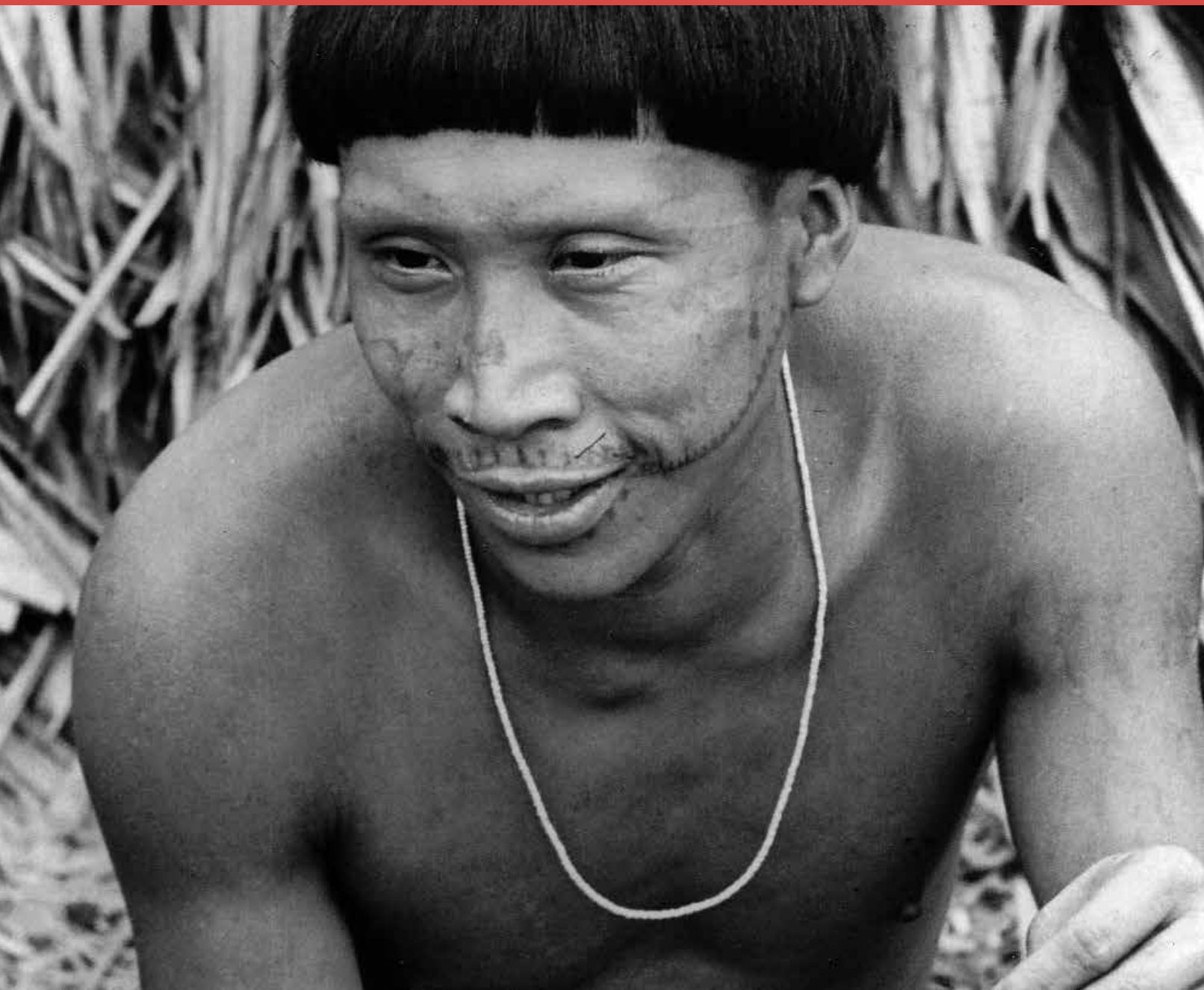
Esse momento era muito respeitado pelos Matsés. Todas as pessoas davam muita força para a família do falecido. Choravam todos e cortavam os seus cabelos. Ninguém fazia barulho, só havia choro de tristeza.

Levavam meses até se acostumarem com a ausência da pessoa falecida, ninguém chorava mais e todo mundo já estava com o cabelo crescido. Só então eles voltavam a chamar os *cuëdênquido* novamente, mas não na mesma maloca, em outro lugar, em outra maloca. Se fosse na mesma maloca seria desrespeito ao falecido e à família.

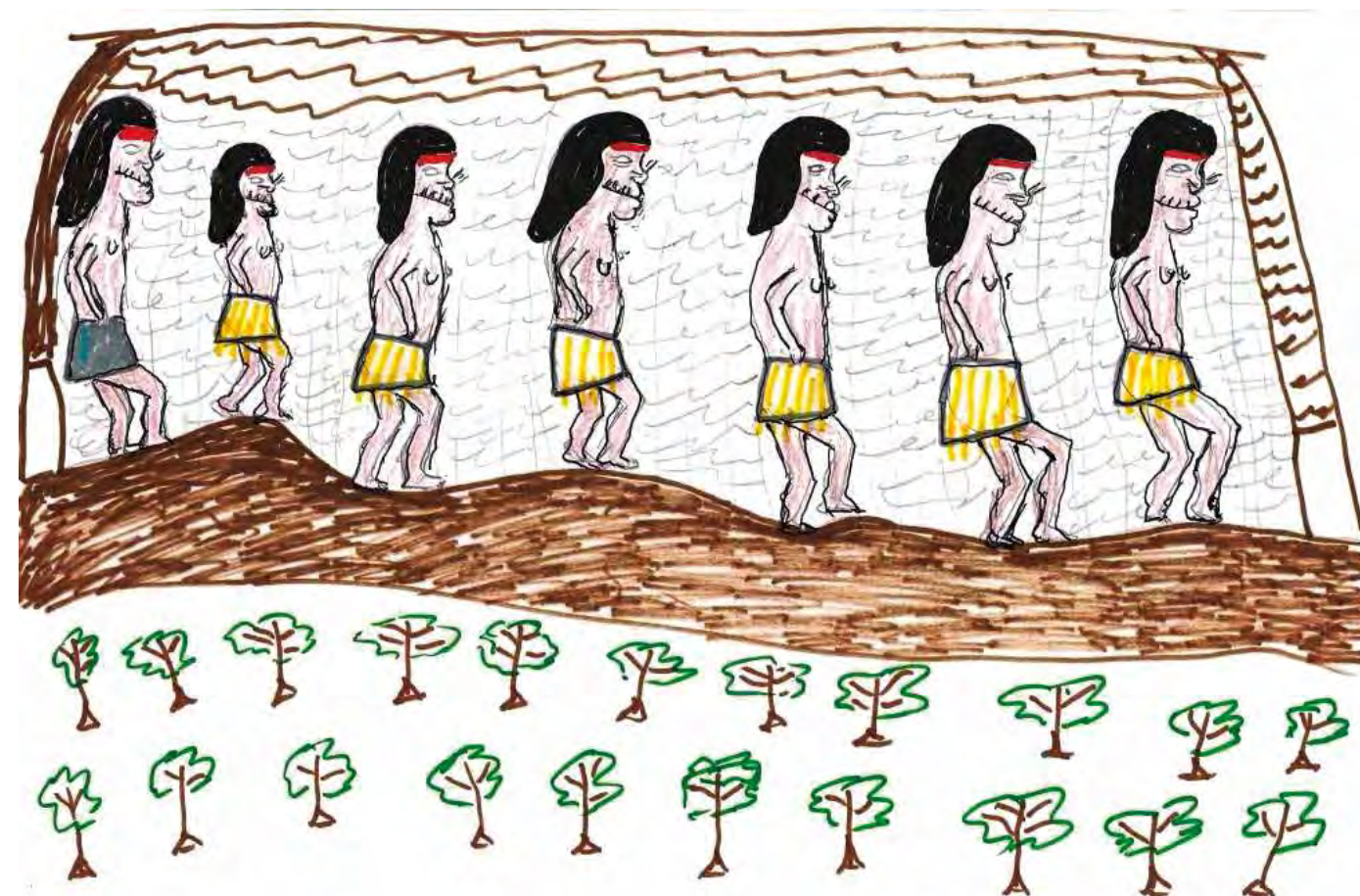
Para os velhos esse momento era muito respeitado. Por que algum dia esse morto vai ser o *cuëdênquido*. Hoje em dia esse momento já não é o mesmo, não se tem o mesmo respeito, a cerimônia tradicional com o choro, o corte de cabelo, as mudanças de lugar e o silêncio.

PROCURE SABER OUTRAS DIFERENÇAS NO MODO DE VIDA DOS MATSÉS ENTRE OS TEMPOS ANTIGOS E OS ATUAIS.

TEMPOS DE EXPANSÃO E DE GUERRAS



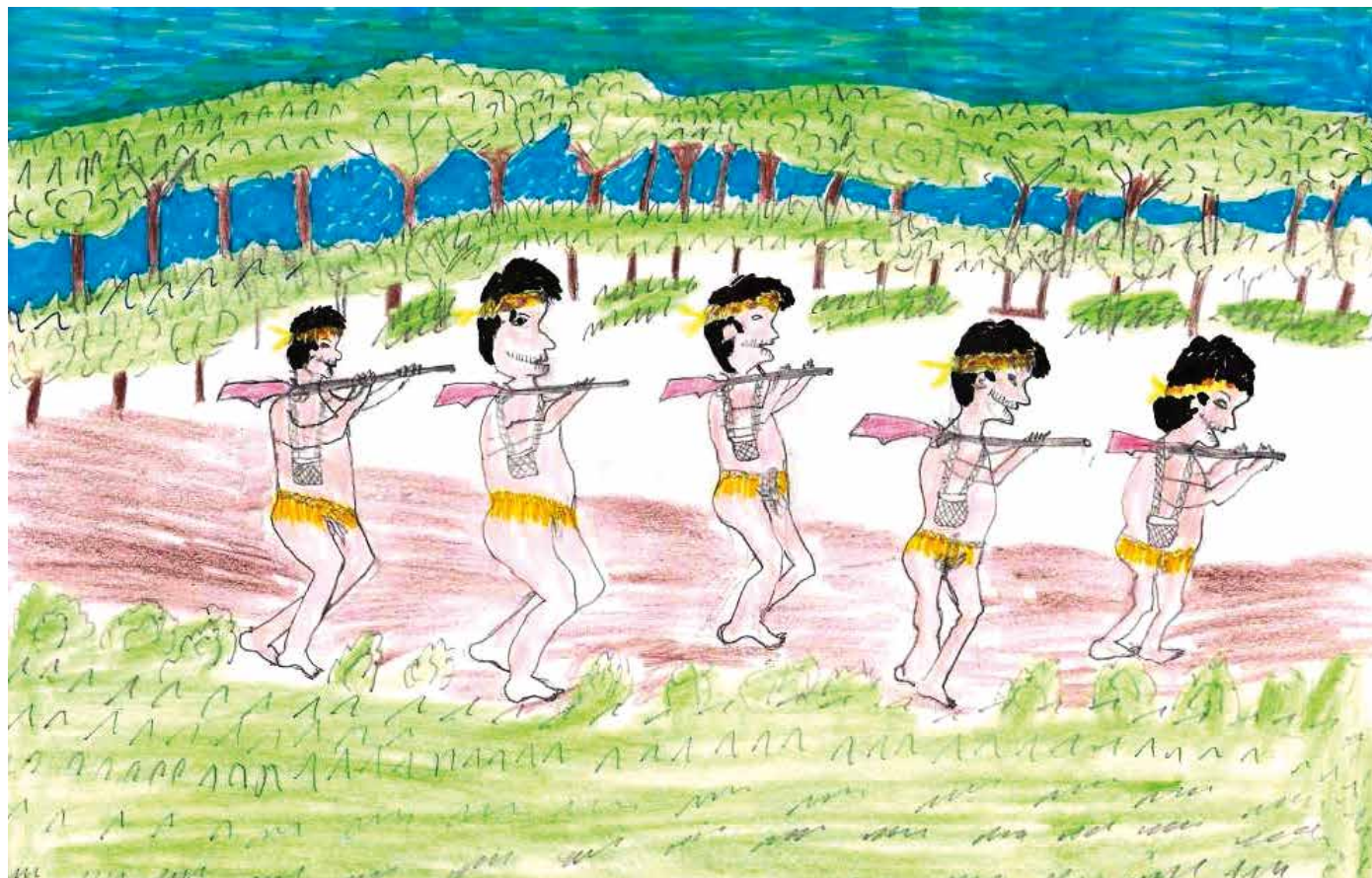
GUERRAS DE CAPTURA DE MULHERES



Vimos que antigamente, antes de constituir aldeias e viver em uma Terra Indígena demarcada, os Matsés viviam em grupos familiares, que moravam em malocas separadas umas das outras. Esses grupos realizavam festas entre si, mas também guerras. Entre eles havia visitas e conflitos.

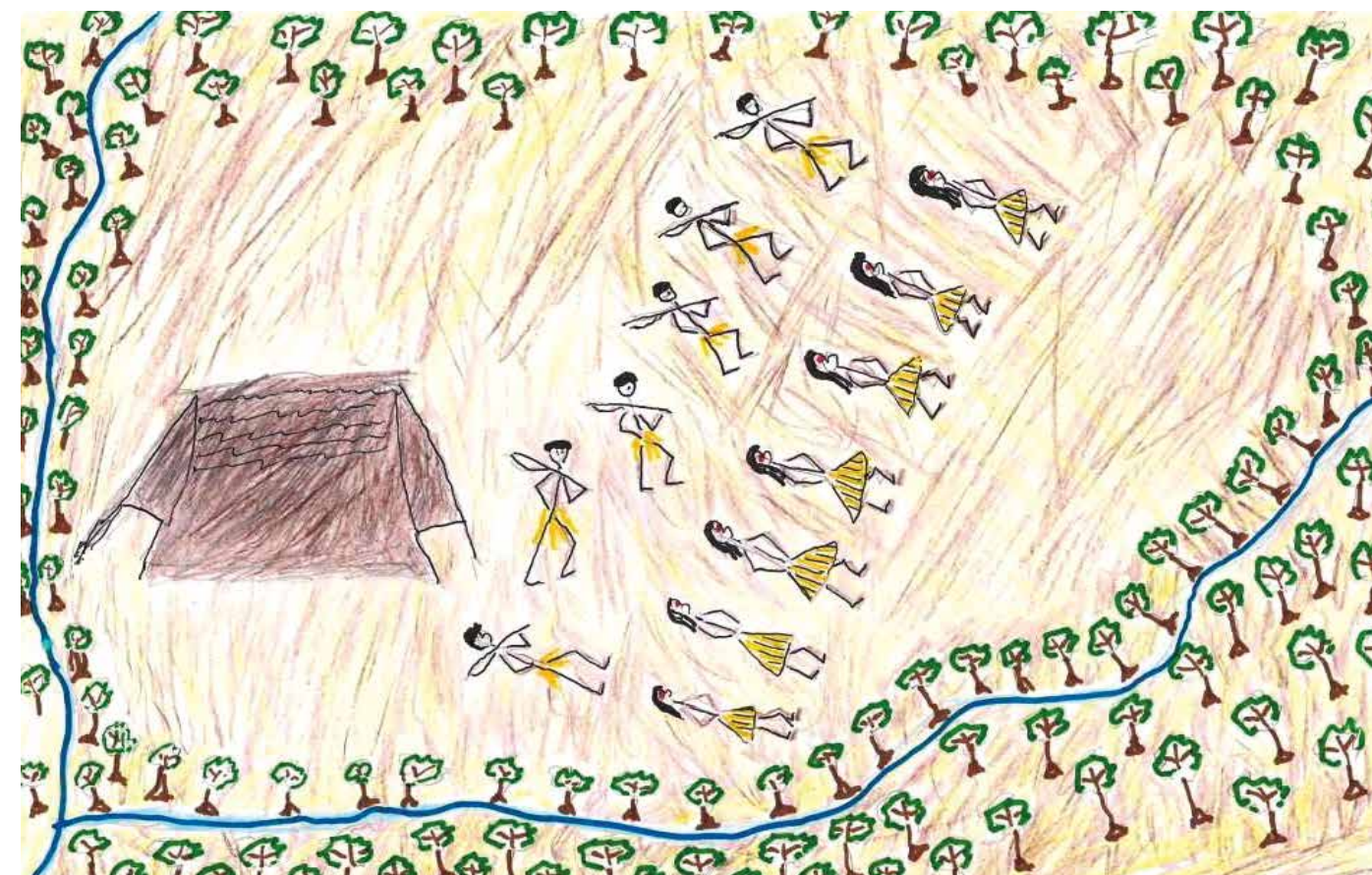
Outros povos também viviam assim, em malocas dispersas pela região da bacia do rio Javari. Os antepassados dos Matsés conviveram e guerrearam com

muitos deles, antes mesmo dos *chotac* chegarem nesse território. Em muitos desses conflitos, os guerreiros Matsés capturavam crianças e mulheres dos inimigos, fazendo delas suas esposas, com quem tinham filhos. Até hoje os Matsés lembram a origem de seus antepassados capturados, e muitos se consideram parte do povo Matsés, mas há quem se sinta parte de outro povo. O depoimento de Manoel Bai, transcrito por Ecir Mayuruna (2013), relata como os Matsés guerreavam:



Antigamente os Matsés viviam em grandes malocas. Cada grupo tinha sua maloca. Quando se preparavam para ir guerrear com outros povos, os Matsés cantavam. Eles cantavam em roda, dentro da maloca. Todos que iam para a guerra usavam enfeites na cabeça. Também cantavam segurando a espingarda na mão. Aquele que era valente cantava para o inimigo que ele iria matar. Assim cantavam, os Matsés guerreiros. Eles mandavam suas mulheres cantar para que eles fossem pegar outras mulheres para seus irmãos.

Então eles saíam cantando no caminho, o jovem ia com seu pai para pegar a sua mulher. E os Matsés traziam as mulheres, e todo mundo voltava para sua aldeia cantando: “Ēe, Ēe, Ēe”. Quando eles chegavam na aldeia, cada um batia no tronco da árvore *uibēn*. Eram os homens anunciando que estavam trazendo as mulheres para a sua aldeia. Muitas delas vieram de outros povos, por isso hoje em dia os Matsés estão todos misturados.



O professor Mauro Bai Mayoruna transcreve assim a fala de Tumi Cashispi:

Os Matsés viviam todos juntos na maloca. Dentro dela, cantavam rodando e se preparando para guerrear. Todos que iam para guerra colocavam enfeites na cabeça. Usando espingarda na mão. Aquele que era valente cantava para aquele a quem iria matar. Assim que cantava o Matsés guerreiro. Os homens mandavam as mulheres cantarem para que eles pegassem outras mulheres para seus irmãos. “*Uesnid Bacuē uac*” ficava na cabeceira do rio Pardo, onde viviam os Matsés.

Pedro Bëshësh, da aldeia Soles, contou em 2009 como os Matsés cantavam quando iam brigar e capturar mulheres dos outros povos (*Matsés utsi*):

Capa ini shatinec

Capa ini shatinec

Onin pucu pochin pochinda

Onin pucu onin pucu bin bin

Pucu ěnē chui chui

Pucu ěnē chui chui

Os mais velhos contam que nas expedições para a captura de mulheres, grupos de homens viajavam por vastas distâncias, percorrendo uma área que vai desde o baixo Ucayali e os tributários orientais do rio Tapiche, a oeste, atravessando a fronteira Brasil-Peru (rio Javari) e alcançando, a leste, o rio Ituí.

Os grupos que foram atacados pelos Matsés eram tanto falantes de línguas Pano como de outras línguas. Vários deles são hoje chamados de *mayu*, mais precisamente aqueles que falam línguas muito distintas e incompreensíveis para os Matsés. Além da palavra *mayu*, os Matsés usam a expressão *Matsés utsi* ("outro povo", "outra gente") para designar povos indígenas com os quais guerrearam, ou qualquer povo indígena, por oposição aos "brancos", aos *chotac*.

Alguns desses povos que os Matsés dizem ser *mayu* ou *Matsés utsi* são também chamados por algum termo que caracteriza o grupo, por exemplo, de Dēmushbo (*dēmush* = adorno no nariz), Chancuëshbo (*chancuesh* = tucano), Camumbo (*camum* = onça), Tsauesbo (*tsaues* = tatu), Canabo (*cana* = arara). Os Dēmushbo eram aqueles que possuíam o adorno no nariz *dēmush*, os Camumbo eram chamados assim porque comiam carne de onça, os Tsauesbo comiam tatu, os Canabo falavam "como araras" (Matos, 2014).

OS OUTROS POVOS

Os Camumbo e os Demushbo

Os mais velhos contam que os Matsés são descendentes de dois grupos que viveram por algum tempo juntos, mas depois brigaram e se separaram: os Camumbo ("Povo Onça") e os Dēmushbo ("Povo de Espinhos no Nariz"). Esses dois grupos falavam línguas muito parecidas com a língua Matsés atual, ou seja, falavam uma língua Pano Setentrional ou Mayoruna. As línguas Pano Setentrionais ou Mayoruna são aquelas mais aparentadas com a língua Matsés, como Kulina-Pano, Matis e Korubo.

Contam as histórias que em uma época bem anterior à chegada dos brancos no seu território, alguns antepassados dos Matsés usavam como enfeite pequenos espinhos no nariz, os *dēmush*. Nessa época, eles aprenderam com os Camumbo a usar flechas e a se tatuar como os Matsés se tatuam hoje. Isso foi há muito tempo. Assim, hábitos que fazem os Matsés se diferenciarem de outros povos da região, como sua tatuagem característica e o uso de flechas no lugar da zarabatana, foram ensinados pelos Camumbo. Eles, contam os velhos, viviam no Curuçá e falavam uma língua muito parecida com a dos Matsés, então eles se entendiam.

Além disso, há uma história que conta que no primeiro encontro entre homens Camumbo e Matsés, eles descobriram ter nomes em comum. (ILV, 2006). Em outro relato, Manoel Tumi afirma que os Camumbo também recebiam em suas malocas os espíritos que cantavam (*cuëdënquido*) e que eles faziam a festa *macunaquec*. Os Matsés viveram certo tempo visitando os Camumbo, sem entrar em guerra contra eles e trocando mulheres. Segundo Manoel Tumi, os Matsés brigaram com eles há muito tempo, por volta de 1867, após um xamã Matsés enfeitar um homem Camumbo (Jiménez Huán et al., 2014, p.63). Alguns homens e mulheres Matsés mais velhos acreditam que os Camumbo são os antepassados de um dos subgrupos que hoje compõem o povo Marubo.

Os Taëmido

Outro povo que foi importante para os Matsés são os chamados Taëmido (“Que vieram do rio abaixo”). Os Matsés se encontraram com eles quando viviam entre os rios Jaquirana e Curuçá. Primeiro um homem e sua mulher chegaram onde viviam os Matsés, vindos de rio abaixo, subindo o Jaquirana, por isso ficaram conhecidos como Taëmido. Eles falavam uma língua que os Matsés entendiam. O homem Taëmido ensinou aos Matsés como usar os *nestes* (plantas medicinais) e segundo Jiménez Huanán *et al.* (2014), isto aconteceu por volta de 1875. De acordo com Mateus Mayoruna, os Taëmido também eram conhecidos como Camumbo, porque comiam carne de onça. Assim ele contou:

Dashe era de um povo que vivia a jusante de onde viviam os Matsés na época. (...) Seu povo era chamado Taëmido (...), ou Camumbo (...). Eram chamados Camumbo por seu hábito de comerem carne de onça. Como eles tinham o conhecimento das plantas medicinais que os protegiam dos *mayan* (espíritos) de todos os animais, eles podiam comer até mesmo carne de onça. Esse povo falava uma língua que os Matsés entendiam.

Dashe foi viver entre os Matsés com sua mulher Bëso, uma mulher já velha,

e seus dois filhos. No tempo em que esteve com os Matsés ele ensinou como usar as plantas medicinais (*nestes*) para que pudessem comer vários animais: onça, anta, macaco barrigudo, macaco preto, paca, e vários outros. Ele também ensinou como usar plantas medicinais para fazer mal aos outros. Por isso, os Matsés não permitiam que ele fosse embora, pois tinham medo que ele pudesse fazer feitiços contra eles quando estivesse longe.

Certo dia, Dashe foi pegar ovo de tracajá com sua mulher e seus dois filhos. Quando ela cozinhava na praia, ela foi atacada por um homem de outro povo, um povo desconhecido dos Matsés, os Mayu. O Mayu matou a mulher e um dos filhos de Dashe, que tentou protegê-los, mas também foi morto pelo Mayu. Este levou a cabeça de Dashe, pois pertencia a um grupo de índios que usavam os dentes dos Matsés para fazer o raspador de cipó. O filho de Dashe que conseguiu sobreviver ao ataque deixou os Matsés e foi viver novamente com seus parentes rio abaixo.

Nacua, o homem Matsés que havia levado Dashe para viver entre seus parentes, e o que mais aprendeu com ele sobre as plantas medicinais, foi atrás desses Mayu para se vingar da morte de Dashe.

Os Mayu

Há um povo que os Matsés chamam apenas de Mayu, contra os quais lutaram muitas vezes e capturaram várias de suas mulheres, com quem se casaram e tiveram muitos filhos. Fleck (2007), um estudioso da língua e do modo de vida dos Matsés, escreveu que esses Mayu não eram da família de língua Pano, e eram muito provavelmente falantes de uma língua da família Arawak.



Matsés



Matís



Puñamumanahua



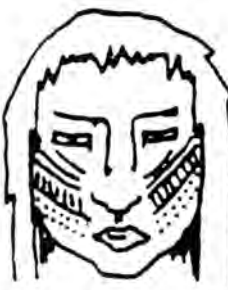
Mayu



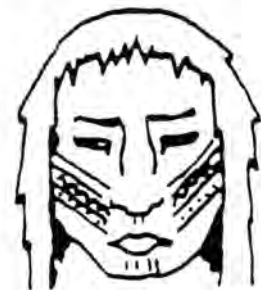
Mayu



Mayu



Nucuini



Nucuini



Remo

Tatuagem de vários povos Pano

Oppenheim, 1936 apud Erikson, 1999

Assim Manoel Bai contou como foi a guerra contra o povo Mayu do rio Galvez, que era o povo de onde veio sua mãe:

“Os Mayu não usavam flechas, somente lanças para matar. Usavam uma tatuagem com quatro traços cruzados (dois traços horizontais cruzando com dois traços verticais) em cada lado do rosto. Eles tinham o costume de cortar a cabeça dos inimigos mortos para fazer raspador de cipó com os seus dentes.”.

Os Mayu tomavam o cipó *chimu*, que segundo Uaqui Mayoruna é o mesmo que os Matis tomam, o *taschic*. Contam os mais velhos que foram os Mayu quem primeiro mataram duas mulheres Matsés e levaram suas cabeças. Os Matsés encontraram somente o corpo dessas mulheres. Elas estavam roubando mandioca na roça dos Mayu, já que os Matsés ainda não tinham roças naquele momento, pois estavam fugindo dos brancos.

Tumi Cashispe também contou em julho de 2013 sobre a guerra com o povo Mayu:

Dois Matsés estavam andando no mato, quando de repente, encontraram o povo Mayu e convidaram todos das suas malocas para matá-lo. Então os Matsés cantaram todos juntos antes de ir. Depois, eles atravessaram o rio Jaquirana e foram para a cabeceira do rio Galvez, onde viviam os Mayu.

Ao chegar, cercaram a maloca dos Mayu, e começaram a atacar ainda pela manhã. Mataram todos eles e roubaram suas mulheres, levando-as para sua aldeia.

Os Chancuëshbo

Os Chancuëshbo, “Povo Tucano”, também foram atacados e tiveram suas mulheres capturadas pelos guerreiros Matsés. Os Chancuëshbo falavam uma língua semelhante a deles, por isso se entendiam. Quando os Matsés os atacaram, os Chancuëshbo viviam em um igarapé afluente do rio Ituí, próximo às cabeceiras do rio Quixito. Cinco mulheres desse povo foram capturadas. Dunu, pai de Tumi Tsësio, que vive atualmente em Nova Esperança, foi um dos guerreiros que capturaram as mulheres Chancuëshbo. Assim contou José Tumi Cashishpi, em 2013, sobre a guerra contra os Chancuëshbo:

Quando os Matsés moravam na cabeceira do rio Pardo, eles andavam em qualquer lugar. Eles atravessavam o rio em coxo de paxiúba. Andavam sem destino. Certa vez encontraram o povo Chancuëshbo no rio Ituí. Os Matsés mataram alguns deles e pegaram duas mulheres.

Eles voltaram, atravessaram o rio Curuçá e trouxeram as duas mulheres até chegarem na cabeceira do rio Pardo, onde eles moravam. Um Matsés levou uma mulher para o Peru e a outra ficou no Brasil.

Os Shaëbo

Os Matsés também entraram em guerra contra um povo que era chamado de Shaëbo, “Povo Tamanduá-Bandeira”. Quando os atacaram, os Shaëbo moravam em um igarapé chamado Soledad, que desemboca logo abaixo do pelotão de Angamos. Os Matsés cercaram sua maloca e quando os homens começaram a sair, matavam-nos. Capturaram duas mulheres desse povo (Jiménez Huanán *et al.*, 2014).

Os Dëmushbo do Pardo

Outro povo com os quais os Matsés entraram em conflito era chamado por eles de Dëmushbo. Estes Dëmushbo eram os indígenas que viviam em um igarapé no interflúvio Curuçá-Pardo por volta da década de 1940, quando os Matsés os atacaram e roubaram suas mulheres. Assim José Tumi “Cashishpi” contou como foi o ataque aos Dëmushbo:

Quando os Matsés moravam entre o igarapé Lobo e o rio Negro eles começaram a andar por outros lugares. Um dia, alguns Matsés saíram para caçar e encontraram um tapiri que o povo Dëmushbo havia feito e levaram o resto de lenha que sobrara do fogo. Chegando na maloca mostraram a lenha para os outros Matsés que, vendo aquilo, se reuniram para irem procurar os Dëmushbo. Na primeira busca os Matsés não encontraram ninguém e voltaram para sua aldeia.

Os Matsés já conheciam o território e foram fazer roça nesse mesmo local para plantar milho. Acabaram se mudando para lá, porque era mais próximo e fácil para localizar os Dëmushbo.

Depois da mudança para o rio Negro, eles continuaram a busca dos Dëmushbo. No dia seguinte, os Matsés encontraram-nos em um igarapé afluente do rio Pardo. Os cercaram e começaram a matar os homens e a levar as suas mulheres. Durante a matança, alguns Dëmushbo fugiram.

Na volta, os Matsés cantavam a sua música de vitória e levavam as mulheres para a maloca. Depois de alguns meses, os Matsés fizeram amizade com um grupo de Dëmushbo e eles se reuniram para atacar outro grupo de Dëmushbo. No meio do caminho, encontraram o seu rastro, e descobriram que eles tinham passado por lá para se vingar deles, mas os Matsés tiveram sorte de ter encontrado primeiro o caminho por onde o Dëmushbo tinha passado.

Imediatamente os guerreiros Matsés se reuniram e se dividiram em dois grupos: um foi para a maloca dos Dëmushbo e o outro grupo foi atrás dos Dëmushbo que iriam atacar a maloca dos Matsés.

Novamente os Matsés tiveram sorte de ter alcançado os inimigos, e mataram todos eles. E o outro grupo Matsés, que havia ido para a maloca dos Dëmushbo, pegaram as suas mulheres. (tradução Carlos Bina Mayuruna, 2013)

Os Kulina-Pano

O povo que hoje é conhecido pelos brancos e pelos povos da região do Javari como Kulina-Pano é um grupo muito importante na história dos Matsés, pois muitos deles vivem hoje em suas aldeias e são descendentes de homens e mulheres capturados por guerreiros Matsés na década de 1940.

Antes dos ataques dos Matsés, os Kulina-Pano já estavam divididos em dois grupos diferentes, vivendo em malocas separadas: um deles vivia em uma maloca próxima ao igarapé Pedro Lopes, afluente do rio Curuçá. Este grupo ficou conhecido como os Capishto (“Grilos”). O outro grupo Kulina-Pano estava vivendo em uma maloca próxima ao igarapé São Salvador, também afluente do Curuçá.

Assim José Tumi “Cashishpi” contou como foi o ataque dos Matsés aos Kulina-Pano:

Os Matsés massacraram o povo Kulina, matando seus homens e raptando suas mulheres e crianças. Não só os Kulina, mas também outros povos da região foram exterminados pelos Matsés com a finalidade de raptar mulheres. E não foram só outros povos indígenas, mas também foram raptadas mulheres e algumas crianças brasileiras e peruanas.

Para isso, os Matsés tinham que andar muito. Em meados da década de 40, um guerreiro chamado Coia organizou uma expedição que durou meses e foi nesse momento em que eles encontraram a maloca dos Kulina e a atacaram.

Os Kulina também faziam festa com os *cuëdênquido* e tinham o hábito de guerrear e roubar mulheres, mas foram atacados de surpresa. Foram mortos cruelmente. Os Kulinas eram poucos, aproximadamente dez famílias. Quando foram mortos pelos Matsés, já haviam tido contato com os brancos, outras famílias já tinham saído para morar com eles. Os que ficaram foram mortos. Na guerra, os Matsés usaram espingarda e por isso tinham mais força. Quando foram atacados, os homens Kulina pediram amizade, mas os Matsés não queriam amizade, atacando-os em igarapé da margem direita do rio Curuçá, o São Salvador. (transcrito por Raimundo Mëan Mayuruna, 2013)

Batista Mayoruna da aldeia Nova Esperança, filho de um homem Kulina-Pano capturado no igarapé Pedro Lopes, contou em 2014 como foi quando capturaram seu pai:

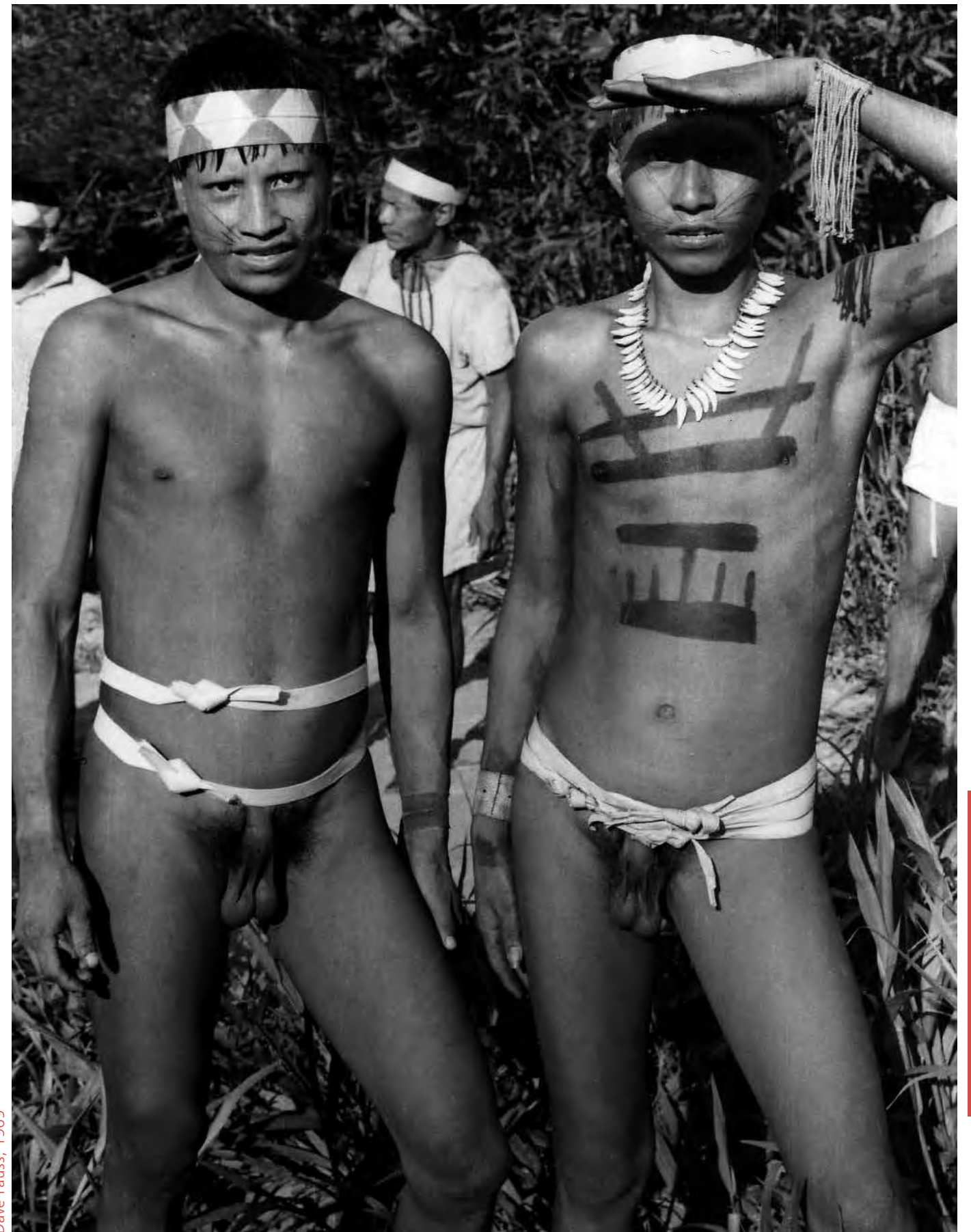
O irmão do Tumi Tsësio vivia na cabeceira do Pardo. Ele desceu o Pardo usando um coxo. Ele e seus companheiros encostaram na boca do Pardo, e daí seguiram por terra. Passaram por um buritizal, andaram até cinco horas da tarde para chegar em uma terra firme. Lá nem dormiram porque tinha muito carapanã. Aí andaram mais e mais e alcançaram um igarapé, onde dormiram. Procuraram por perto o rastro dos meus parentes, do meu avô e encontraram o caminho dos meus parentes. Eles sopravam para chamar o pessoal deles, falavam baixo, ficavam escondidos atrás dos meus parentes. Pegaram meu pai e levaram com coxo mesmo para a cabeceira do Pardo onde moravam os Matsés. Levaram também a irmã do meu pai, que depois foi levada para viver em Buenas Lomas.

Assim vimos como as guerras foram muito importantes para a formação e composição dos atuais Matsés. As mulheres de muitos outros povos que foram capturadas pelos guerreiros Matsés na época das guerras trouxeram com elas os saberes e hábitos que tinham junto de seu povo. Muitos desses conhecimentos trazidos por elas foram também adquiridos de outros povos, como o das plantas medicinais com os Taëmido ou o de usar flechas com os Camumbo.

QUAIS SÃO SEUS PARENTES QUE VIERAM DE OUTROS POVOS?

QUAIS SÃO AS HISTÓRIAS DESSES OUTROS POVOS QUE SEUS PARENTES AINDA SABEM?

Dave Fauss, 1969



GUERRAS DE CAPTURA DE MULHERES

TEMPOS DE EXPANSÃO E GUERRAS

HISTÓRIA MATSÉS

A EXPANSÃO DOS CHOTAC NA AMAZÔNIA

A HISTÓRIA DA DELIMITAÇÃO DA FRONTEIRA BRASIL-PERU

A bacia do rio Javari e Jaquirana é um território ocupado pelos Matsés há muitos e muitos anos. Eles viviam ali muito antes de haver países ou divisões entre fronteiras nacionais. Atualmente a fronteira do Brasil com o Peru está sobreposta ao território Matsés. Essa fronteira tem também uma história, que começa na época colonial, quando o Brasil, o Peru, a Colômbia e os países da América do Sul ainda não eram países, mas colônias, ou seja, territórios controlados por outros países. Por exemplo o Brasil era colônia de Portugal e os outros atuais países da América do Sul, como o Peru e a Colômbia, eram colônias da Espanha. Por isso no Brasil se fala a língua portuguesa e no Peru e na Colômbia, a língua espanhola.

Para os Matsés não existe uma fronteira da mesma maneira que os *chotac* entendem. Os Matsés têm seu próprio território, o qual ocupam desde a época de seus ancestrais.

Muito antes do ano de 1.500, os Matsés já viviam nesta região, entre o Jaquirana, Choba, Galvez e igarapés do Ucayali. Nessa época, viviam felizes cultivando, caçando e fazendo suas festas *macuna quec* e do *cuë-dênquido*. Sempre se mudando de

um lugar para o outro, sem ter a interferência de ninguém. Quando eles se cansavam de um lugar, o chefe reunia seu pessoal para comunicar e decidir sobre a mudança.

Depois, alguns saíam à procura de terra boa para fazer a roça e construir a maloca, que eram sempre enormes, para abrigar e alimentar todo mundo. Os Matsés nunca viviam em uma maloca só. Entre eles sempre existiram brigas, e por causa delas as famílias acabavam se separando. Outra coisa que causava as mudanças era a morte dos parentes. Naquela época os Matsés eram muitos. A região da margem direita do médio Ucayali e Galvez é a terra mais sagrada para eles, pois lá estão enterradas pessoas muito importantes. (Sérgio Bai Mayuruna, 2013)

Portugal e Espanha são países situados na Europa, o continente de onde vieram os *chotac*. Estes dois países, desde o final dos anos 1490, enviavam pelo mar exploradores, missionários, soldados e agentes do governo para invadir e controlar o território de todo o continente da América, onde ficam o Brasil, o Peru e a Colômbia, além de outros países. Assim, os países europeus ocu-

pavam partes da América e decretavam que essas terras eram, a partir daí, suas “colônias”, nas quais eles poderiam morar, ocupar e explorar todas as suas riquezas, sem considerar que nessas terras viviam há milhares de anos as populações indígenas.

Portugal e Espanha foram os países que ocuparam a maior parte das terras do que hoje chamamos América do Sul. No ano de 1494, assinaram o “Tratado de Tordesilhas”, um acordo de paz que dividia este continente entre os dois países.

Com o passar dos anos e com o aumento da ocupação da região do Alto Solimões por portugueses e espanhóis, foi preciso fazer novos tratados para delimitar melhor a fronteira entre as colônias portuguesa e espanhola. Ao longo dos anos de 1600 a 1750 expedições oficiais do governo português, missionários católicos e bandeirantes (exploradores que viajavam em busca de novas terras e da captura de indígenas para vender como escravos) avançaram sobre o território considerado espanhol.



Francis de la Porte, Conde de Castelnau, 1850/57

Vista de Tabatinga entre 1850 e 1857

Com isso foi necessário revisar o Tratado de Tordesilhas que definia os limites entre as colônias portuguesa e espanhola. Assim em 1750, os governos de Portugal e da Espanha assinam o “Tratado de Madrid”, e mais tarde em 1777, o “Tratado de San Ildefonso”, acordos que redefiniram a fronteira entre as colônias portuguesa e espanhola e estabeleceram o rio Javari e Caquetá como os seus novos limites. (Chaumeil, 1992, p.357).

Nessa época, o governo de Portugal construiu o forte de São Francisco Xavier de Tabatinga em 1766. Esse forte foi construído onde hoje está a cidade de Tabatinga, que leva o seu nome para proteger a fronteira e garantir que os espanhóis não invadissem sua colônia. Já na colônia espanhola, o principal posto de fronteira era o povoado de Loreto, fundado com o nome de Nuestra Señora de Loreto dos Ticunas, em 1760, por uma missão jesuíta.

No ano de 1808, o rei de Portugal se mudou para o Brasil com toda sua família e seus funcionários, fugindo da invasão pelo exército francês. Assim, o país passou a ser a sede do governo real português, e não mais somente uma colônia. Logo depois, em 1822, Dom Pedro I, filho do rei de Portugal Dom João VI, assume o governo do Brasil e declara a independência, deixando de ser parte do domínio português e passando então a ter um governo próprio, ainda que regido pelo próprio filho do rei de Portugal.

Em 1824, o Peru conquistou sua independência após anos de conflitos armados. Suas terras deixaram de pertencer ao governo da Espanha, passando a formar um país independente, com o seu próprio governo.

Depois que se tornaram países independentes, Brasil e Peru passaram a delimitar suas fronteiras. Para isso foram feitos acordos entre os dois governos, demarcando os limites de cada território.

Em 1851, foi assinada a “Convenção Especial de Comércio e Navegação Fluvial, Exatidão e Limites” entre Brasil e Peru, lei que confirmou a fronteira entre os países Brasil e Peru no rio Javari. Além disso, permitiu que começasse a navegação a vapor pelo rio Amazonas. A partir daí, barcos a vapor transitavam legalmente neste rio e seus afluentes, transportando pessoas e mercadorias entre os dois países. Até os anos de 1850, a área do Amazonas permaneceu uma região de difícil acesso para os *chotac*, e as viagens de barco entre Belém e o Javari demorava três meses. Os barcos a vapor foram os primeiros barcos construídos pelos não-indígenas com motores, que funcionavam à lenha. Com eles, as viagens passaram a ser muito mais rápidas. Foram nesses barcos a vapor que chegaram muitos *chotac* de várias partes do Brasil e Peru para explorar a seringa e caucho nos rios afluentes do Amazonas.



Algot Lange, 1910

A lancha a vapor Carolina, que percorria os rios da região do Javari no auge da época da borracha em 1910

Depois desta lei, o Brasil e o Peru enviaram cinco Comissões, no período de 1866 a 1926, para percorrerem o rio Javari para estudar seu percurso, conhecer seu traçado e as coordenadas geográficas de sua nascente. Eram as chamadas “Comissões Mistas Demarcadora de Limites”, pois eram formadas de estudiosos e agentes do governo tanto do Brasil como do Peru. Todas elas tiveram conflitos com indígenas quando estavam navegando no alto Javari e Jaquirana.

A primeira Comissão Mista, composta por 20 homens divididos em 5 canoas, ocorreu no ano de 1866, iniciando o trabalho de demarcação mais precisa da fronteira Brasil-Peru no rio Javari. Os agentes dos governos brasileiro e peruano chegaram até a foz do Batã em outubro daquele

ano. No dia 10 de outubro de 1866, foram atacados por 100 indígenas que eles chamaram de “Mayoruna”. Com suas flechas mataram um capitão tenente do exército e feriram vários brancos nesse ataque (Coutinho, 1993, p.221).

Sobre o severo ataque que sofreram escreveram:

“Eram os índios que de novo acometiam, mas desta vez frente a frente, a peito descoberto e saltando o seu grito de guerra. Tentamos responder ao desafio, mas tivemos um rude desengano. (...) Os selvagens flechavam-nos sossegadamente; e nem uma só bala nossa os ia repelir por causa das espoletas que, humedecidas e desvirtuadas, negavam fogo com uma constância desesperadora” (Brasil, 1867, *apud* Luz, 2019).

De acordo com seu relatório os índios que os atacaram:

“São eles de estatura alta, compleição forte (...). As flechas que usam são de duas espécies: umas direitas e pontiagudas, as outras armadas de um dente lateral. As primeiras arrancavam-se facilmente, as outras com mais custo e perigo pois são preparadas de modo a deixar o dente na ferida. (...) Nada mais sei relativamente a esses índios, nem mesmo o nome da sua tribu. Tenho ouvido da-los ora por Catuquinas, ora por Maiorunas e até como Conibos (...) O motivo que os levou a agredirem-nos parece ter sido a destruição que fazíamos das suas pontes: no meio dos seus gritos e de seus gestos desordenados era de notar-se a insistência com que apontavam enraivecidos para a ponte próxima que nessa manhã mesma tínhamos cortado” (Rodrigues, 1866, *apud* Welper, 2009).

A segunda Comissão Mista Demarcadora, em 1874, retomou os trabalhos de definição precisa do traçado dos rios Javari e Jaquirana. Contou com a participação do famoso Barão de Teffé, que deu o nome para a atual cidade de Tefé. Essa comissão estava constituída por 82 integrantes entre marinheiros e indígenas contatados, distribuídos em um vapor e quatro lanchas. Eles também foram atacados no alto Javari, por indígenas que, segundo Teffé afirmou em seu relatório,

eram desconhecidos. O pesquisador Walter Coutinho, conta que, de acordo com o relatório do Barão de Teffé:

Os índios anunciaram sua presença através de toques de *trocato* (tambor feito de troncos de árvores) e batidas insistentes em sapopemas, que retumbavam na mata próxima às margens. Saindo da floresta, os índios não se importaram com o oferecimento de ‘colares e espelhos’ pelo Barão de Teffé, e cerca de 150 indígenas realizaram um ataque à expedição próximo do Batã:

“(...) na margem oposta foram-se mostrando os selvagens em grupos numerosos e ocupando toda a barranca da curva fronteira numa extensão de uns 400 metros (...). Todos achavam-se completamente nus, pintados de encarnado (...) e todo o cabelo atado no alto da cabeça em forma de penacho (...) pondo o pé atrás e retesando os arcos despediram uma boa centena de flechas, que passaram sibilando por cima de nossas cabeças ou se enterraram na areia, nos casco e toldos das chalanas, ou ficaram espetadas nas redes de arame (...).”

Depois de um dos ataques, um dos membros da comissão, junto com um indígena Ticuna e outro Jivaro, que os acompanhavam como tradutores e remadores, ao examinar o indígena morto afirmou se tratar de um povo totalmente desconhecido o descrevendo da seguinte forma:

“O cadáver de um homem bem feito robusto e de feição belicosa, com cabelos compridos e pinturas no queixo, nos braços (de cor azul). Não tinha um arranhão nem cicatriz no corpo e estava completamente nu. Suas armas são as mais perfeitas que tenho visto e lindas; as flechas não têm penas mas são mui bem pintadas e preparadas umas de osso, como as que atiraram sobre a nossa gente, e outras com pontas de taquarassu mui afiadas e agudas envenenadas e pintadas. As pinturas do rosto e corpo eram mui delicadas e indeléveis embora não fincadas no corpo como vulgarmente usam. Tinha sobancelhas, o cabelo cortado redondo como frade e no meio da cabeça um penacho longo caindo sobre as costas. Os beiços pintados de negro, os dentes negros e o peito e braços com florões pintados” (Von Hooholtz, 1874, *apud* Welper, 2009).

A terceira Comissão Mista Demarcadora de Limites, composta por 45 pessoas e chefiada por Cunha Gomes subiu o rio Javari em junho de 1897. No dia 5 de julho chegaram até a boca do Galvez. No dia 31 de agosto, chegaram nas nascentes do Jaquirana. Na sua viagem, os homens da Comissão encontraram uma nova realidade com o rio ocupado por muitos caucheiros e seringueiros que exploravam as margens do Javari e Jaquirana. Nessa época lanchas a vapor navegavam até a foz do Galvez. Encontraram o barracão “Lontananza”, à margem esquerda do Jaquirana, pertencente ao peruano José da Encarna-

ção Rojas. Encontraram no rio Batã o barracão “Seis Soles”, que era do peruano D. Ramirez e onde vivia o também peruano Moysés Lopes, dois índios Remo e um Capanhahua que trabalhavam para ele. O último lugar às margens do rio Jaquirana habitado por não índios era chamado “Rayo” (Coutinho, 1993, p.223).

Essa Comissão Mista encontrou vários vestígios de índios entre os rios Galvez e Batã, tapiris nas margens e vestígios nas praias. A partir de Rayo começaram a ser seguidos por, segundo eles, índios Capanahua os quais circundavam o acampamento imitando jacamins, mutuns e outras aves, sendo atacados durante o seu retorno.

Em 1901, a quarta Comissão Mista foi enviada para explorar o Javari e foi chefiada por Luis Cruls. Essa comissão para evitar o confronto com os indígenas explodiu uma ou duas bombas de dinamite nos acampamentos (Vergara, 2010). Em 1926, mais uma, a quinta Comissão de Limites subiu o rio Javari para a demarcação definitiva da fronteira entre o Brasil e Peru, chefiada pelo almirante brasileiro Ferreira da Silva e pelo coronel peruano Roberto Ruiz (Coutinho, 1993, p.224). Todas essas comissões foram realizadas para demarcar no rio Javari e Jaquirana o limite do Brasil com o Peru. Rio que hoje também demarca parte dos limites da TI Vale do Javari.

AS COMISSÕES DEMARCADORAS DE LIMITES E AS INFORMAÇÕES SOBRE OS INDÍGENAS DO JAVARI/JAQUIRANA



Cunha Gomes, 1897

Acampamento da terceira Comissão Mista Demarcadora de Limites em Lontananza, barracão do caucheiro peruano José Encarnación Rojas, no alto Jaquirana em 1897.

As sucessivas Comissões Mistras Demarcadora de Limites entre o Brasil e o Peru que começaram a subir o rio Javari e Jaquirana, se depararam com vários povos indígenas ao longo de seu caminho. Encontros que levaram a vários conflitos resultando em mortes de ambos os lados. Em seus relatórios essas Comissões deixaram uma série de informações detalhadas, as primeiras, sobre os até então pouco conhecidos índios da região, que habitavam as margens do rio Javari e Jaquirana até o início do século XX³.

Nos relatos da primeira e segunda comissão, em 1866 e 1874, fica claro que os povos indígenas desses rios eram numerosos. Indícios que começam a serem percebidos e relatados a partir do momento que passam o rio Yavari-Mirim:

“(...) canoas feitas dos troncos da paxiuba grosseiramente escavado, de remos toscamente trabalhados por meio da ação do fogo e dos matapis, armadilhas dispostas sobre a margem do rio para a pesca. Estes indícios tornavam-se cada dia mais numerosos (...)”⁴

E que se acentuam acima do rio Galvez:

“(...) parece porém que o número de selvagens avulta a medida que se sobe o rio. (...) A matapi, essa armadilha disposta para pesca a beira do rio, de que usam os selvagens, já não se apresenta isolada, eram em duas colunas de matapis hordando as duas margens do rio em grande extensão (...)”⁵

Os chotac das Comissões se deparam também com um grande número de pontes cruzando o rio e que deviam cortar para poderem passar, chegando a contarem 103 pontes como essa durante a viagem da segunda Comissão:

“(...) Dois grandes troncos que nos impediam a marcha fechando a passagem do rio, alguns por sua disposição, pelos cipós que os prendiam a outras, denunciavam que a mão do selvagem ali intervira. (...) Tivemos repetida ocasiões de encontro de verdadeiras pontes sobre o rio. Compunham-se as pontes de tronco horizontal posto de margem a margem, e junto a estas estacas verticais cravadas no leito do rio, sustentam grossos cipós servindo de corrimão.”⁶

As manifestações das populações indígenas conforme a Comissão passava reafirmava o tamanho dessas populações espalhada por uma grande extensão do rio:

“(...) o som lúgubre da trocana fazia-se ouvir em ambas as margens à distância cada vez mais curta, e sendo este toque de rebate correspondido por outros tambores da parte de cima”⁷.

Os relatos do tamanho do contingente de indígenas que os atacavam, de 100 a 150 e que chegavam a ocupar uma extensão de 400 metros da margem do rio também reforçam a numerosa população indígena do rio Jaquirana nessa época.

São os relatos das Comissões que deixam claro como a região, a partir de 1874, vai se transformando com a chegada da economia da borracha com vários barracões de caucheiros já estabelecidos ao longo do rio, com o último deles se localizando a quatro dias de viagem acima do rio Batã. Os relatos também registram a presença de alguns indígenas começando a trabalhar para os caucheiros peruanos e a primeira migração de nordestinos, em 1874, para o rio Javari.⁸

Os relatos das Comissões não deixam dúvidas de como o rio Jaquirana era um rio povoado por uma grande população indígena formada por vários povos como foi detalhado pelo relatório da terceira Comissão em 1899:

“No baixo Javary, isto é, da sua foz até a boca do Galvez, existem poucas malocas de selvagens, quase na totalidade já domesticados. Pertencem eles às grandes tribos dos Marugos e Ticunas (...). O vale do rio Galvez não é hoje habitado senão por tribos de índios ferozes que atacam a quantos ali vão se estabelecer-se, sendo antigamente corridos pelos caucheiros peruanos que, em tempos, exploravam a indústria da extração daquela variedade de seringa. São denominados Capanauas, mas pelo seu estado de selvageria, uso e costumes, creio serem os mesmos Mageronas ou os antigos Mayurunas. O rio Jaquirana, na sua seção compreendida entre a boca do Galvez e a confluência com o rio Batã (...), tem a sua margem esquerda ocupada por malocas de índios Capanauas, aparecendo na outra margem (...) aldeias de índios da tribo denominada Remo (...) que fogem ao encontro do homem civilizado e ocupam toda a margem direita do rio Batã, sendo a esquerda habitada por tribos de Capanauas, seus ferozes e inconciliáveis inimigos. Do rio Batã para cima é o vale do rio Jaquirana habitado exclusivamente por tribos de índios Capanauas, até onde chegamos (...)”⁹

Hilton S. Nascimento, com base em Welper (2009)

A EXPLORAÇÃO DA SERINGA E CAUCHO NA AMAZÔNIA



Na Europa, no fim do século XVIII, os *chotac* inventaram as máquinas movidas a vapor. Essas máquinas realizavam o trabalho que antes era feito apenas por pessoas e com isso surgiram as fábricas.

Os trabalhadores deixaram as plantações e passaram a viver nas cidades que estavam se formando e a trabalhar nas fábricas. Assim um novo modo de vida começou a ser criado na Europa, alterando muitos costumes daqueles *chotac*, como o modo como moravam, se vestiam, trabalhavam e até a maneira como se alimentavam. Todas essas mudanças nesse período ficaram conhecidas como a “Revolução Industrial”, que começou na Inglaterra e depois se espalhou pela Alemanha, Estados Unidos, França, Japão, e os outros países.

Antes da Revolução Industrial cada coisa era feita por um artesão. O sapateiro fazia sapatos, o ferreiro fazia espadas, o tecelão fazia as roupas. Quando vieram as máquinas tudo ficou diferente: as pessoas operavam as máquinas e estas, por sua vez, faziam as coisas. Cada máquina fazia uma parte do produto. Por exemplo, para fazer uma panela, uma máquina queimava o aço, que ficava muito quente e derretia; outra jogava o aço líquido na forma; outra máquina furava o lugar onde seria colocada a alça; e por fim, outra máquina colocava a alça na panela. Assim, as pessoas deixaram de aprender e de fazer as coisas com suas próprias mãos, à sua maneira. Máquinas e pessoas, juntas, faziam os produtos todos iguais. Esse é o modelo industrial de produção.

No começo da Revolução Industrial o trabalho nas fábricas era muito difícil. Todos trabalhavam muito sem descanso e ganhavam muito pouco por isso. As fábricas eram lugares escuros, barulhentos, sujos, quentes e cheios de fumaça. Os donos das fábricas enriqueciam e no campo os agricultores começaram a perder suas terras, que eram tomadas por esses novos ricos. Sem terras para fazer roça e criar seus animais, os camponeses foram para as cidades tentar trabalhar nas fábricas, e quando não conseguiam, viravam desempregados pobres.



Na nova sociedade industrial o homem ao viver na cidade, distante das matas, começou a se esquecer de como é importante manter os igarapés limpos, preservar a mata e os animais que nela vivem. Essas coisas perderam a importância para eles, já que grande parte dos *chotac* passaram a não morar mais perto da natureza.

Até hoje as fábricas produzem muita poluição e desperdiçam muitos recursos das florestas. Por isso os rios vão ficando cada vez mais sujos, o ar fica cada vez mais poluído e muitas florestas já foram totalmente derrubadas. Assim, foi com a Revolução Industrial que começou a intensa destruição das florestas do mundo.

Na época da Revolução Industrial os *chotac* começaram a fabricar os carros com suas novas máquinas. Foi nesse período que os não-índios que estudavam as plantas da Amazônia perceberam que a borracha vegetal retirada da seringueira servia para fabricar o pneu dos carros e muitos outros produtos industrializados. Assim, muitos e muitos *chotac* vieram para a Amazônia para trabalhar extraindo a borracha vegetal das seringueiras, já que vários países da Europa passaram a precisar deste recurso para fabricar carros e outros produtos. Esse período da história da Amazônia durou de 1830 a 1920 e no seu auge, de 1879 a 1912, ficou conhecido como **boom da borracha** ou a **febre da borracha**.

O TRABALHO DOS SERINGUEIROS E CAUCHEIROS NA AMAZÔNIA



Silvino Santos, 1922

A extração de caucho

Os patrões seringalistas eram os donos dos seringais, como eram denominadas as terras em que ficavam as árvores que produziam a seringa. Os patrões pegavam as mercadorias na cidade e levavam para o seringal. Os seringueiros, chamados de “fregueses” por seu patrão, eram obrigados a comprar somente dele, e por preços altos, os materiais, roupas, armas e até comida. Os seringueiros pagavam com a sua produção de borracha, mas sempre ficavam devendo ao seu patrão, porque a borracha que tiravam não era suficiente para pagar o material que usavam para trabalhar.

Como estavam sempre em dívida com o seu patrão, os seringueiros tinham que trabalhar muito e não podiam abandonar o seringal enquanto não pagassem suas dívidas, o que era muito difícil. Além de trabalharem muito e não poderem sair do seringal, os trabalhadores seringueiros enfrentavam os conflitos com os índios e as doenças da floresta. Por tudo isso, muitos deles tentavam fugir, mas eram perseguidos pelos homens contratados pelo patrão para serem os vigias dos seringais, e podiam ser até mesmo mortos por eles. Assim, os seringueiros sofreram muito na mão de seus patrões.

O missionário francês Parissier, que presenciou o trabalho dos seringueiros no rio Juruá em 1898, escreveu sobre esse sistema de trabalho dos seringais:

“(…) para pagar sua dívida que muitas vezes é fictícia, o seringueiro é obrigado a trabalhar durante outro fábri-co para o seu patrão, e assim estende indefinidamente sua escravidão; e se, premido pelo desespero, ele tenta es-capar, o patrão o persegue como se ele fosse um ladrão, e ele não consegue achar emprego em outra parte” (Paris-sier, 1898 *apud* Carneiro da Cunha; Al-meida, 2002, p.112).



George Huebner, 1904

O defumadouro de seringa

A SERINGA E O CAUCHO

A economia da borracha na região da Amazônia ocidental se baseou na exploração de várias espécies de árvores produtoras de látex, pertencentes a dois gêneros distintos, com duas espécies principais: a seringa (*Hevea brasiliensis*) e o caucho (*Castilloa elastica*). A forma de exploração dessas espécies era bem diferente, com a exploração da seringa sendo feita através do estabelecimento de “estradas” que eram percorridas diariamente pelos seringueiros para “sangrar” as árvores de seringa e retirar o seu látex no final do dia. Padrão de exploração que levava ao estabelecimento dos seringais com os seus povoados associados. O caucho, por sua vez, era retirado em um único momento e terminava com a derubada da árvore, o que fazia com que os caucheiros sempre estivessem se deslocando em busca de outros locais com novas árvores de caucho, levando a uma vida itinerante e não estabelecendo povoados fixos como os seringueiros (Zárate Botía, 2008).

O caucho era muito mais abundante nos territórios do Peru e Colômbia sendo a principal espécie explorada por peruanos e colombianos e a seringa muito mais comum no Brasil, sendo explorada pelos brasileiros. Alguns pesquisadores chegam a afirmar que o limite de distribuição dessas duas espécies foi fundamental para definir a fronteira entre o Brasil e o Peru (Zárate Botía, 2008).

De um modo geral, os altos cursos dos rios da região do Javari eram ricos em caucho atraindo os peruanos, e os médios e baixos cursos dos rios, ricos em seringueiras, atraíam os brasileiros.

Entre os caucheiros peruanos que atuaram na região do Javari estava Julio César Arana, que mais tarde se tornaria o maior caucheiro da região do rio Putumayo, famoso mundialmente pelas barbaridades e atrocidade cometidas contra os povos indígenas desse rio que utilizava como trabalhadores escravos.

A EXPLORAÇÃO DA BORRACHA NA REGIÃO DO JAVARI



Algot Lange, 1910

Seringueiros em 1910, na foz do rio Branco, com suas roupas de domingo

Foi na década de 1830 que se iniciou a exploração de seringa no Brasil, na foz do rio Amazonas, próximo à cidade de Belém (capital do estado do Pará). Nas décadas seguintes, a frente de exploração da borracha avançou sobre a bacia amazônica, subindo o rio Amazonas e atingindo todos os seus principais afluentes.

Rapidamente as áreas que eram habitadas por poucos *chotac* passaram a ser ocupadas por muitos trabalhadores seringueiros. Durante os anos de 1830 a 1870, a população não-indígena na Amazônia duplicou, e em 1910 superava

um milhão de pessoas, dez vezes mais do que no começo do ciclo de exploração da seringa (Zárate, 2008, p.142).

Em 1850, a exploração da borracha alcançou os rios Tapajós e Xingu, e em 1870 já chegava aos rios Madeira, Purus e Juruá. Foi na década de 1880 que as frentes de exploração da borracha alcançaram o rio Javari (Zárate, 2008, p.140). O fim do século XIX – década de 1880 em diante – trouxe para a região do rio Javari a rápida e violenta ocupação de muitos não-indígenas em busca da borracha.

O período em que se produziu mais borracha no Javari foi aproximadamente entre as décadas 1870 e 1920. Nessa época, os trabalhadores não-indígenas alcançaram rapidamente regiões nunca antes por eles exploradas, as altas cabeceiras dos rios e igarapés. Quase todos esses trabalhadores vinham de regiões pobres do Brasil, especialmente do Nordeste. Eles fugiam da seca que castigava a sua terra e acabava com suas plantações, buscando na Amazônia uma fonte de renda e sobrevivência. Só no ano de 1878 cerca de 54 mil nordestinos foram levados para a Amazônia.

O pesquisador Walter Coutinho colheu em 1992 alguns depoimentos de moradores antigos de Atalaia do Norte que nos trazem uma imagem de como era o trabalho com a seringa na região do Vale do Javari. Entre eles, destacamos aqui o depoimento de José dos Santos, nascido em 1925, na cidade de Fonte Boa (AM):

“Quando seu pai chegou do Ceará, em 1904, para extrair seringa na região, os nordestinos ainda eram denominados ‘bravos’ (somente depois, por volta da década de 40, é que passam a ser chamados de ‘arigós’). Ele teria vindo contratado por um gerente a mando de um colombiano ou venezuelano chamado Angarita, patrão de todo rio Ituí. Neste rio, existiam três barracões, cada qual com seu próprio gerente; o principal, de-

nominado ‘Fronteira’, era localizado no baixo rio Ituí. Cada gerente era acompanhado por quatro capangas que usavam espingardas, que vigiavam o rio para que os seringueiros não escapassem. Nesta época não existia ‘motor’, apenas ‘navio’, que ia até a boca do Ituí, de onde saíam lanchas a vapor para recolher a produção durante o inverno, quando as águas enchiam. A fuga de um dos seringueiros que devia para o Angarita, e as denúncias que fez em Fortaleza, fizeram vir um destacamento do exército que prendeu o Angarita e o levou embora da região (Coutinho, 1993, p.234).

Esse depoimento mostra como o sistema do barracão seringueiro era violento, obrigando os seringueiros a trabalharem sem receber salários, e como muitas vezes, eles queriam abandonar o trabalho, mas eram impedidos pelos vigias dos seringais.

Entrando cada vez mais acima em muitos e muitos rios e igarapés da bacia Amazônica, os *chotac* entraram em conflito com os povos indígenas em que lá viviam, pois eles queriam ocupar as terras dos índios para tirar seringa e caucho. Muitos índios foram mortos ou capturados pelos *chotac* para trabalharem nos seringais como escravos, sem receber nada em troca e sofrendo maus-tratos. Uma prática frequente das frentes de exploração da borracha eram as chama-

das “correrias” em que turmas de trabalhadores armados invadiam e destruíam malocas, com o objetivo de afugentar os índios para ocupar seu território. Ou ainda, tais “correrias” tinham intenções punitivas, ocorriam em retaliação a ataques de índios aos *chotac*, seringueiros ou caucheiros. É sabido que nesses ataques acontecia a captura de mulheres indígenas. E foi a partir da chegada dos seringueiros que se iniciaram os conflitos dos não-índios contra os Matsés que habitavam esta parte da Amazônia.

Nessa mesma época, no fim do século XIX e começo do século XX, a exploração da borracha, nesse caso mais especificamente o caucho, também se expandia do lado peruano da fronteira. A cidade de Iquitos recebia pessoas vindas de outras partes do Peru e também estrangeiros atraídos pela oportunidade de ganhar dinheiro trabalhando na extração do caucho. Frentes de exploração para toda a Amazônia peruana eram organizadas na cidade de Iquitos. De lá partiam os caucheiros que subiam o rio Javari e se instalavam nas margens desse rio.



Enquanto os trabalhadores seringueiros e caucheiros exploravam a borracha na floresta, seus patrões, os donos dos seringais moravam em Manaus e Iquitos. Eles recebiam toda a produção de seringa e caucho, compravam por preços muito baixos e vendiam muito caro para a Europa e os Estados Unidos. Dessa forma, os patrões ficaram muito ricos e os seringueiros que trabalhavam na floresta nunca conseguiam ganhar muito dinheiro e continuavam pobres.



Com o crescimento da exploração e do comércio de borracha, as cidades de Iquitos e Manaus se tornaram grandes, pois muitos *chotac* chegavam de todas as partes para viver nelas e ganhar dinheiro trabalhando com a seringa e caucho. Para se ter uma idéia do aumento da população de Iquitos, em 20 anos, de 1851 a 1874, a sua população aumentou de 227 a 2.000 habitantes. Os patrões que viviam nessas cidades gastavam muito dinheiro e assim o comércio cresceu, produtos estrangeiros da Europa e do resto do mundo chegavam nas cidades da Amazônia brasileira e peruana. Até hoje em Iquitos existem construções feitas pelos patrões caucheiros, que mostram como eles tinham muito dinheiro na época.

Manaus também cresceu muito, e muitas das grandes construções que estão até hoje na cidade foram feitas com o dinheiro da exploração da borracha. Na década de 1880, a cidade de Manaus era chamada de Barra do Rio Negro. Era uma cidade pequena com 38 mil habitantes, um pouco maior do que a cidade de Tabatinga hoje. Grande parte da população da “Barra do Rio Negro” passava muitos meses do ano nas matas, coletando produtos, caçando e pescando. Com o dinheiro da borracha, entre 1892 e 1896, a cidade de Manaus se transformou e virou a “capital da borracha”. Com muito dinheiro resultante do comércio da borracha, os moradores passaram a construir muitas coisas novas e ter acesso a vários serviços que antes não existiam:



Iquitos na época do caucho, em 1889

Autor desconhecido

água encanada, redes de esgoto, luz elétrica, bondes que substituíram as carroças puxadas a cavalo. Instalaram também o telégrafo: um meio de comunicação parecido com o rádio, que permitia que as pessoas mandassem mensagens para as cidades distantes, numa época em que não existia telefone nem rádio. As ruas foram pavimentadas, construídas pontes e avenidas largas, fizeram jardins e praças, os igarapés foram canalizados. Os barões e estrangeiros que se mudaram para Manaus para comprar e vender borracha (principalmente ingleses, americanos, franceses, alemães e libaneses) construíram casas enormes. Quase ninguém tomava mais banho de rio, porque tinham a água encanada. Assim era a “Manaus Moderna”.

Nessa época muitas outras novidades começam a chegar também em Manaus e Belém. Por exemplo, o gelo e as câmaras frigoríficas, que permitiam o armazenamento de comidas e a venda de sorvete, cerveja e refrigerante gelado. Também chegaram os ventiladores de teto, usados para diminuir o calor, espantar os mosquitos, e diminuir o mau cheiro de cigarros e charutos. Os *chotac* traziam todos esses novos costumes e produtos da Europa.

Em Manaus ainda existem muitas construções que foram feitas com o dinheiro vindo da borracha. É o caso do Teatro Amazonas, construído nessa época, e de todas as casas grandes, de janelas, portas e tetos altos que ficam no centro de



Vista de Manaus e do Teatro Amazonas na época da borracha, em 1896

George Huebner, 1896

Manaus. Essas casas e construções são de uma época de muitas riquezas e luxos para os *chotac* patrões da borracha, mas de muitas mortes, guerras, escravidão e doenças para os trabalhadores seringueiros, caucheiros e índios da Amazônia.

Além de Manaus e Iquitos, outras cidades amazônicas cresceram muito nessa época. Várias das cidades que hoje existem no entorno do território Matsés surgiram e se tornaram mais populosas, sendo povoadas pelos brancos que trabalhavam com a seringa, ou comerciantes que vendiam seus produtos para os seringueiros.



Beneficiamento da borracha nas ruas de Manaus, 1906

Autor desconhecido

A ORIGEM DA CIDADE DE ANGAMOS

Após o fim da guerra com o Equador em 1942, o governo peruano tomou medidas para assegurar suas fronteiras na Amazônia. Foi assim que em 1947 fundou o povoado de Colonia Angamos, logo abaixo da confluência entre os rios Galvez e Jaquirana, onde se instalou a Companhia de Infantaria Independente nº 2. Em 1943 havia sido criado o distrito de Yaquerana sendo o povoado de Bolognesi, localizado em frente a foz do Batã, sua sede. Apesar disso, Angamos sempre foi a localidade central do distrito, o que só se veio a se confirmar oficialmente em 1999 (Coutinho, 2017).

No auge do período da borracha o povoado fazia parte da rota de lanchas a vapor que percorriam o rio Javari.



Rio Javary

Remate de Males

Vista de Remate de Males na época da borracha, em 1888-1891

George Huebner, 1888-91

A ORIGEM DE ATALAIA DO NORTE E BENJAMIN CONSTANT

O aumento da exploração da borracha na região do Javari levou a formação dos primeiros povoados de *chotac*. Foi assim que em 1888 com a chegada, a partir de Pebas no Peru, do maranhense Alfredo Raimundo de Oliveira Bastos. Ele se estabeleceu na confluência do Itacoaí e Javari, lugar que deu o nome de Remate de Males, numa alusão ao seu desejo de ali arrematar, finalizar, todos os seus males e problemas que havia enfrentado até então. Em 1898 uma lei estadual oficializou a criação da vila de Remate de Males, também conhecida como Santa Cruz do Itecuahi (Coutinho, 2017).

Pouco mais de uma década depois, no início do século XX, auge da época da borracha, Remate de Males era considerada uma das povoações mais importantes do estado do Amazonas. Chegou a ter uma população de quase 20.000 pessoas em 1903 (Zárate, 2008). Todos os habitantes derivavam sua renda direta ou indiretamente da exploração e comércio de seringa. Nessa época o povoado era atendido por vários barcos a vapor, que podiam ir até a boca do Curuçá na época das cheias. O povoado era formado por uma única rua onde os frades capuchinos construíram uma capela dedicada a São Sebastião. Possuía hotel, farmácia, barbearia, joalherias, armários, alfaiatarias, bilhares, botequins, ca-

barés, funilarias, carpintarias, advogados e consultórios médicos e de dentistas. Havia um vice-consulado do Peru, uma loja maçônica e até um jornal "O Javari" (Jobim, 1943 *apud* Coutinho, 2017).

Cerca de duas décadas depois, em 1927, Mário de Andrade de passagem pela região considerou Remate de Males uma "terra desgraçada" devido a malária, numa região aonde "a terra em formação devora os homens (...)" (Andrade, 1966, *apud* Coutinho, 2017).

Em 1943 seus moradores se retiram para a área do seringal Cametá, que deu origem a atual cidade de Atalaia do Norte.

No lado peruano, em frente ao povoado de Remate de Males, surgiu o povoado chamado Nazareth. De Nazareth saía uma trilha que se comunicava com Caballococha, cidade localizada no rio Amazonas, entre Letícia e Iquitos, e era um dos principais centros comerciais na época no departamento de Loreto, perdendo apenas para Iquitos e Yurimaguas e chegando a ter cerca de 5.000 habitantes. Os comerciantes de Nazareth vendiam e compravam mercadorias da Europa e Estados Unidos. Assim, Remate de Males estava diretamente conectada às cidades mais importantes da Amazônia peruana (Zárate, 2008, p. 149).

Como os comerciantes em Nazareth pagavam um preço melhor pela borracha, muitos contrabandeavam a seringa e caucho produzido no Brasil para o outro lado da fronteira.

Já o Município de Benjamin Constant foi criado a partir dos missionários jesuítas que se instalam, em 1751, em uma aldeia localizada na boca do rio Javari e que passam a chamar de São José do Javari. Local que mais tarde, em 1759, foi transformado em vila onde se instalou um des-

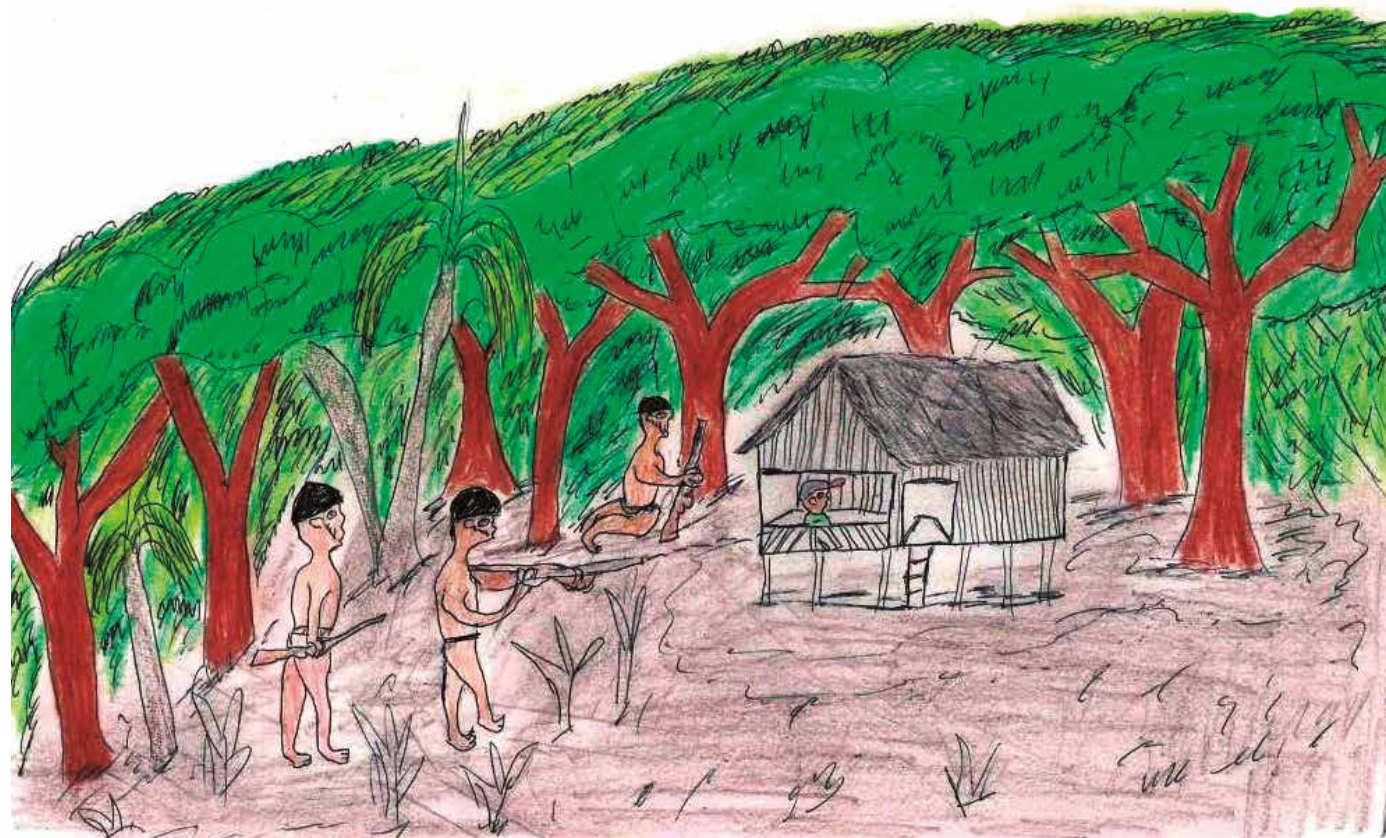
tacamento militar para controlar as embarcações que subiam o rio Solimões.

Em 1898 é criado o município de Benjamin Constant, com sua sede no povoado de Remate de Males. Em 1928 a sede do município é então transferida para o povoado de Esperança, que em 1934 passa a se chamar Benjamin Constant.



La masacre del caucho

A CHEGADA DOS CHOTAC NO TERRITÓRIO MATSÉS

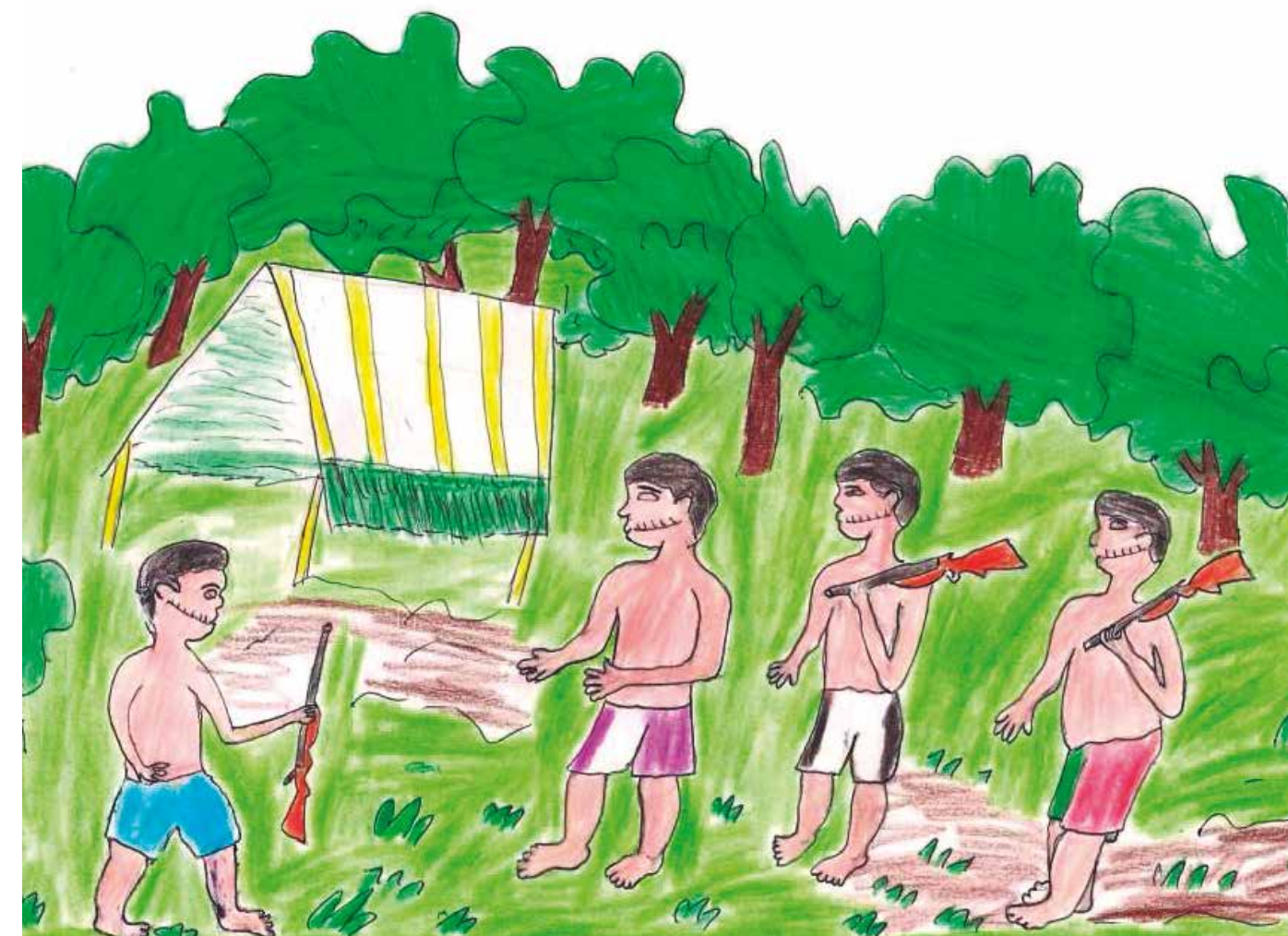


No fim do século XIX, com a chegada dos *chotac* no território Matsés, iniciou-se um período muito intenso de guerras. Antes dessa época, os Matsés construíam suas malocas, plantavam suas roças e se deslocavam nas “terras firmes” entre os rios Tapiche, Galvez, Jaquirana, Negro e Pardo, evitando as margens dos rios principais.

Segundo depoimento de José Tumi Cashishpi:

A região entre a margem direita do Tapiche e o rio Galvez é a terra mais

sagrada dos Matsés, pois lá estão enterradas pessoas muito importantes”, e continua “os Matsés moraram muito tempo em um igarapé do rio Galvez, chamado Shuinte Tsibu Tied. Muitos Matsés moravam juntos em uma única maloca, que se tornou a aldeia mais antiga, comandada pelo cacique Tadain Tëca. Eles faziam também uma única roça, bem grande. Depois de grandes conflitos, os Matsés se dividiram. (tradução Sérgio Pëmen Mayuruna, 2013)



Manuel Tumi, que vive atualmente na aldeia Estirón, no Peru, conta que, antes dos *chotac* chegarem em seu território, os Matsés viviam nos igarapés afluentes do Jaquirana, tanto no lado brasileiro como no lado peruano da fronteira (Jiménez Huanán et al., 2014). De tempos em tempos, cruzavam o rio Jaquirana para visitar seus parentes.

Quando os caucheiros e seringueiros chegaram nessa região, começaram os conflitos dos *chotac* contra os Matsés. Os caucheiros roubavam mulheres e

crianças Matsés e, segundo o cacique Uaqui (conhecido como Caiçuma), eles usavam armas de dois canos, aquelas que eram usadas sem cartuchos, mas com chumbo e pólvora socados. Por conta desses conflitos, no fim do século XIX, os Matsés migraram para regiões mais distantes das margens do Jaquirana e Galvez, ou seja, para as áreas de terras altas no interflúvio do Galvez-Choba, de modo com que comesçassem a ocupar o território dos índios a que se referiam como Mayu (Jiménez Huanán et al., 2014 e Matos, 2017).

Assim, foi a partir das duas últimas décadas do século XIX que o território Matsés começou a ser invadido por não-índios, atraídos pela possibilidade de trabalho e de lucro com a exploração da borracha. Segundo o pesquisador Walter Coutinho (1993), as frentes de exploração da borracha, que chegaram no Vale do Javari, vinham de três lugares: do rio Ucayali para o Tapiche e seus afluentes; do rio Amazonas subindo pela boca do rio Javari; e pelos rios Ipixuna e Juruá.

Os caucheiros e seringueiros vindos do rio Ucayali se estabeleceram em seringais nos rios Tapiche e Blanco. Entre eles, Coutinho destaca um barracão chamado Lontananza, estabelecido em 1897 na margem esquerda do alto rio Jaquirana, liderado pelo peruano José Encarnación Rojas. Rojas era líder de 400 indígenas Campa, povo ao qual ele pertencia, e havia sido capturado por peruanos, adotando o sobrenome de seus pais adotivos.

Em 1897, uma Comissão Demarcadora de Limites subiu o rio Javari, liderada por Cunha Gomes. Segundo ele,

“a população dos vales do Jaquirana, Batan e boa parte do Ipixuna e seus afluentes (estes da bacia do Juruá, cujos manadeiros davam para os do Jaquirana) [era] superior a 5.000 pessoas, todas de origem peruana, falando em geral, o quichua, sendo o espanhol falado entre os patrões

e os agentes das casas fornecedoras de Iquitos” (Branco, 1950, p.206, *apud* Coutinho, 1993, p.232).

Informações da época sobre produção de borracha vinda do rio Javari e seus principais afluentes podem nos dar uma ideia do rápido crescimento da ocupação não-indígena nessa área.

“Em 1893, a produção do rio Javari (que certamente incluía a de seus afluentes principais) foi de 725.741 quilos de borracha, e correspondeu a pouco mais de 8% do total da produção do estado do Amazonas. Ainda em 1893, o volume total da borracha e cacho provenientes do Peru em trânsito por Manaus foi de 1.510.011 quilos. (...) Em 1898, (...) o Javari produziu 1.032.846 quilos de borracha. Ou seja, em cinco anos a produção do Javari havia crescido 42%. (...) Uma dúzia de anos depois, a produção desse rio indicava ainda um crescimento em relação ao início do século, totalizando 1.451 toneladas em 1910” (Coutinho, 1993, p.228).

QUANDO OS MATSÉS VIRAM PELA PRIMEIRA VEZ UMA CASA DE SERINGUEIROS



Contam os mais velhos que os seringueiros foram os primeiros *chotac* que os Matsés atuais conheceram. Manoel Tumi, que atualmente vive na aldeia Estirón, relata que esse acontecimento foi presenciado por Tëca Cacmushsio quando era jovem. Segundo Jiménez Huanán *et al.* (2014) isso se deu por volta de 1883.

“Uma turma de homens Matsés estava descendo o rio em um coxo de paxiúba, atrás de ovos de tracajá (estava na época de botar). Então eles viram um tapiri na margem, e falaram:

– Olha, a casa dos Mayu.

O outro falou:

– Vamos encostar.

Eles encostaram para ver e subiram na terra. Ao fazer isso, encontraram um cartucho. Eles falaram: “É o brinco do Mayu”. Mais adiante, pegaram o fósforo, e falaram: “Dëta bëdte (adorno facial) dos Mayu”. Eles experimentaram todos os objetos pensando que eram de uso dos Mayu. Depois encontraram um espe-

lho e na hora em que um deles ficou em sua frente, apareceu a imagem de um homem. Saíram correndo dizendo que o dono da casa, o Mayu, estava vindo.

Pararam por alguns minutos até que um deles perguntou:

– Era mesmo alguém?

O outro Matsés respondeu que era Mayu, usava um brinco e tinha uma tatuagem no rosto.

Então eles resolveram voltar novamente. O Matsés ficou mais uma vez diante do espelho e viu que era a sua imagem. Nesse momento, um ficou e o outro correu. O primeiro gritou para o outro dizendo que não se tratava de um Mayu. Em seguida, encontram leite de seringa no balde e acreditaram que era caçuma de macaxeira. Eles ficaram com vontade, mas não tinham com o que tomá-la.

Contam que essa foi a primeira vez que os Matsés viram os *chotac*. Não conheciam os objetos dos não-índios e, depois que retornaram para sua maloca levando os pertences dos *chotac*, os outros Matsés ficaram preocupados, porque não tinham nenhuma dessas coisas. Assim todos começaram a migrar procurando por novos pertences dos *chotac* similares aos que Bina havia

conseguido. Primeiro fizeram roça na cabeceira do rio Negro, onde moraram por dois anos. Depois se mudaram de novo indo para a cabeceira do Lobo. Tiveram Matsés que fizeram roça no igarapé chamado de Antada Chied, enquanto outros atravessaram o rio Jaquirana, fazendo roça perto do rio Choba. (tradução Osvaldo Mayuruna, 2005)

Gonçalo Mayuruna, em 2013, durante a oficina de história conta este episódio:

Os Matsés moravam no seu território e não tinham contato com os *chotac*. Quando chegaram na margem do rio, fizeram um coxo, desceram o rio e viram os *chotac* chegando. Estes começaram a atirar por cima dos Matsés para espantá-los.

Os índios fugiram no mato e seguiram pelo mesmo rio. Encontraram uma casa de seringueiros e viram vários objetos como fósforo, espoleta, tigela e muitos outros. Os Matsés pegaram esses objetos e, como não os conheciam, jogaram-nos no rio. Foi assim que eles começaram a descobrir os objetos dos *chotac*.

Passaram a roubar fósforo, espoleta, terçado, panela, espingarda e cartucho, porque eram itens importantes para eles. E assim continuaram, matavam os seringueiros, os *chotac*,

e pegavam seus objetos. Viveram assim por muito tempo.

Ainda sobre a chegada dos *chotac* no território Matsés, José Tumi Cashishpi contou, em 2013, que:

Há muito tempo, os Matsés viviam no seu lugar. Naquela época os *chotac*, caucheiros e seringueiros, entraram no território mais ocupado por eles. Os Matsés sabiam que existiam os não-índios.

Quando chegaram na beira do rio, viram a casa do *chotac* e entraram para ver e pegar vários objetos como fósforo e espoleta. Os Matsés chamavam fósforo de *ēdabute* para colocar nos lábios e as espoletas chamavam de *paudusunte* para colocar na orelha. Já o leite da caucheira chamavam de caçuma da macaxeira.

Os Matsés pensaram assim: “Vamos encontrar os *chotac* e nos mostrar cantando para pedir o terçado”.

Assim, foram para a praia e começaram a cantar ao virem os *chotac* chegando. Estes começaram a matar os índios.

Os Matsés não sabiam o que era arma e muitos deles conseguiram fugir para a mata. Os *chotac* entraram em cada rio matando os índios até no Peru. Lá, os *chotac* mataram

e pegaram as mulheres e as crianças Matsés. Eles tentaram fugir e ir para outros lugares, mas não conseguiram. Os *chotac* andavam por todos os lugares e os índios não tinham para onde ir. Ficavam no buraco do tatu, onde passavam vários dias. Os Matsés sofreram muito.

A PERSEGUIÇÃO CONTRA OS MATSÉS E A CAPTURA DE MULHERES PELOS CHOTAC

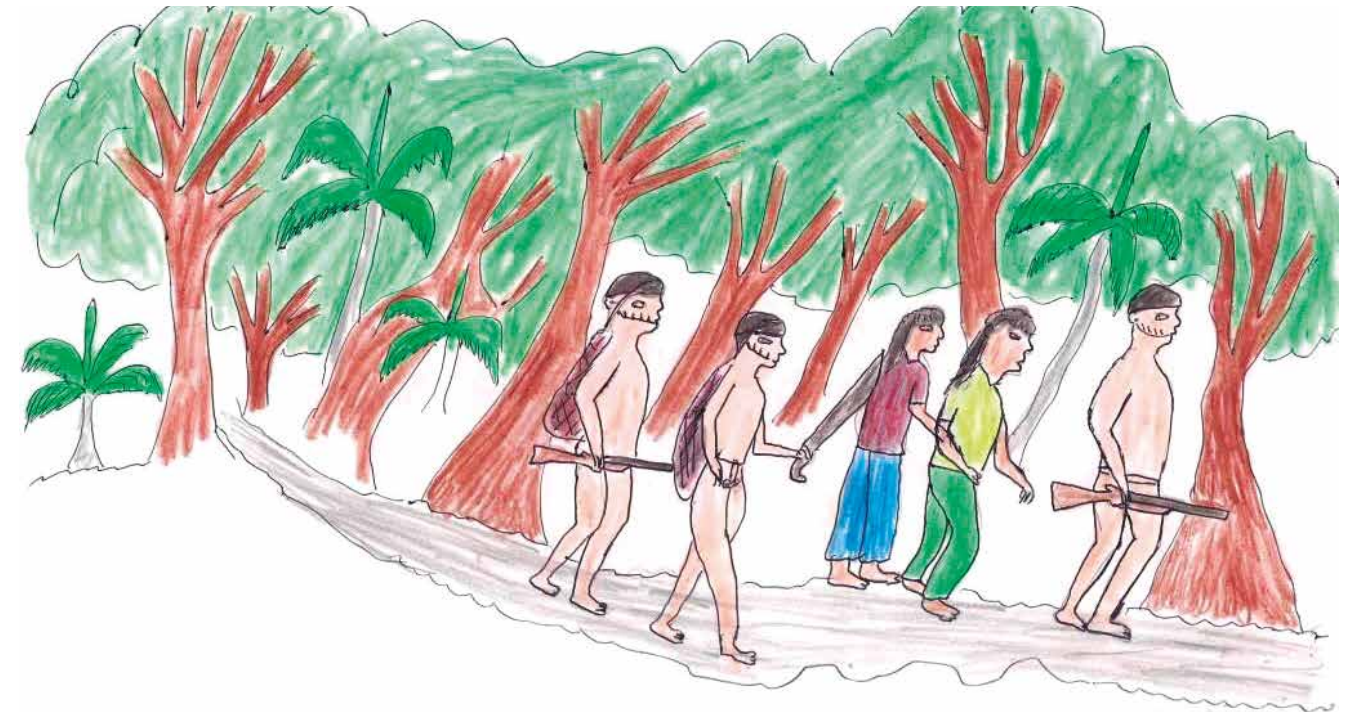


Depois desses primeiros avistamentos, não tardou para que os seringueiros comessem a atacar os Matsés para ocupar seu território e explorar seus recursos. Muitas mulheres e crianças Matsés foram raptadas pelos seringueiros durante esses conflitos. No livro *Ėndenquio Icampid Manuel Tumin Chuibanaid, Hist3ria Antigua Seg3n Manuel Tum3* (Jim3nez Huan3n et al., 2014), Manuel Tumi conta como aconteceram v3rios epis3dios de captura de mulheres e crianas Matsés pelos *chotac*, especialmente nos anos de 1910 a 1920:

“Contavam que h3 muitos anos atr3s os Matsés faziam roas em diferentes partes pelas margens do rio Jaquirana, quando n3o havia brancos.

Quando os brancos comearam a matar os Matsés, os que viviam nas margens do Jaquirana foram viver nas cabeceiras, nas margens dos igarapés.

Depois de viver fazendo roas nas margens de igarapés muito distantes do rio Jaquirana, e depois de matar os Mayu e se apoderarem de suas terras, os Matsés foram viver nas margens do rio Choba, fazendo suas roas. Depois de viver a3, fizeram roas nas margens do Añushiyacu. Depois foram viver nas margens do rio Galvez, e depois na cabeceira do rio Alem3n. Quando viviam assim, de tempos em tempos os brancos faziam os Matsés fugir, matando-os”. (Jim3nez Huan3n et al., 2014).



Em seguida, Manoel Tumi relata que os *chotac* que atacavam e matavam muitos Matsés tamb3m capturavam suas crianas, rapazes, moas e mulheres que tinham beb3s de colo. Alguns dos capturados que s3o citados no livro s3o: a mulher e o filho de T3ca em 1911, a M3e de N3ca em 1912, Tupa em 1916, 3scho em 1919, e Pu3. Manoel Tumi narra alguns depoimentos de mulheres que foram capturadas pelos *chotac* e depois resgatadas pelos Matsés, como o de sua av3 (m3e de seu pai) S3d3yuqui. Ela era uma mulher Mayu que havia sido capturada pelos Matsés, e depois, em 1924, vivia com um grupo Matsés na maloca que ficava na margem do igarap3 Cu3-

te N3nete, quando foi capturada pelos *chotac* junto com seus filhos e junto com outra mulher tamb3m com seus filhos.

“Depois que nos capturaram, baixamos o rio Blanco, depois de dormir uma noite. Alguns *chotac* foram para cima no rio Blanco e um deles ficou cuidando de n3s, das mulheres que haviam capturado. Ele nos fez ficar com as m3os amarradas atr3s das nossas costas. Ficamos a3 durante dez noites e teria sido f3cil nos resgatar, pois estava somente esse *chotac* nos vigiando. Quando est3vamos sentadas com as m3os amarradas, nossos filhos que foram capturados conosco estavam nadando e pulando

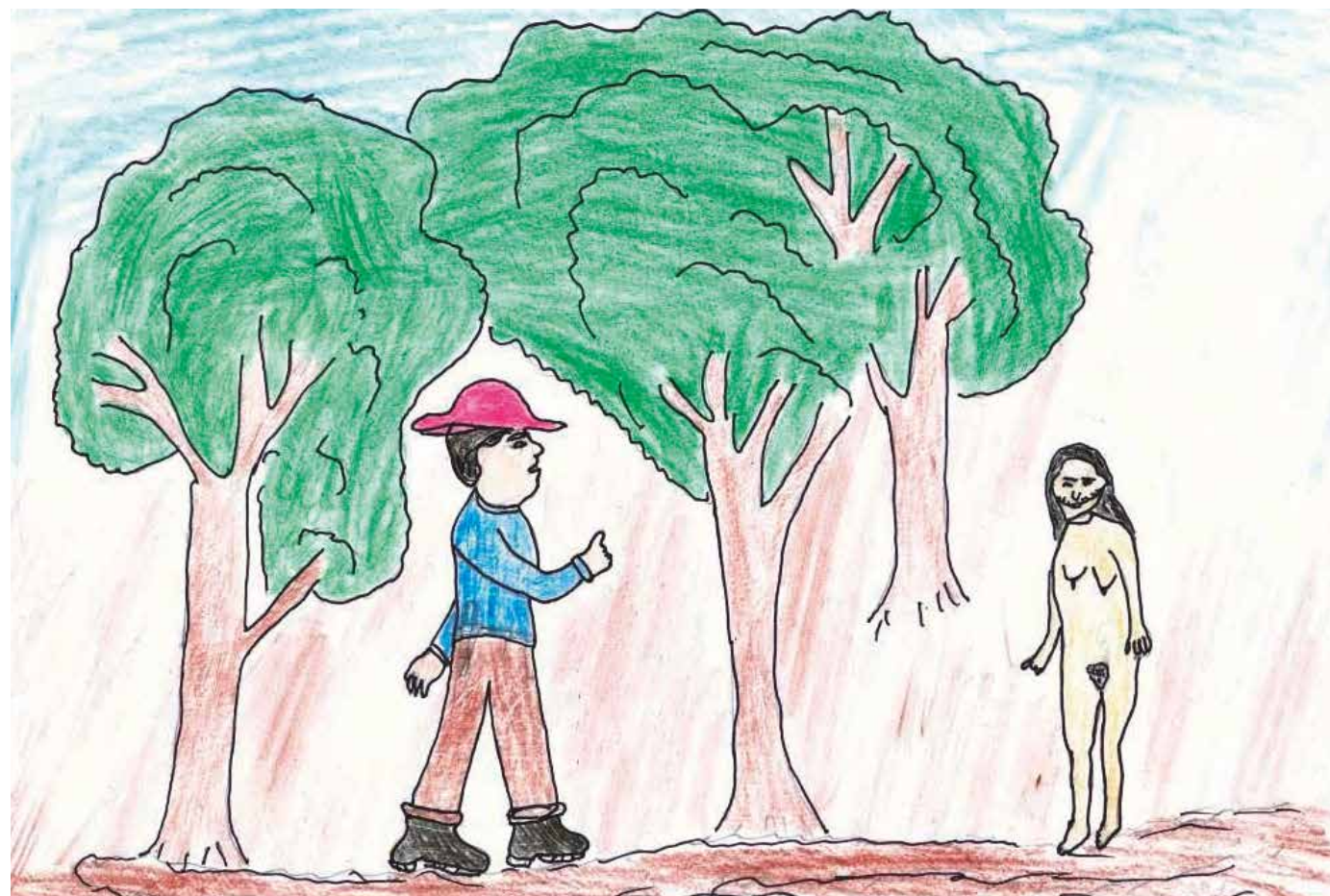
no rio Blanco. Mesmo com as mãos amarradas, tinha no meu peito meu filho pequeno. Enquanto estávamos esperando, os que se foram por terra dizendo “vamos trazer canoas” chegaram nas canoas com suas roupas brancas aparecendo desde longe.

Quando chegaram depois de muitos dias com as canoas, nos pegaram e seguiram rio abaixo.

Enquanto nos levavam nas canoas, fizeram sexo comigo mesmo com os outros olhando. Também fizeram isso com a outra mulher capturada. Quando me abriam as pernas para ter sexo comigo eu dizia “como posso abrir mi-

nhas pernas?”. Quando eu dizia isso, o branco me remedava. Os *chotac* fizeram sexo comigo durante todo o caminho com minhas mãos atadas, e minhas mãos se incharam até ficarem bem grandes. Quando minhas mãos se incharam e eu não podia mais embalar meu bebê, eu mesma deixei ele nas águas do rio. Enquanto isso, meu outro filho e minha filha estavam em outra canoa. E a outra mulher capturada estava indo com seus filhos e o homem que a capturou.

Quando me levaram, me fizeram ficar em Requena, e levaram meus filhos rio abaixo (pelo Ucayali).



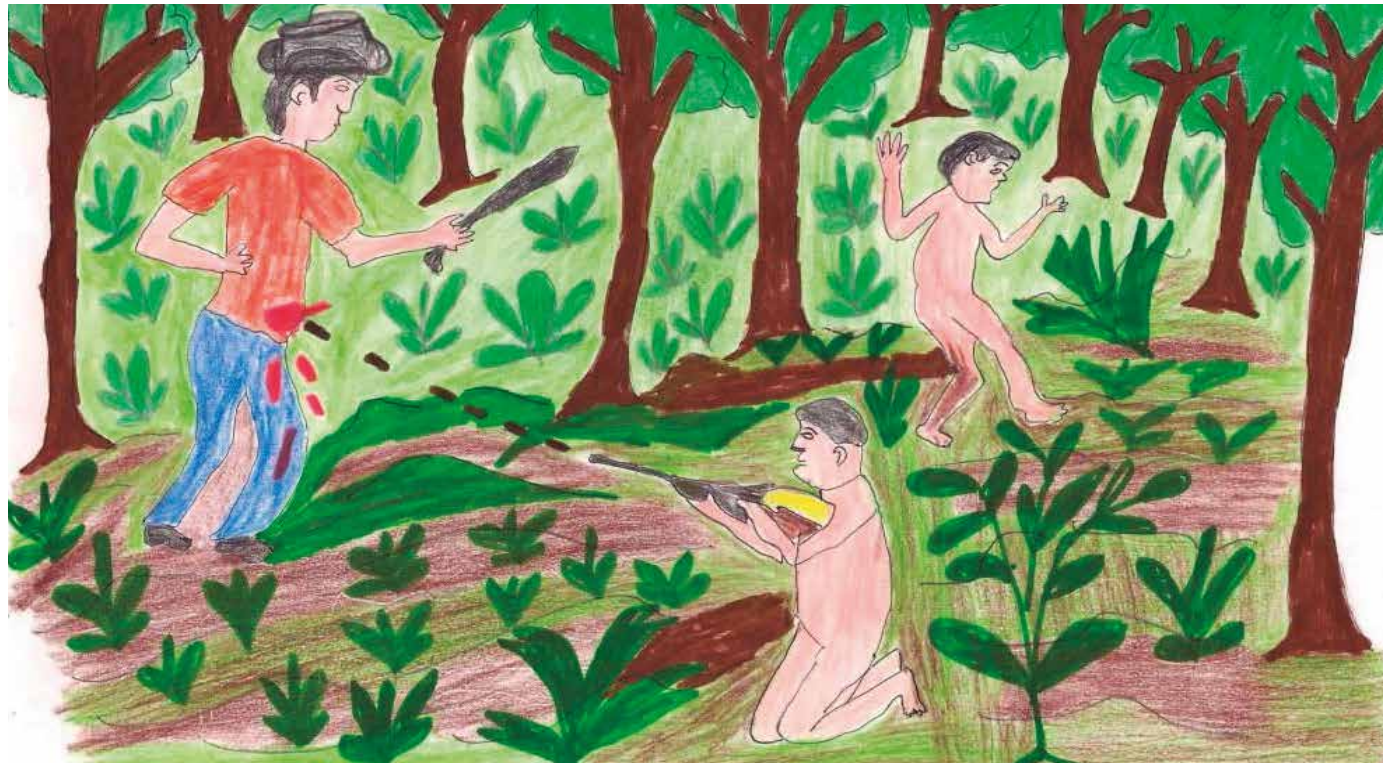
Quando levaram meus filhos eu chorei. Quando estávamos aí por um tempo, a outra mulher capturada comigo conseguiu fósforos. Então ela disse “temos que fugir agora que eu consegui fósforos”, mas eu lhe disse “espera, não deixe que os *chotac* percebam. Você é aquela que capturaram junto com seus filhos. Não deixe que os *chotac* percebam, para escaparmos juntas, porque me dá muita dor pensar nos meus filhos que eles levaram rio abaixo.” Eu disse isso querendo esperar para ver se traziam meus filhos.

Apesar que lhe disse isso, ela me dizia “temos que escapar agora! Eu consegui fósforos, então temos que escapar!” Como ela me insistia sem parar eu fugi, mesmo com muita dor. Eu dizia “que tristeza, vou deixar meus filhos”. (...) Quando nós estávamos ainda perto de Requena, fugindo na madrugada, os brancos começaram a gritar, dizendo “as mulheres escaparam”.¹⁰

Sëdëyuqui e a outra mulher escaparam, conseguiram voltar para sua maloca, mas Sëdëyuqui nunca mais voltou a ver seus filhos.



OS MATSÉS COMEÇAM A REAGIR



Com a constante perseguição dos seringueiros e caucheiros, os Matsés passaram a viver fugindo, abandonando suas roças por medo dos brancos. As crianças choravam de fome porque estavam sempre fugindo pelo mato, não havia roças e alimentos para colher. Depois de sofrerem tanto, os Matsés começaram a reagir. Os guerreiros Matsés passaram a buscar formas de adquirir armas de fogo para se defender da invasão e ataques dos brancos. Uma forma de adquirir essas armas, assim como outros bens que vinham dos *chotac*, era saquear os seringueiros e caucheiros. Os Matsés defendiam seu território atacando os grupos de seringueiros e outros invasores, capturando deles suas armas e objetos.

Assim começou um período de muitos conflitos com os seringueiros e caucheiros, em que muitos Matsés morreram, mas também mataram muitos brancos. Esse período durou até o contato com as missionárias, no ano de 1969.

Alguns guerreiros são lembrados até hoje como pessoas que defenderam seus parentes e que graças a eles os Matsés não morreram exterminados pelos *chotac*, ou não foram explorados por eles a ponto de perderem sua liberdade. Um desses guerreiros era Shabac, conhecido como Oncodo. Ele impediu que seus parentes se tornassem trabalhadores explorados ou semi-escravos de um patrão seringalista.

QUANDO UM GRUPO MATSÉS TRABALHOU COM SERINGA PELA PRIMEIRA VEZ

Por volta da década de 1920, um *chotac* chamado Augustin viveu junto com um grupo Matsés. Augustin chegou até os Matsés levado por Tedia, uma mulher Matsés que foi deixada por seu marido, Shoque, para viver junto com os *chotac* e se casou com um deles. Contam que quando Augustin chegou na maloca Matsés junto com Tedia ele tinha uma escopeta com dois canos. (Jiménez Huanán *et al.*, 2014).

Depois dessa primeira visita, Augustin voltou com outros brancos e com muitas coisas para dar para os Matsés: roupas, ferramentas, espelhos. Ele pediu para que os índios fizessem uma casa para ele morar, e que todos passassem a tirar seringa para ele. Os Matsés fizeram a casa atrás da maloca, que ficava em um igarapé afluente do rio Choba, na região das cabeceiras.

Augustin e seus empregados viveram cerca de um ano e meio entre os Matsés. Estes tiravam seringa e também faziam farinha para Augustin. Depois de um tempo Shabac (Oncodo), um grande guerreiro Matsés, não quis mais viver sendo explorado por Augustin. Ele atravessou o rio Galvez e foi até um grupo Matsés que vivia na maloca da roça Nai Tsibu Tied para falar com o seu *cucu*, chamado Têca. Segundo Uaqui Mayoruna, esse é outro nome da roça Shuinte Tsibu Tied.

Dois *chotac* foram atrás de Oncodo, e chegaram na maloca em que vivia Têca, que convidou os dois *chotac* até a sua roça, dizendo a eles que eles deviam ir pegar banana, e chamando-os de “pai adotivo” (*papamano*). Têca matou os dois *chotac* quando foram com ele para a roça.

Depois disso, Oncodo conseguiu a arma dos seringueiros, e junto com outros Matsés mataram os *chotac* que estavam vivendo na aldeia, os trabalhadores de Augustin. Os índios só não mataram Augustin porque nessa época ele havia viajado para Lima. A partir daí contam que Augustin com seus capatazes perseguiram durante muito tempo os Matsés, que se mudavam fugindo deles.

Os primeiros *chotac* que os Matsés viram foram os caucheiros e eles sempre chegavam matando e roubando as mulheres. Os Matsés não sabiam se defender, até que Oncodo aprendeu a usar a arma dos *chotac* e resistiu contra a perseguição dos brancos. Raimundo Mëan assim contou em 2009:

“(…) Os Matsés não sabiam se defender, até que começaram a fazê-lo. Depois um Matsés chamado Oncodo foi se encontrar com os seringueiros, e o *chotac* lhe deu a arma carabina para tirar cacho. Ao fazer isso, resolveu fugir, levando a arma.

O Ocondo voltou para o seu povo. Ele era muito respeitado por todos e vivia separado do grupo com sua própria maloca. A mulher Matsés que os brancos tinham roubado chegou junto com o marido *chotac* querendo se juntar aos Matsés. Depois que ganhou confiança dos Matsés, ele mataria todo mundo. Mas o Mayu, que sabia falar essa língua, ouviu os *chotac* falar e contou para o chefe da maloca, o Ocondo, e eles resolveram matar os *chotac*. O chefe pediu para que o pessoal levasse os *chotac* para pescar. Os Matsés chamaram os três *chotac* para pegar peixe e os matou. Mata-ram também o *chotac* que estava em casa, que era o chefe. Foi assim que os Matsés começaram a se defender. Os velhos contam que isso aconteceu no Peru, em Iquitos e Requena”.

Desde o início da guerra contra os brancos alguns episódios ficaram marcados na história do povo Matsés. Eles são contados pelos mais velhos também como forma de mostrar aos mais novos a coragem e a força que os antigos tinham. É importante que as gerações mais novas conheçam essas histórias, para saberem que foi por meio dessa luta que os Matsés conseguiram manter o seu território e seu modo de vida.

QUANDO MANOEL BAI MATOU UM SERINGUEIRO



Ecir Bai Mayuruna contou em 2013 na oficina de história, que:

Certa vez Manoel Bai saiu da sua aldeia para procurar os *chotac* para roubar suas coisas. Com ele estavam seu sobrinho, seu primo, seu tio, além de outros parentes. Quando saíram da sua aldeia, eles chegaram onde os *chotac* trabalhavam cortando seringa. Encontraram o caminho dos *chotac*, e ao andarem por ele escondidos, viram o *chotac* cortando palha da jarina para fazer a sua casa.



O branco, ao terminar, estava levando a palha quando os Matsés chegaram por trás dele e pisaram nela. O *chotac* não viu, apenas percebeu quando pisaram uma segunda vez, e jogou a palha no chão. O *chotac* foi correndo atrás dos Matsés querendo matá-los.

E quase matou um Matsés com terçado. O Matsés gritou correndo do *chotac* “ele está me matando!”. Então Manoel Bai escutou os gritos do seu sobrinho, e veio correndo. Manoel Bai, que estava armado, viu bem de perto o *chotac*. Quando o branco percebeu que o índio estava armado, chorou gritando. Manoel Bai matou o *chotac* e roubou as suas coisas: uma espingarda, panela, roupas, cartuchos e terçados. Os Matsés roubaram tudo.



A CAPTURA DE MULHERES PELOS MATSÉS

Dizem os mais velhos que os guerreiros Matsés também começaram a roubar mulheres dos brancos como forma de vingança, pois os invasores capturavam muitas mulheres indígenas. A captura das mulheres *chotac* era também uma maneira de adquirir bens e conhecimentos vindos deles, que passaram a ser necessários para os Matsés. Foi, por exemplo, uma mulher *chotac* raptada que ensinou os Matsés como usar as armas de fogo.

Os CHOTAC DO PERU E OS MATSÉS

Entrevistas realizadas em 2013 junto a moradores da cidade de Soplin-Curinga no rio Blanco, afluente do rio Tapiche pelo pesquisador Hilton Nascimento demonstram como era a vida das comunidades de peruanos que moravam próximos à área dos Matsés. Essa era uma área no Peru que sofria muito ataques dos Matsés. Para os peruanos, toda a margem direita do rio Blanco era dominada por eles, “onde atracavam a canoa, aí estavam os índios”. A pequena cidade de Coringa era atacada pelos Matsés que iam buscar cartuchos, armas, terçados, machados, e as mulheres locais chegavam a se vestir como homens para evitar o rapto. A cidade de Coringa tinha um posto policial para ajudar na defesa dos seus moradores com sinais de alerta que indicavam os momentos de ataques dos Matsés quando então a população devia procurar refúgio e proteção junto ao posto. Esse mesmo posto proibia que mulheres e crianças passassem para as comunidades que existiam rio acima, o que só foi permitido a partir de 1974, depois do contato dos Matsés.

Várias mulheres desse povoado foram raptadas e depois que os Matsés estabeleceram contato com os *chotac* peruanos muitas dessas mulheres voltaram para visitar seus parentes *chotac* em Curinga, mas sempre regressando a sua vida junto aos Matsés com quem já haviam constituído família e com quem viviam há muitos anos. Situação que causa até hoje muito espanto entre os *chotac* peruanos que afirmam que os Matsés “rezavam” as mulheres raptadas para que elas não quisessem mais voltar para a “civilização”. (Nascimento, 2013).

Algumas das histórias de captura de mulheres *chotac*, ocorridas durante o século XX, foram contadas por Manoel Tumi.

Em 1927, Antonia, uma *chotac* mulher de seringueiro, havia sido capturada por Nacua, que passou a ser seu novo marido. Conseguiu escapar e desceu de coxo até onde agora está Angamos. Manoel Tumi conta que lá havia apenas uma casa.

Em 1928, os Matsés capturaram Elena, junto com sua irmã, no igarapé Curinga, que deságua no Rio Branco. Ela era brasileira, também mulher de um seringueiro.

Em 1929, Catalina e sua filha foram capturadas por Mauí na beira do rio Jaquirana. Os brancos conseguiram resgatá-la, matando muitos Matsés. Nesse mesmo ano, Nacua capturou Laura, nas margens do rio Uacayali, acima do povoado de Jenaro Herrera e, junto com Dunu, capturaram também Paola e sua irmã Rita.

Em 1931, os Matsés capturaram María Elisa, quando ela e seu marido tiravam seringa nas proximidades de Santa Elena, povoado situado na margem do alto rio Tapiche.

Em 1932, Dunu capturou Martina, juntamente com sua irmã Isabele e sua filha Aracapina, nas margens do rio Jaquirana. No ano seguinte, 1933, Aurélia também foi capturada nesse mesmo local, onde ficava o povoado de Santa Sofia.

Em 1938, Rosa foi capturada nas margens do rio Galvez, perto da boca do igarapé Añushiyacu. Um ano depois, Dashe e Coya capturaram Manuela, onde hoje está a localidade de Jenaro Herrera, na margem direita do rio Ucayali.

Em 1945, Malvina foi capturada um pouco acima de Requena. No mesmo ano, Rosa foi capturada em Requena por Dēmash, e Carmem e sua filha Julia foram capturadas no rio Tapiche, acima da comunidade Santa Elena, por Matsés que viviam na maloca Shubu Nēdēncate, no igarapé Añushiyaco.

Em 1947, Isabel e seus filhos foram capturados no rio Tapiche, também próximo à Santa Elena. Em 1949 guerreiros Matsés seguiram na direção do rio Ucayali, até chegar em suas margens abaixo de Requena. Lá capturaram uma mulher do povo Yagua que chamaram “Pequena Yagua” (*Yauampi*). Seguiram na direção rio abaixo até encontrarem o igarapé Tamshiyacu. Lá capturaram Maria, que também era do povo Yagua. Mais acima no Tamshiyacu, eles seguiram na direção da cabeceira deste igarapé, para chegar até o rio Yavari Mirim, onde capturaram

Sofia e seus filhos Pedro e Marina. Nessa mesma viagem, capturaram Mercedes.

Dunu levou Marina para se casar com seu filho Tumi. Marina e Tumi são os pais de Raul, que hoje é cacique da aldeia de Nova Esperança. Cerca de 10 anos depois, Sofia, a avó de Raul, conseguiu escapar, e foi ela quem ensinou para as missionárias a língua Matsés. (Matos, 2014).

A história da chegada das missionárias americanas entre os Matsés, em 1969, será tratada mais adiante.

Relato do rapto de uma peruana



José Tumi Cashispe contou este relato em 2013 na oficina de história:

“Os Matsés nessa época moravam na cabeceira do rio Pardo, tendo que fazer coxo de paxiúba para descê-lo, se quisessem chegar até a boca do rio. Lá, deixavam o coxo e seguiam para a mata, onde passavam muitos dias caminhando até chegarem na beira do rio Javari.

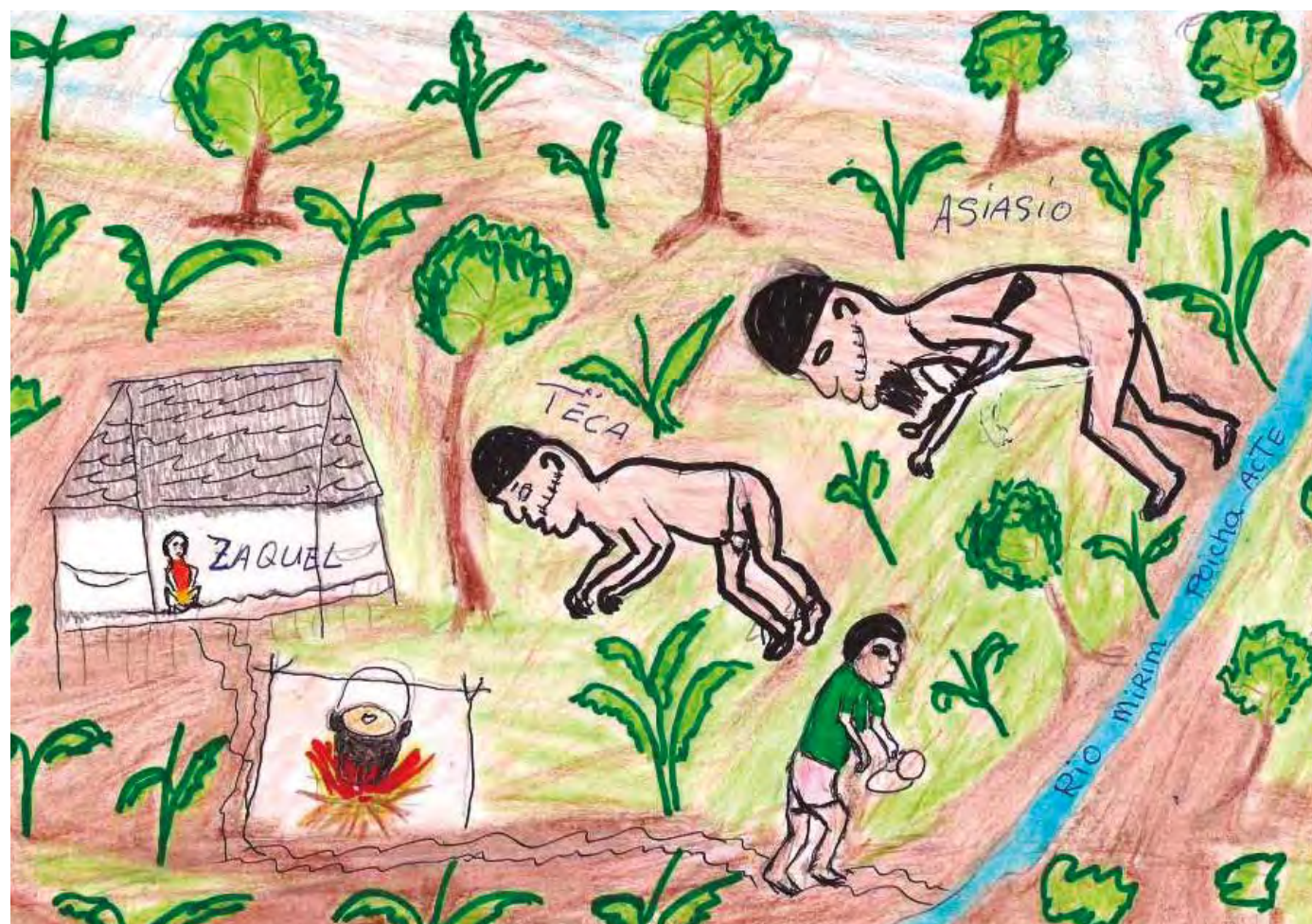
Certa vez os Matsés também fizeram coxo de paxiúba para atravessarem para o outro lado do rio Javari. Caminharam novamente até chega-

rem na cabeceira de outro rio, o rio Mirim. Estavam em cinco.

Nesse momento, eles encontraram os peruanos e os mataram em seguida.

Os Matsés pegaram a mulher de um dos peruanos e trouxeram-na escondida pelo caminho até chegar na cabeceira do rio Galvez. Ela estava muito triste, porque nunca voltaria a ver os seus parentes. Ela estava com muito medo, e por não querer ir com eles, fugia para o mato. Os Matsés conseguiram levar a mulher até sua maloca. Mais tarde, ela aprendeu a língua do Matsés”.

Relato do rapto do jovem Zaquel



“Os Matsés saíram de suas malocas em busca dos *chotac*. No caminho, a mando do *chuiquic dapa*, eles se dividiram: um ia caçar, outro ia tirar patuá, alguns ficavam vigiando enquanto dois procuravam comida e outros buscavam lenha para cozinhar o tatu.

Depois de cozinhar o tatu, os Matsés se reuniram para comer. Enquanto comiam, um deles contou que tinha achado um caminho livre. Quando terminaram de comer, eles começaram a fazer pajelança a noite inteira.

Ao amanhecer, eles seguiram o caminho que o companheiro tinha comentado na noite anterior. Os Matsés andaram o dia todo no trajeto no médio rio Choba e quando chegaram no rio Mirim, encontraram um tapiri. Chegaram perto do tapiri e os dois saíram para caçar no mato, ele tinha 15 anos, o Zaquel.” (Mauro Manquid Mayuruna, 2013)

CONFLITOS CONTRA O EXÉRCITO PERUANO E BRASILEIRO

Quando a exploração da seringa já não era a principal atividade dos *chotac* na região, o Brasil e o Peru criaram postos do exército nas margens do rio Javari, cada um no seu lado da fronteira. Em 1947, o Peru criou o pelotão de fronteira de Angamos. Em 1958, o Brasil estabeleceu o Pelotão de Fronteira do Estirão do Equador e, em 1963, o de Palmeiras do Javari.

Na época da fundação desses pelotões de fronteira os Matsés foram perseguidos por soldados brasileiros e peruanos. Para proteger seringueiros, madeireiros e outros invasores não-indígenas, tanto o exército brasileiro como o peruano realizavam expedições contra os Matsés. O pesquisador Walter Coutinho recolheu o seguinte depoimento sobre o ataque do exército brasileiro aos Matsés no final da década de 1960:

“De acordo com o que nos foi contado pelo Sr. José dos Santos, inconformados com o rapto de duas meninas, alguns de seus parentes, acompanhados por uma tropa de militares pertencentes ao recém-criado pelotão de Estirão do Equador, comandado na ocasião por um sargento chamado Arimatéia, entram no interior do Vale do Javari com a intenção de recuperar as crianças ou castigar os índios pela morte das mulheres.

Tendo ocorrido o ataque dos índios em 31/08/58, esta entrada teria sido realizada dois ou três meses depois, já que o Sr. Santos afirma que, em sua jornada, teriam chegado na confluência do rio Negro com o Pardo no dia da passagem do ano. Durante os 28 dias de sua ação pelas matas, um grupo de 3 civis e 59 militares, comandados por tenentes que haviam vindo “de fora”, encontraram e “derrotaram” três malocas indígenas: uma na região entre os igarapés Flecheira e Santana, e duas no rio Negro. (Coutinho, 1993, p.266).

Segundo o próprio Coutinho, essas meninas foram achadas entre os Matsés do igarapé Choba, no Peru, anos depois, quando já eram mulheres (Coutinho, 1993, p.272).

O apoio do exército as correrias realizadas na região contra os indígenas foi registrado também pelo antropólogo Cardoso de Oliveira em 1962:

“Em 1960, tropas do exército realmente intervieram na região, arrasando algumas malocas (ao que tudo indica despovoadas no momento do ataque) e se retirando da área sem ter entrado em combate com o inimigo”.

O jornal O Globo de 26 de setembro de 1976 publicou partes do relatório do pesquisador da FUNAI Paulo Lucena Rodrigues que havia registrado outra expedição punitiva realizada pelo exército contra os Matsés em 1963 onde:

“(…) houve elevado número de baixas entre os maiurunas, que, desde aquela época, nunca mais atacaram brancos na região. Mas a zona do médio Curuçá foi então totalmente evacuada de seringueiros e madeireiros”.

Em 1965 a Pastoral Indigenista do alto Solimões registra outra correria contra os indígenas com participação do exército realizada no Pardo onde os índios estavam “carregando, matando”.

Alguns desses relatos de conflito com os exércitos peruano e brasileiro fazem parte da memória do povo Matsés e das histórias dos guerreiros importantes que defenderam seus parentes:

O Guerreiro Ėpë

“Ėpë foi um guerreiro dos Matsés muito temido e muito estratégico, por isso, ele liderou quase todos os ataques que aconteceram com os Matsés. Para entrar de vez na história dos mais corajosos, ele enfrentou o ataque do exército peruano, mesmo

estando sozinho na maloca naquele momento. Ėpë mostrou porque era considerado o mais temido. O ataque do exército aconteceu quando o Ėpë estava sozinho na maloca, os outros guerreiros tinham ido para uma expedição longa, matando os *chotac* que encontravam no caminho.



Em meados do século XX, os Matsés, liderados pelo guerreiro Ėpë, fizeram muitos ataques contra os seringueiros que entravam em seu território. Ele andou com seus guerreiros em toda a área que é hoje o Vale do Javari, na região do rio Mirim e no rio Amazonas (no Peru). Esse hábito de andar muito era para conseguir objetos que eles precisavam e, ao mesmo tempo, para raptar mulheres.

O ataque do exército peruano aconteceu na região entre o rio Jaquirana e o rio Choba. Ali morreram umas oito pessoas, entre mulheres

e crianças, e um guerreiro. Também morreram muitos soldados. Apesar de ser um guerreiro estratégico e temido, Ėpë morreu no confronto com os seringueiros peruanos porque os seus homens falharam em matá-los. E ele foi enterrado por lá mesmo. Sua morte aconteceu um pouco abaixo do pelotão de Palmeiras do Javari, no lado peruano e chocou muito toda a maloca. Os ataques comandados pelo Ėpë foram muito importantes para o povo Matsés” (Raimundo Mëan Mayuruna, 2013).

História sobre o Bëshësh

Outro guerreiro importante para os Matsés foi Bëshësh.

“Os *chotac* saíram de Requena e mataram os índios. Nesse momento, começou a guerra.

Os índios mataram com flecha os *chotac*. Estes pegaram as mulheres Matsés. Ai os índios desceram outro rio com canoa da barriga da paxiúba, sofreram muito os índios, pensando só na alimentação.

Quando desciam o rio, Bëshësh, junto com Cabichi, viram os seringueiros bem escondidos. Primeiro mataram-nos à flecha e em seguida

Bëshësh pegou a espingarda. Ao matarem os *chotac*, subiram rio acima.

Eles nadaram para o outro lado do Peru. Ficavam escondidos na beira do rio, bem onde estava o barco dos *chotac*. Seguiam subindo rio acima, assim que o barco passava por eles. E de novo encontravam os seringueiros. Falaram assim: “Vamos puxar paxiúba, vamos matar eles de vingança”. Mataram três seringueiros, e um único *chotac* conseguiu fugir, correndo para sua casa.

Ele foi chamar os outros: “Os índios mataram três pessoas lá no mato”. Então, todos se escondiam no mato. Os *chotac* saíram em um barco, muitas pessoas subiram e mataram os índios. Então parou a guerra uma semana, e depois começou de novo a guerra. Depois o barco chegou à aldeia de Bëshësh, chamaram os que chegaram de Mamubo. Eles entregaram terçados para os Matsés. (Manoel Bai Mayuruna, 2009).

AS GUERRAS COM O EXÉRCITO PERUANO

Os soldados peruanos e os Matsés

Em texto elaborado em 2013, João Ėpë relata uma narrativa de José Tumi Cashispe, que deve ter acontecido por volta de 1940.

“Um grupo Matsés morava na cabeceira do igarapé Anushiayaco, numa maloca bem grande. Lá eles ficaram durante muito tempo, mas depois se dividiram, e alguns fizeram aldeia na cabeceira do igarapé Lobo, onde foram morar. No caminho para a nova maloca, Siasio ficou escondido e viu a pegada dos soldados peruanos. Siasio retornou para sua maloca e depois, conversando entre os Matsés, contou: “Eu vi rastro dos soldados”.

Siasio mandou uma pessoa chamar outros Matsés que moravam na cabeceira do Lobo. Retornou novamente e ficou escondido, escolhendo um lugar de onde pudessem matar os soldados, mas ainda esperava o restante dos Matsés chegar. Ainda escondido, viu muitos soldados vindo pelo caminho. Siasio atirou na perna de um deles, quase matando o soldado, que caiu no chão no momento do tiro.

Os outros soldados foram para a maloca e Siasio foi atrás deles. Eles viram a maloca e cortaram a palha no meio. Siasio viu os soldados fazendo um roçado bem grande, igual a roça e a capoeira dos Matsés.

Mais tarde outras pessoas foram junto com ele ver novamente a maloca. Siasio falou assim: “A nossa maloca foi cortada na metade, nós vamos vê-la”.

Junto com ele, saíram vários Matsés e ele os separou assim: “Vocês dois vão no meio do caminho”, enquanto os outros ele mandou esperar na beira do igarapé, onde Nêca e Bina mataram muitos soldados que lá desceram. Eles começaram a atirar nos soldados e fugiram, ficando escondidos no chão”.



Outro relato é feito por Jorge Manquid Mayuruna em 2009.

“Os Matsés tiveram muito conflito com os brancos. Os *chotac* foram quem começaram a matar os Matsés. Os índios ficaram com raiva e começaram a se vingar com a flecha, e depois começaram a usar a espingarda. Assim os Matsés mataram muitos *chotac*.

Os Matsés andavam muito longe atrás dos itens que precisavam, como machado, fósforos e outros. Precisavam principalmente da espingarda e do cartucho para se defenderem, quando estavam em viagem matando os *chotac* e os seringueiros.

E mataram até em Iquitos, cidade do Peru. Os peruanos ficaram com raiva e mandaram o exército para matar os Matsés. Os soldados chegaram até a maloca, ocuparam-na e mataram cinco índios. Na maloca só tinham mulheres e crianças e alguns homens que cuidavam delas. Mesmo assim, eles mataram cinco soldados. Os Matsés que estavam em viagem chegaram a se encontrar com os que estavam matando os soldados e quase conseguiram acabar com eles. Os soldados fizeram dez balsas para descer, mas escaparam apenas dez soldados.”

O conflito entre os Matsés e os moradores de Requena

O confronto mais grave contra o exército foi o episódio do conflito entre os Matsés e os moradores de Requena, cidade localizada as margens do rio Tapiche, tributário da margem direita do rio Ucayali, na Amazônia peruana. Ele culminou com um covarde bombardeio por parte do exército peruano contra uma maloca Matsés.

Em 1964, um grupo de cerca de quarenta homens partiu em expedição da cidade de Requena, indo para a região entre os rios Gálvez e Choba, como afirmou o pesquisador Romanoff a partir do depoimento que colheu do filho de um dos participantes desta expedição, a motivação principal era a retaliação a um ataque dos Matsés a um grupo de moradores de Requena que exploravam a região do interflúvio Galvez-Choba alguns meses antes. Nesse ataque, seis peruanos haviam sido mortos pelos índios, na época conhecidos como "Mayoruna".

As madeiras da região do Jaquirana despertavam cada vez mais o interesse dos políticos e empresários de Requena que queriam abrir uma estrada que conectasse essa cidade a Angamos. Assim a expedição serviu também para que pudessem verificar seu possível trajeto.

Quando chegou nas cabeceiras do rio Gálvez, a expedição encontrou malocas vazias. Os peruanos ocuparam uma delas e enviaram uma equipe para o reconhecimento dos arredores. Essa equipe foi surpreendida e atacada pelos guerreiros Matsés com arcos e flechas, zarabatanas, lanças e armas de fogo antigas. Um peruano foi morto. O episódio teve repercussão nacional quando os sobreviventes voltaram à maloca e enviaram por rádio um pedido de socorro à base militar de Lontananza. De lá as notícias se espalharam, e cogitou-se que o ataque dos índios teria sido motivado por terroristas ou guerrilheiros.

Com o alarde provocado pelas notícias, que rapidamente migraram dos jornais locais para a imprensa de Lima, capital do Peru, o exército peruano enviou dois aviões B-47 que bombardearam os locais onde "pudesse haver focos inimigos". Os peruanos feridos foram resgatados por helicópteros da marinha norte-americana.

De acordo com o antropólogo peruano Stefano Varese foram usadas bombas incendiárias, as famosas bombas napalm que os Estados Unidos estavam usando na guerra contra o Vietnã. Por solicitação do governo peruano uma empresa petroleira americana ensinou os militares peruanos a fabricá-las. Em 1967 Varese denunciou o governo peruano:

"(...) contra grupos indefesos do rio Tapiche e de Requena (...) a aviação militar saiu em defesa da 'civilização' usando um dos seus símbolos: as bombas. A tribo (...) tinha a culpa de encontrar-se no caminho do progresso".

SELVA TRAGICA

A SANGRE Y FUEGO, CIVILIZACION Y BARBARIE SE DISPUTAN UN TERRITORIO EN QUE HASTA AYER CAMPEABAN LAS VIBORAS Y EL TIGRE

FOTOS DE CARLOS DOMINGUEZ (enviado especial de CARETAS) y de JUAN VILLACREZ



LLEVANDO UN MUERTO EN ENTRE LA SELVA INDIGITA AVANZAN ESTOS SOBREVIVIENTES DE LA GUERRA QUE LOS MAYAS DESATARON HACIENDAMENTE EN UN "APROPO" QUE HASTA AHORA ENCIERNA ENIGMAS FANTASTICOS



ANTE DIAS, LA PRENSA MUNDIAL FIZO SU ATENCION
ESA CHOZA O "MALOCA" QUE SE DIVISA EN UN CLARO
VERDE OCEANO SELVATICO. EN SU INTERIOR
ONIZAN DOS PERUANOS, MIENTRAS SUS COMPANEROS
N AMENAZADOS DE MUERTE POR INDIOS MAYOS Y
NOS, MAS SANGUINARIOS QUE CUALQUIER PIEL ROJA
FELICULA DEL FAR WEST: LA SENAL DE HUMO
ABA DE PERMITIR QUE UN AVION DE LA
LOCALICE A LOS SITIADOS.

Os depoimentos dos Matsés contam como mataram os expedicionários de Requena. Eles indicam ainda que uma maloca Matsés foi bombardeada, mas ninguém foi ferido, os moradores conseguiram escapar do bombardeio. Esse episódio foi o mais grave de vários conflitos envolvendo

os Matsés e os *chotac* da região. Ele abriu precedentes para que os missionários do *Summer Institute of Linguistics* (nome em inglês do Instituto Linguístico de Verano) obtivessem autorização para tentar estabelecer um contato com o temido grupo indígena e “pacificá-lo”.

Walter Pëmën faz o seguinte relato sobre o bombardeiro à maloca Matsés:

“Certa vez em um conflito, os Matsés mataram um peruano perto de Requena. Para vingar essa morte, os peruanos de Requena foram até a cabeceira do rio Choba. Lá, eles ocuparam uma maloca dos Matsés, em que não havia ninguém.

Dois Matsés, Siasio e Cuëbusio, estavam no mato, no trajeto que ia até a maloca onde haviam chegado os peruanos. Siasio viu a pegada deles e Cuëbu avistou um peruano na roça da maloca. Eles então decidiram não ir até a aldeia, e Cuëbusio foi chamar os outros Matsés. Ao chegarem na maloca, Cuëbusio matou um peruano. Siasio tentou matar outro, mas só quebrou sua perna.

Mais tarde, outros peruanos foram até a aldeia para matar os Matsés que tinham matado o peruano. Eles voltaram para a maloca e ficaram por lá, no local onde os Matsés guardavam a envira para fazer a festa do *comoc*. Os peruanos brocaram em volta da maloca, como se fossem fazer uma roça. Cortaram-na do chão até a metade da parede e depois cobriram ao redor da maloca com troncos de bananeira. Eles pensavam que haviam matado todos os Matsés.

Os Matsés que estavam em outra aldeia se juntaram e foram até onde estavam acampados os peruanos e o exército. Quando chegaram, viram-nos de longe e ficaram com medo, pois os soldados eram em muitos, a roça e a maloca pareciam até uma cidade, de tantos brancos. Havia muitos aviões, que traziam a comida deles.

Ao amanhecer, os Matsés resolveram matar os peruanos ainda bem cedo. Na beira do igarapé, juntaram troncos velhos, atrás dos quais ficariam escondidos. Fizeram isso nas duas direções do igarapé. Primeiro começariam a matar os que estavam mais para cima do igarapé e depois, no outro sentido.

Masquë, um dos índios, saiu sozinho ao amanhecer para a beira do igarapé, onde esperaria e mataria os peruanos. Masquë não tinha medo. Depois Mëo se juntou a ele, Mëo ficou abaixo e Masquë acima.

Os soldados começaram a descer no igarapé para lavar panela. Eles viram um peruano sentado no tronco que servia de ponte no igarapé, segurando uma metralhadora. Outros soldados estavam na beira, sentados, tomando conta dos que estavam lavando panela. Mëo falou então que estavam chegando muitos peruanos. Masquë se levantou e começou a atirar. Um peruano caiu na água.

Os peruanos começaram a atirar. Mëo se levantou e matou um peruano que estava de costas. Os peruanos subiram correndo para a roça, de onde começaram a atirar. Mëo e Masquë fugiram, indo devagar para o igarapé. Era tempo seco, e eles fugiram engatinhando. Os tiros cortavam as folhas, que caíam na cabeça de Mëo e Masquë. Eles se esconderam em uma raiz de pau que saía para fora da terra. As balas acertavam a raiz.

Depois de um tempo, os tiros pararam. Eles então subiram no pau, olhando de novo a roça, e viram de lá de cima que haviam matado um peruano. Viram os peruanos segurando o corpo de um deles e levando para a maloca.

Os Matsés então atiraram na direção da roça novamente e desceram da árvore. Masquë gritava “iá iá iá” como gritam os guerreiros, e então atirava.

Foi nesse momento que o avião chegou. No mesmo dia, os peruanos haviam chamado o avião. Do céu começaram a cair os tiros, em volta da roça. Outros Matsés, mais velhos, chegaram com Cuëbusio. Eles eram guerreiros, não tinham medo.

Depois do avião que atirava, chegou o avião trazendo bomba. Era um avião grande este que trazia a bomba. Os

Matsés, então, fugiram para o mato. Alguns se esconderam no pau caído. A fumaça chegou bem perto deles, e se jogassem novamente a bomba, eles teriam morrido. Quem inalou a fumaça ficou sem ar, e correu até o igarapé, se jogando na água.

O avião deu a volta por cima da roça e jogou de novo a bomba. Havia muita fumaça. Isso aconteceu quando eu era criança, foi na cabeceira do rio Choba. Eu estava no rio Lobo e escutei a zoadá da bomba.

Depois disso Mëo e Masquë voltaram novamente onde estavam os peruanos para matá-los. Masquë combinou com Mëo: “Vou esperar na frente enquanto você fica no meio do caminho gritando”. Masquë gritou, e o peruano respondeu. No mato os Matsés gritavam, na roça os peruanos respondiam. Estes pensavam que eram outros peruanos que estavam-nos chamando. Pensavam que todos os Matsés tinham fugido depois da bomba. Mas Masquë, Mëo e Cuibusio atiraram de novo nos peruanos. Todos os Matsés atiraram nos peruanos.

Depois disso os índios foram para o mato com as mulheres. O exército ficou na maloca mesmo, enquanto os Matsés saíram para o mato. Os peruanos depois procuraram por eles, mas não acharam”.

UN VALIENTE PIONERO



EL RIO UCAYALI. LA SELVA ESTÁ LLENA DE MAGIA Y FUEGOS. (ESTOS HOMBRES) AGUSTOS, QUE VELAN A GARCÍA, LO SABEN.



AQUÍ HA DE DORMIR EL SUEÑO ETERNO EL PIONERO GARCÍA. (A.C.H.)

escribe: CESAR LEVANO

Pasé contra la mañana de la selva. El día que fue a los montes y al río Choba, con los indios Matsés que entraron con él a la zona. Los Matsés, que son un pueblo de la zona, se fueron a la zona de la selva. Los Matsés, que son un pueblo de la zona, se fueron a la zona de la selva. Los Matsés, que son un pueblo de la zona, se fueron a la zona de la selva.

Los Matsés, que son un pueblo de la zona, se fueron a la zona de la selva. Los Matsés, que son un pueblo de la zona, se fueron a la zona de la selva. Los Matsés, que son un pueblo de la zona, se fueron a la zona de la selva.

MANGUARES EN LA NOCHE

Los Matsés, que son un pueblo de la zona, se fueron a la zona de la selva. Los Matsés, que son un pueblo de la zona, se fueron a la zona de la selva. Los Matsés, que son un pueblo de la zona, se fueron a la zona de la selva.



JUAN VILLACREZ, EL FOTOGRAFO DE LA EXPLORACIÓN, VOLVIÓSE REPORTERO CELEBRE.



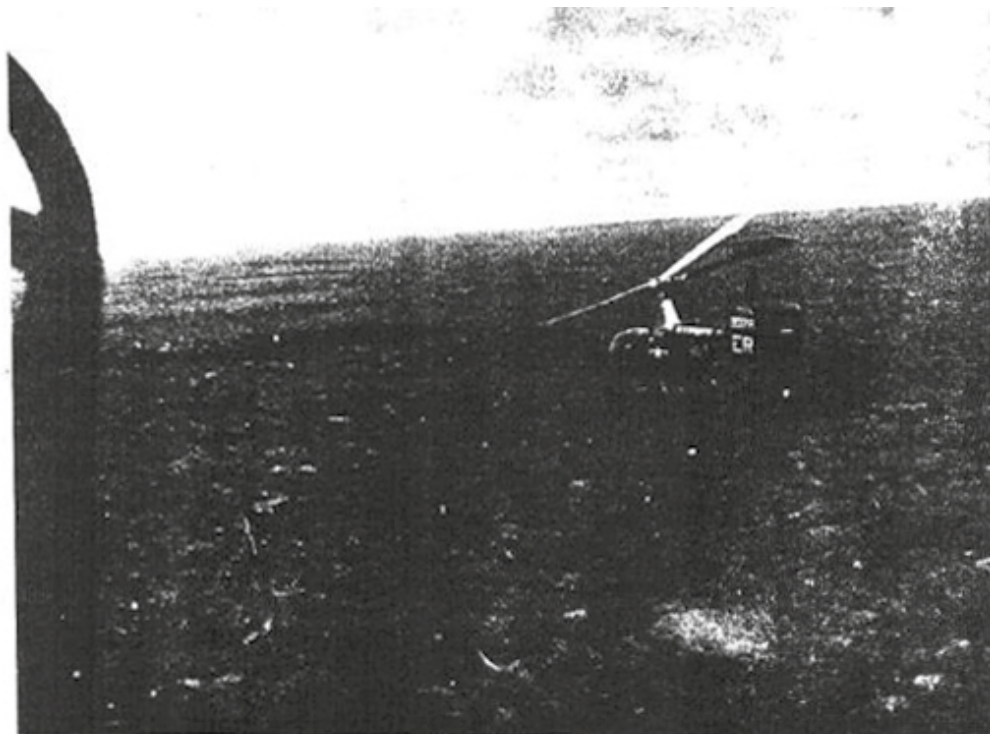
EL COTE. FAP. FERNANDO MELZI DESCENDIÓ PLANO ASISTIDO DESDE UN HELICOPTERO.

O pesquisador Walter Coutinho aponta que após, após as ações do exército brasileiro e peruano contra os Matsés, entre o final dos anos de 1950 e a primeira metade dos anos de 1960, estes começaram a estabelecer uma série de relações de troca com os *chotac*. Primeiro o contato com as missionárias do SIL, depois o início da relação com os comerciantes de peles de

animais em Angamos, seguido pelo contato com as empresas petroleiras, tanto no Brasil como no Peru, e por fim o contato com a FUNAI. A resistência Matsés havia sido quebrada e vários *chotac* começaram a realizar a exploração dos recursos de seus territórios, em alguns casos contando inclusive com a participação dos próprios Matsés.



HE AQUÍ A UNA TÍPICA INDIA DE LA TRIBU DE LOS MAYO.



SOBRE EL INMENSO MAR DE ARBOLES AMAZONICOS, NUESTRO REPORTERO CARLOS DOMINGUEZ CAPTO UNO DE LOS HELICOPTEROS QUE PARTICIPARON EN LA OPERACION RESCATE. EN LA FAENA DESTACARON EL COTE, FERNANDO MELZI Y EL TENIENTE JOSE PEREZ PINEDO, UN AVIADOR QUE CONOCE LA SELVA TAN PALMO A PALMO QUE ES CAPAZ DE VOLAR SOBRE ELLA DURANTE HORAS SIN RECURRIR A SU MAPA DE NAVEGACION.

EL HELICOPTERO ROMPIO LA LEY DE LA SELVA

VIENE DE LA PAG. 37

Una tibia exposición de la zona los conduce a una casa evidentemente habitada por blancos, puesto que en ella encuentran cepillos de dientes y máquinas de afeitar. El descubrimiento es también providencial. Esta vivienda ofrece por sus dimensiones, mejor posición para la defensa.

Por otra parte, picaron de inmediato en una sala de esa habitación. Dos comisiones parten en busca de escopetas, una al sur, otra al norte.

El primero de los grupos es atacado cuando acababa de encontrar un camino que conducía a una cocamera tronchito de vivienda selvícola. En esa acción murió Néstor García Lachin, alcanzado por un perdigon q' le perforó un ojo y le llegó hasta el cerebro. Otros expedicionarios, entre ellos un selvícola amigo que iba de guía, resultaron heridos. Sólo nuestra táctica de metrallita permitió escapar con vida a los pioneros. Para mal de males, cuando este destacamento retornaba a su punto de partida, cayeron en una emboscada y tuvieron que

abrirse camino a balazo limpio.

Pronto regresó la otra comisión, que también se había visto amenazada y que había podido ubicar cinco malocas de cuarenta metros de largo cada una, algo desconocido para la selva, donde las viviendas colectivas a lo más pueden albergar setenta u ochenta personas, y no cuatrocientas, como éstas.

En la noche, el ruido de los manguarés, que los selvícolas utilizan para comunicarse a distancia, los mantuvo en vela.

Entre tanto, las municiones escaseaban, y los gritos descomunales de los "chunchos" indicaban la necesidad de refuerzos. Gente y balas fueron solicitadas a la Comandancia General de Iquitos. El mundo se informaba, así, del terrible cerco a que estaba sometido un puñado de valientes en el corazón de la selva amazónica.

OPERACION RESCATE

El primer avión que fue a buscarlos, no los pudo ubicar. Fue un Cessna el que los encontró, un po-

co de humo en un claro perdido en la inmensidad oscura de los bosques. Al día siguiente, desde un Catalina les lanzaron víveres mas no municiones. Un nuevo pedido urgente hizo que el día 13 de marzo les arrojaran tres mil cartuchos para metrallita y una caja de cartuchos para escopeta.

Otra vez había intervenido el inabundante secreto del mar. Fue justo al amanecer del día siguiente fueron atacados por centenares de selvícolas que lanzaban gritos furiosos. El Alcaide cubrió, por el volumen del griterío, que eran unos quinientos. El fuego de artillería les permitió salir del apuro.

A las seis de la mañana, el puesto de guardia fue atacado sorpresivamente. No se pudo llegar a los sitiadores. Imposible hacerlo. Estos mayos y temos pueden caminar kilómetros y kilómetros sobre hojas secas en produciendo más ruido que el que causaría un gato caminando sobre un colchón de plumas. He aquí como relata el hecho el sargento Tiberto Meza: "Estábamos un soldado más y yo recogiendo agua en un PASA A LA PAG. SIG

Os MATSÉS E A ESTRADA JENARO HERRERA - ANGAMOS

Desde o fim do auge da época da seringa e do caucho que as madeiras da região do Javari e Jaquirana começaram a despertar o interesse de empresas madeiras nacionais e estrangeiras, tanto no Brasil como no Peru. Confrontando esses interesses estavam os aguerridos Matsés.

Um dos objetivos da violenta expedição de 1964, que terminou com o bombardeio dos Matsés com napalm por aviões enviados pelo governo peruano, era verificar um possível traçado de uma estrada que conectaria Jenaro Herrera, uma localidade de Requena, com Angamos facilitando a exploração do cobiçado potencial madeireiro da região.

Desde então os interesses nessa estrada e nas madeiras da região continuaram e foram retomados em 1975, após o contato dos Matsés com as missionárias do SIL, quando foram abertos os 22 km iniciais a partir de Jenaro Herrera. Em 2016 essa estrada voltou a atenção com um grande interesse do governo peruano e de empresários madeiros em promover a conectividade da região impulsionando o seu projeto de abertura e pavimentação. Projeto que envolverá o melhoramento dos 14 km iniciais, abertos em décadas passadas, e a abertura de uma área nova de 83 km, totalizando os 97 km de sua extensão total. A retomada desse projeto vem causando grande polemica e discussões por passar próximo a área de um grupo de indígenas isolados e porque dará início a um novo boom madeireiro no Jaquirana. Desejada pelos moradores de Angamos, com o apoio de alguns Matsés, a conclusão dessa estrada promoverá uma grande pressão sobre os recursos naturais do território Matsés (Nascimento, 2019).

TEMPOS DE ACORDOS E DE ALIANÇAS



PETRÓLEO E MADEIRA NA VIDA DOS MATSÉS

A DECADÊNCIA DA EXPLORAÇÃO DA BORRACHA NO TERRITÓRIO MATSÉS

No começo de 1900, um inglês que tinha vindo para a Amazônia levou muitas sementes da seringueira para a Europa. Lá, eles fizeram várias mudas de seringa e levaram para alguns países da Ásia, principalmente para a Malásia. As plantações da Ásia deram muita seringa porque era muito mais fácil explorá-la em uma plantação de seringueiras, em que as árvores estão dispostas uma ao lado da outra, do que na mata, onde ficam espalhadas. Isso fez com que a borracha de lá fosse mais barata, então todo mundo começou a comprar seringa da Ásia. Isso fez com que o preço da borracha que era retirada no Brasil diminuísse muito. Como os custos não compensavam os gastos, muitos *chotac* brasileiros e peruanos começaram a ir embora das florestas.

Os patrões que moravam nas cidades de Manaus, Iquitos, Rio Branco, Cruzeiro do Sul e Belém ficaram sem dinheiro e muitos foram embora para outras cidades. Os estrangeiros voltaram para seus países. Os barcos a vapor já não andavam tanto pelos rios. As cidades ficaram pobres. Foi o fim da vida boa dos barões da borracha.

A maioria dos imigrantes nordestinos sem dinheiro não puderam voltar para suas terras e acabaram ficando na região. Muitos deles já estavam casados, em sua maioria com as índias, e já tinham filhos. Assim, eles começaram a aprender o modo de vida dos índios da região: a fazer farinha, a tomar os remédios da mata, a caçar macacos e outros bichos, etc. Então muitos nordestinos viraram os ribeirinhos que todos nós conhecemos hoje, morando nas comunidades das beiras dos rios ou nas cidades da região.

Muitos seringueiros também passaram a trabalhar com madeira, caça e pesca. Na região do Vale do Javari e no território Matsés foi por volta da década de 1920 que a atividade de exploração da madeira e, posteriormente, a venda de couro de animais da floresta começou a substituir a atividade seringueira. Para continuarem ganhando seu dinheiro, alguns trabalhadores *chotac* que ficaram na região passaram a retirar e a vender madeira, peixes e animais de caça. Mesmo sendo em menor número que os seringueiros que viviam na bacia do Javari na época do auge da exploração da borracha, os madeireiros, caçadores e pescadores também entraram em conflitos contra os Matsés.

A EXPLORAÇÃO DE MADEIRA NA REGIÃO DO VALE DO JAVARI

O fim do período da borracha, a partir dos anos de 1920, teve uma continuidade e sobreposição com o início do período da exploração da madeira na região do Javari. Em 1974, os antropólogos Júlio Cesar Melatti e Delvair Montagner, primeiros antropólogos a começarem a trabalhar na região, fizeram uma viagem subindo os rios Ituí e Curuçá, e em seu relatório eles contam como a exploração madeireira no Vale do Javari começou a substituir a exploração das seringueiras:

“É curioso um episódio contado por um morador de Benjamin Constant, porque marca o fim do período da borracha ao mesmo tempo que anuncia o futuro período da madeira. Contou-nos que, em agosto de 1921, desceu a primeira madeira desses rios. Era uma balsa de 1.500 paus que descia do Jaquirana; com ela vinham trezentas famílias, a maior parte de caucheiros. Disse-nos, entretanto, que foi em 1928 que começou realmente a retirada dos habitantes dos rios e, em 1932, a borracha chegava a seu preço mais baixo: 500 réis o quilo. Com a retirada dos habitantes civilizados, os índios se aproximaram das margens dos rios. O despovoamento chegou a ser completo em certas áreas, como os cursos, alto e médio, pelo menos, do Curuçá e do Ituí.

A borracha continuou sendo extraída em pequena quantidade, mas a extração de madeira, sobretudo do cedro e do mogno (que na região é chamado aguano) foi tomando cada vez mais importância. Segundo um farmacêutico de Benjamin Constant, em 1945 já havia bastante exploração de madeira na região, que não possuía ainda serrarias; a madeira ia até Manaus para ser beneficiada. Entretanto, hoje há quatro serrarias em Benjamin Constant, sendo que uma delas se encontra parada, e uma única em Atalaia do Norte, que também não está em operação. Hoje são poucas madeiras que vão em estado bruto para Manaus. Um dos proprietários de uma grande empresa de Benjamin Constant nos informou que toda a madeira que passa por esta cidade vem do Município de Atalaia do Norte; a produção média anual é de 15.000 toras, o que equivale a uns 10.000 m³. Dessas 15.000 toras, 10.000 são de cedro; o mogno não chega a 10% do total produzido. No ano de 1974, a produção foi superior à normal, pois só sua empresa produziu 18.000 toras. No que tange à borracha, a produção tem caído, pois passou de 300 toneladas anuais para 200” (Melatti; Montagner, 1975).

Todas as atividades econômicas que vieram depois da exploração da seringa e do caucho se utilizaram da sua prática de aviamento, que consiste basicamente no adiantamento dos produtos necessários para a realização do trabalho por uma pessoa ou empresa, o “patrão”, sendo pago depois com a produção do trabalho realizado. Foi assim também com a madeira, em que a pessoa interessada em realizar a extração madeireira fazia um contrato com o dono da terra, arrendando a área que, inclusive, continuava sendo chamada de seringal.

Repetindo a prática do sistema de aviamento, cada madeireiro recebia as mercadorias que necessitava do dono da empresa madeireira, o patrão da madeira, com quem ficava em débito e tendo que pagá-lo com a sua produção de madeira. Se um madeireiro não pagava o empresário, este pedia aos outros patrões da madeira para não lhe confiarem nenhuma mercadoria. Algumas vezes um empresário comprava madeira de um madeireiro aviado por outro patrão.

Hilton S. Nascimento/Acervo CTI, 2006



Balsa peruana com toras de madeira extraída do rio Javari

HISTÓRIA DE CONFLITO CONTRA OS MADEIREIROS

O crescimento da atividade madeireira na região levou a uma série de ataques por parte dos indígenas por terem seus territórios invadidos pelas frentes madeireiras. De acordo com informações do Relatório de Identificação e Delimitação da TI Vale do Javari, os primeiros ataques ocorreram no início da década de 1930, quando os Mayu atacaram madeireiros no igarapé Amburus, afluente da margem esquerda do alto rio Curuçá. Outro ataque foi registrado no início da década de 1950 no alto Curuçá e no rio Pardo e em 1958 os Mayoruna atacaram famílias de madeireiros, que fugindo dos ataques anteriores, tinham se estabelecido no igarapé Sacudido, afluente da margem direita do baixo Curuçá. Correrias também eram realizadas pelos *chotac* contra os indígenas.

Entre 1959 e 1962, o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira registrou que esses e outros ataques resultaram na fuga dos grupos de madeireiros que atuavam nos rios da região, causando prejuízos consideráveis aos patrões da madeira. Esta situação fez com que um desses empresários madeireiros, o deputado estadual José Veiga, enviasse um documento para o governador do Amazonas relacionando os ataques à presença de supostos soldados peruanos entre

os índios, o que serviria para justificar uma represália do exército brasileiro.

Uaqui Mayoruna, em 2013, durante a oficina de História narrou o seguinte conflito contra madeireiros:

“Um grupo Matsés, que morava no afluente do igarapé Lobo, se reuniu para encontrar os *chotac*. Os índios começaram a busca, na qual pretendiam pegar os objetos dos brancos. Uaqui, Bina, Tumi, Tëca, Dëmash e Ėpë saíram à procura, na beira do rio Jaquirana, e encontraram um *chotac* chamado Mashiad, que foi morto por eles.

Depois de ter matado o *chotac*, dividiram-se em dois grupos: um voltou para sua aldeia e o outro continuou buscando pelos *chotac*. Neste último estavam Bina, Tumi, Uaqui, Dëmash e Tëca, que continuaram a busca, indo mais para frente.

Ao fim de dois dias, os Matsés encontraram mais um *chotac* madeireiro, no afluente do rio Jaquirana. Vendo-o escondido, o Binan disse para o Tëca: “Aqui é difícil de aparecer *chotac*, vamos falar com ele e em seguida pedimos terçado e cartucho”.

Então Binan gritou para seu pai Uaqui dizendo: “É difícil encontrar

chotac nesse território, vamos falar com ele papai”. Quando o *chotac* madeireiro respondeu para o Binan, seu pai, que estava atrás, atirou com a arma de fogo, baleando o *chotac* e fazendo com que ele fugisse.

Binan e seu pai discutiram e este lhe disse: “Ele não é nosso parente e fazia o mesmo com a gente”. Em seguida, voltaram para a aldeia”.

Além de entrarem em conflito com os madeireiros, durante certo período, os índios também foram explorados por eles. Contam que Vitor Braga foi o primeiro madeireiro que chamou alguns Matsés para trabalhar com madeira. Ele não pagava pelo trabalho deles, apenas lhes dava alguns objetos em troca das toras de madeira, que valiam muito mais.



Sobre a exploração de madeira no território Matsés, Carlos Bina Mayuruna, Mauro Bai Mayuruna e Lucas Mayoruna relataram, em 2009 e em 2013, que:

“Vitor Braga foi o primeiro madeireiro que chegou no território dos Matsés por volta de 1980. Nessa mesma época, chegou Raimundo Barbosa. Havia também o Chico Batista. Antônio Tumi “Flores” conta que trabalhou com madeira para Chico Batista, no rio Pardo, e depois foi até o Batã trabalhar para Vitor Braga. Este, no rio Jaquirana, pegou três Matsés, Antônio Tumi, José e Pedro,

para trabalhar com madeira para os *chotac* no igarapé Batã e no igarapé do Pantadanchied. Tiraram muitas madeiras nos territórios dos Matsés. Em troca de seu trabalho, os índios não recebiam dinheiro, só ganhavam botas, terçados, cartuchos, etc.

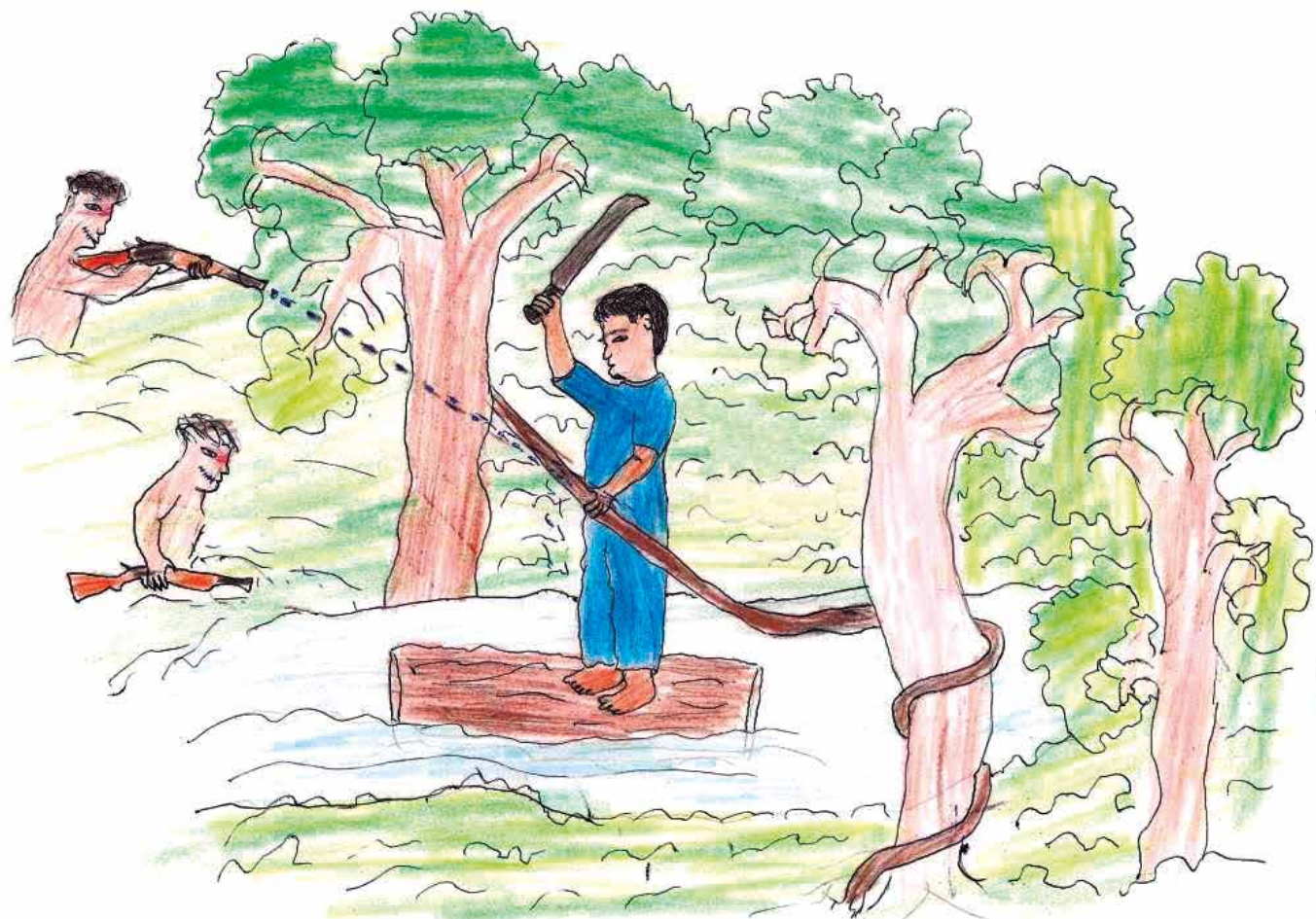
Naquela época, Arceu Borja era chefe de posto da Funai da aldeia Lobo. Ele conversava com os Matsés para que eles fossem tirar madeira, e depois lhes dava materiais como machado, bota, terçado e roupa. Certa vez, os homens saíram para realizar a tarefa enquanto as mulheres fica-

vam na aldeia para cuidar dos filhos. Eram homens da aldeia Trinta e Um, que trabalharam na cabeceira do Ituxi e tiraram mais de duzentas toras de madeira de cedro. Levaram-nas até a boca do rio, onde as deixaram amarradas. Depois eles chamaram Arceu, com quem conversaram e lhe pediram os objetos de que precisavam. Depois Arceu levou essa madeira clandestina para Atalaia do Norte.

Os Matsés ficaram na aldeia esperando pelos itens que haviam pedido. Arceu demorou dois anos em Atalaia do Norte e voltou novamente para o

Trinta e Um de barco. Ele havia trazido muitos objetos com os quais pagaria os trabalhadores, como: espingarda, roupa e cartucho.

No outro ano, os Matsés do Trinta e Um foram trabalhar tirando madeira no outro lado da fronteira, no Peru. Depois os Matsés do rio Choba vieram conversar com eles, junto com o cacique dos Matsés do Peru, e lhes disseram para que não tirassem mais madeira. Assim os Matsés do Trinta e Um saíram de lá e voltaram para sua aldeia”.



Raimundo Mëan Mayuruna (2009) reforça o papel do Chefe de Posto e cita os nomes dos principais madeireiros:

“Os Matsés foram explorados pela própria Funai. Um de seus funcionários, que era o chefe de posto do Lobo, mandou os Matsés extraírem madeira. Ele lhes falou: “Tirem madeira para que eu possa comprar as coisas que vocês querem. Eu não estou pedindo para trabalharem para mim”. Nessa época, muitos Matsés trabalharam nesta atividade.

Os Matsés começaram a trabalhar na extração de madeira com esse funcionário da Funai, que se chamava Arceu Borja. Desde então, os Matsés trabalharam muito com diferentes padrões em toda região, nos rios Pardo, Negro, Jaquirana e até no rio Batã.

Os padrões eram: Vitor Magalhães no rio Pardo, Chico Batista no rio Negro e Vitor Braga no rio Jaquirana. Esses padrões não pagavam os Matsés em dinheiro, eles pagavam em mercadorias. Depois os Matsés passaram a trabalhar sozinhos, e eles mesmos vendiam a madeira para os peruanos”.

A equipe que realizava o trabalho de identificação e delimitação da TI Vale do Javari registrou que, no ano de 1995, Vi-

tor Braga havia retirado 700 toras de cedro, com outras ficando presas pela falta de água para descer o rio. Os Matsés da aldeia Trinta e Um haviam informado que os madeireiros do *chotac* conhecido como Boca tinham realizado uma correria no igarapé Ituxi onde identificaram mais 300 toras.

Do lado brasileiro do território Matsés, a exploração madeireira ocorreu com intensidade até o ano 2000, quando foi concretizada a demarcação da TI Vale do Javari, que seria homologada no ano seguinte, tornando as áreas exploradas pelos madeireiros uma Terra Indígena protegida, o que levou à decadência dessa atividade na parte brasileira.

Apesar da demarcação da TI Vale do Javari, a retirada de madeira no lado brasileiro do rio Jaquirana continuou até o ano de 2003, quando os Matsés, junto com a Funai, apreenderam um carregamento de 2000 toras de cedro e mogno retiradas desse rio por madeireiros brasileiro e peruanos, como relatou André Mayoruna em 2005, na época vice coordenador do Civaia, para a pesquisadora Beatriz Matos:

“Bom, em janeiro de 2003 (...) subindo no alto rio Jaquirana, a gente pegou vários invasores, peruanos e brasileiros (...). Quando nós chegamos no Batã, encontramos a primeira jangada que vinha descendo, com

140 toras de madeira, que tomamos dos peruanos e atracamos no rio. Os peruanos quiseram recuperá-la, mas nós deixamos mais de 15 pessoas em cima da madeira, guardando-as, até que outra equipe viesse até a jangada. Então nós seguimos viagem, até o rio Batã, e achamos outra jangada. Apreendemos essa madeira, deixando uma parte dela e mais cinco pessoas para protegê-la, e fomos até a última placa. Encontramos várias madeiras dentro do igarapé, que também foram apreendidas e (...) nós expulsamos os peruanos. A agente aprendeu a madeira, 140 toras. (...) Era a última que vinha descendo. (...) O patrão dos peruanos acionou os policiais para que eles pudessem passar com as madeiras pela comunidade. Só que nós não deixamos isto acontecer, porque tínhamos realmente apreendido os materiais. Os quatro policiais peruanos estavam armados, e eles não queriam que a gente subisse em cima das madeiras. Mas nós, com terçado, machado e flecha, conseguimos subir. Então o peruano disse que só com rajada matava a gente. Nós não tivemos medo, naquela hora nós éramos a polícia federal. Entre 60 Matsés subimos em cima da madeira e cortamos o cabo do rebocador, de modo que conseguimos atracar do lado do Brasil com as 140 toras de madeira”.

A EXPLORAÇÃO MADEIREIRA NO BRASIL E NO PERU

Com a demarcação da TI Vale do Javari, a exploração legal de madeira do lado brasileiro se limitou a poucas áreas por meio de projetos de aproveitamento florestal. Já no lado peruano, a partir do ano 2000, uma nova política agressiva de concessões florestais começou a ser implementada com a cessão de lotes em duas grandes áreas que se localizam na fronteira com o Brasil. Sem condição de fiscalização pelos órgãos competentes, essas concessões estão abrindo brechas para a extração de madeiras de áreas que estão fora dessas localidades. Com isso há uma invasão de madeireiros em áreas de terras indígenas peruanas e da TI Vale do Javari, de onde retiram madeiras que são legalizadas com documentos como se fossem provenientes das áreas de concessões. Isso ocorre principalmente na região do médio rio Javari (Nascimento, 2011).

A atividade madeireira na região possuía, em 2006, cinco madeireiras em funcionamento na cidade peruana de Islândia, na foz do Javari, com uma produção de 3% da produção nacional do Peru. Nos últimos anos, a indústria madeireira desse país tem atuado com grande força na região do Javari e Jaquirana, conseguindo por meio de suas forças políticas o reconhecimento de duas áreas indígenas em troca da garantia, por parte de seus mora-

dores, da exploração madeireira das suas áreas tituladas. O forte assédio realizado pelo setor acabou vencendo a resistência dos Matsés do Peru, que por falta de outras opções de renda também começaram a participar da exploração florestal de seus territórios. No Brasil a participação indígena continua em pequena escala se concentrando na região do médio rio Javari (Nascimento, 2019).

Desde o início, as riquezas do território dos Matsés eram muito cobiçadas pelos *chotac*, que temiam atuar na região devido aos seus ataques e à prática de raptar as mulheres das comunidades do entorno, no processo de defesa dos seus territórios. Com o contato com os Matsés do Peru, nos anos de 1969, e os do Brasil, no início dos anos de 1970, os *chotac* perdem o medo e intensificam a extração madei-

reira e a exploração dos recursos naturais do seu território. De lá saíam vários botes carregados de tracajás e seus ovos e de animais de caça, como foi afirmado por moradores do rio Blanco durante as entrevistas coletadas por Nascimento (2013).

Logo os Matsés recém-contatados começariam a aparecer nos acampamentos de madeireiros do rio Blanco para pedir roupas e outros objetos, e mais tarde eles mesmos começariam a trabalhar para os madeireiros. Não só deixariam de lutar contra a exploração dos recursos de seu território, como passariam a participar dela. Como em outras áreas, a “pacificação”, nesse caso feito pelo ILV, foi muito conveniente para os interesses econômicos que existiam sobre o território Matsés, “liberando” essas áreas para sua exploração.



A HISTÓRIA DA EXPLORAÇÃO DO PETRÓLEO NO TERRITÓRIO MATSÉS

Meses depois do contato e pacificação dos Matsés do Peru, em 1970, se iniciou a pesquisa para verificar a existência de petróleo e gás natural em seu território. Esta atividade contou com a colaboração das missionárias do Instituto Linguístico de Verano, as mesmas que fizeram contato com os Matsés em 1969. Elas ajudaram a recrutar alguns homens Matsés recém-contatados para “abrir picadas para a prospecção sísmica e perfuração de poços” para a empresa Arco Peru Corporation, que buscava por petróleo na região.

O início da pesquisa só foi possível pela quebra da resistência Matsés após o contato realizado pelas missionárias (Coutinho, 2014). Havia uma relação de cumplicidade entre missionários protestantes americanos, como as do Instituto Linguístico de Verano, e os interesses econômicos americanos na exploração de petróleo em terras indígenas na América do Sul, como o que se vê no caso dos Matsés (Colby; Dennett, 1995).

Dois anos depois, em 1972, a Petrobras, empresa do governo brasileiro que atua na exploração de petróleo, começou a fazer prospecções na margem direita do rio Jaquirana, território no lado brasileiro ocupado pelos Matsés que haviam evitado contato com as missionárias no Peru.

Suas pesquisas sismográficas envolviam a abertura de muitas picadas e a detonação de explosivos (Coutinho, 2014).

A Petrobras construiu uma base na margem do Jaquirana chamada Trinta e Um de Março, onde hoje está a aldeia Matsés Trinta e Um. As linhas sísmicas iam da margem do rio Jaquirana até a margem do rio Negro, atravessavam o igarapé Lobo até a margem do rio Pardo, passavam pelo Batã, da sua foz até suas cabeceiras, e pelo igarapé Hospital, chegando até o Ipixuna, afluente do Juruá. Além das linhas sísmicas, três poços exploratórios foram perfurados na região do Jaquirana e Batã (Coutinho, 2014).

Walter Coutinho, em 2014, em seu relatório sobre a exploração do petróleo na bacia do Javari, relata como foi registrado o contato dos Matsés com os petroleiros:

“Durante as pesquisas sísmicas procedidas na área do rio Jaquirana, em pleno território Matsés, foram ‘abertas centenas de picadas e explodidas milhares de bombas com a finalidade de realizar a análise da composição do subsolo. O velho Cumutiro (antigo líder da aldeia Lobo) conta que eles tinham muito medo das explosões e que vários índios foram mortos durante os trabalhos’ (Cavus-cens; Neves, 1986, p.16). De fato, ‘en-

tre a população envolvente existe a ideia bastante difundida que a Petrobras e o Exército foram aqueles que amansaram os Mayoruna', pois depois de suas respectivas atuações na área, 'os Mayoruna deixaram de ser valentes'".

Coutinho nos conta ainda que as explosões para as prospecções sísmicas assustaram os Matsés, que acabaram se aproximando dos acampamentos e instalações da "Companhia", na foz do igarapé Lobo e na base situada junto à pista de pouso Bom Jesus, na região do médio Jaquirana. No final do ano de 1972, um grupo de Matsés visitou um acampamento da Petrobras. Depois dessa visita, muitos ficaram doentes e morreram, pois não tinham defesa contra as doenças que pegaram dos petroleiros.

Alguns Matsés que presenciaram a chegada dos petroleiros em seu território contam como foi o episódio. A narrativa contada por Sabino Mayuruna, Antonio Flores Mayuruna e Branco Pëmen Mayuruna e transcrita por Sabino Nacua Mayuruna, em 2009, relata sobre a exploração de petróleo no território Matsés:

"O Ezequiel avisou outros Matsés que a companhia chegaria para tirar petróleo da nossa terra. Então a Petrobras chegou até o igarapé Lobo. Encontraram os Matsés em seu varadouro.

Os trabalhadores da Petrobras queriam tomar mingau de banana; os Matsés levaram-nos até sua aldeia. Quando chegaram na maloca, presentearam os índios com bolacha, conserva, açúcar, manteiga, sardinha e arroz. Os Matsés não conheciam comida do branco. Quando eles comeram, começaram a vomitar e a noite tiveram febre, gripe e tosse.

Os Matsés ouviram o barulho da bomba que os brancos estavam soltando no chão, no mato. Inalaram a fumaça da bomba e por isso quatro pessoas morreram: uma mulher, algumas crianças e outros.

No Trinta e Um ficou a balsa da Petrobras, e os trabalhadores subiram no varadouro no mato, no rio Pardo. Chegou a Petrobras para atravessar o rio Javari e ficaram no primeiro varadouro. Eles soltavam bombas todos os dias, não dormiam os homens da Petrobras.

Os Matsés tinham vontade de matá-los, e pensavam nisso o tempo todo".

Vitor da Silva Mayuruna também relata, em 2009, que:

"A Petrobras começou a fazer varadouro, para investigar petróleo no

Bom Jesus; de lá eles fizeram varadouro até o Trinta e Um, procurando pelo combustível. No Trinta e Um, tinham outras equipes esperando por eles, que estavam no Bom Jesus. De lá, eles desceram no varadouro até encontrá-los no Trinta e Um, onde já tinha um barco com 5 balsas.

EEzequiel tinha falado para os índios que a Petrobras chegaria para tirar petróleo. Os índios tiveram medo quando eles ouviram os tiros de bomba. Muitos ficaram doentes, com febre, gripe, tosse, e foram medicados, mas três índios morreram. Quando isso aconteceu, quiseram matar os homens da companhia, mas EEzequiel falou para eles: "Não é bom matar o pessoal da Petrobras, vamos pedir remédio".

Depois disso, os trabalhadores foram passear com os índios; os Matsés deram caçuma de macaxeira para os *chotac* da Petrobras tomarem, e após isso, estes ficaram doentes, vomitando. Depois os brancos fizeram varadouro até chegar em Palmeiras, onde estava outra equipe. A equipe que estava no Trinta e Um ficou por lá. Também tinham outros grupos procurando por petróleo no rio Pardo, de onde vinham muitos helicópteros. No Trinta e Um sobraram muitos materiais e rancho. Deram rancho para

os índios, só que eles não comiam arroz, bolacha, sal e óleo, porque tinham medo de ficar doentes. Os índios ficaram com muito medo de morrer".

Carlos Bina Mayuruna também relata o mesmo episódio:

"Na época da Petrobras, os Matsés moravam no rio Pardo e não sabiam que a companhia chegaria na casa deles. Eles ainda não conheciam a Petrobras. Depois EEzequiel foi no rio Pardo para avisar os Matsés para que não ficassem com medo. Contou para todos os Matsés: "Petrobras vai vir aqui para tirar óleo e combustível".

Os Matsés escutavam o barulho de explosão da terra, e nesse momento, tinham curiosidade em saber como a Petrobras fazia para explodir a terra. Foram atrás dela para conhecer a bomba, e encontraram os trabalhadores da Petrobras, com quem conversaram. Eles deram comida para os Matsés, que comeram arroz cozido e bolacha. Eles comeram bolacha com manteiga e passaram muito mal, com diarreia e vômito. Os Matsés voltaram para as suas malocas, onde chegaram passando muito mal".

Arnaldo Tica Mayuruna, em 2009, complementa com o seguinte relato:

“O território Matsés era explorado na cabeceira do Lobo. Os *chotac* vieram e fizeram bombas. Os Matsés ouviram. A balsa da Petrobras era muito grande. Os Matsés viram. Viram também muitas pessoas e falaram: “Nós vamos chegar no varadouro da Petrobras”.

A companhia deu muita coisa: açúcar, arroz e conserva. Os *chotac* que deram para os Matsés, que ao receberem e voltarem para suas malocas, começavam a ficar doentes, com tosse e febre. Muitos deles ficaram doentes. E pioravam com o cheiro de fumaça da bomba, porque os *chotac* soltaram muitas bombas. Isso quase acabou com os Matsés, porque não tinham remédio. Eles sofriam no rio Lobo. A balsa da Petrobras ficava no Trinta e Um.

Após o início dos contatos entre os Matsés e os trabalhadores da empresa, a Funai instala um Posto Indígena na boca do igarapé Lobo, em 1973. Sem encontrar reservas com interesse comercial, ambas as empresas que atuavam no Peru e no Brasil acabaram se retirando da área no ano de 1975. Poucos anos depois, no início da década de 1980, a Petrobras estaria atuando na região dos rios Itaquai, Jutai e Jandiatuba, onde outros incidentes com mortes de indígenas também ocorreram (Coutinho, 2014).

A LUTA DOS MATSÉS CONTRA A EXPLORAÇÃO DO PETRÓLEO EM SEU TERRITÓRIO NO BRASIL E NO PERU



Jean Philippe Echassoux /Acervo CTI, 2013

Lideranças Matsés do Brasil e Peru assinando documento final da IV Reunião Binacional Matsés Peru-Brasil, em 2013

Trinta e dois anos depois, os interesses no território Matsés surgem novamente com a assinatura, em novembro de 2007, da concessão para pesquisa do potencial de petróleo e gás nas áreas correspondentes aos lotes 135 e 137 entre o governo peruano e a empresa canadense Pacific Stratus. Lotes que se sobrepunham a grande parte da terra dos Matsés do Peru, no caso do lote 137, com o lote

135 se sobrepondo a parte da área de caça dos Matsés e do território de índios isolados (Nascimento, 2011).

Era o início de uma agressiva política de concessões para exploração de petróleo e gás pelo governo peruano, fazendo com que as áreas da Amazônia peruana entregues para essas concessões saltassem de 14%, em 2004, para 72%, em 2008, muitas delas sobrepostas a terras indígenas.

Os Matsés do Peru, chefiados por Angel Uaqui Dunu Maya, iniciam uma forte resistência à chegada novamente da petroleira em seu território, conseguindo grande repercussão na imprensa. Outra medida tomada por eles foi um movimento de aproximação junto aos Matsés do Brasil, com solicitação de seu apoio e de seus parceiros, UNIVAJA e CTI, além da Funai, na resistência à chegada das petroleiras. Os Matsés do Peru lembravam que o território é um só, rompendo com a falsa separação do povo Matsés, provocada pela atuação das missionárias e pela divisão criada com o reforçamento das políticas públicas dos Estados peruano e brasileiro para reafirmar suas fronteiras, o que havia provocado a divisão entre Matsés peruanos e Matsés brasileiros (Nascimento, 2011).

Após décadas de separação e evitação, os Matsés brasileiros e peruanos iniciam um longo processo de reaproximação e luta conjunta pelos seus territórios. É assim que se iniciam, em 2009, as Reuniões Binacionais Matsés Peru-Brasil, espaços políticos que os Matsés criaram para discussões dos temas que afetam e ameaçam seu povo e território, independente de fronteiras nacionais. Como bem pontuou Angel Uaqui Dunu Maya na sua apresentação durante essa primeira reunião binacional (Nascimento, 2019):

“Nossos territórios estão sendo ameaçados e as consequências são

negativas também para os Matsés do lado brasileiro, por isso é necessário unirmos e trabalharmos juntos pela proteção integral de nosso território”.

A partir desse momento, novas reuniões binacionais foram realizadas nos anos seguintes contando cada vez mais com a participação e envolvimento dos Matsés do Brasil até que estes, em 2011, decidem fazer a reunião do lado brasileiro. Hoje em dia ela já está na sua sétima edição e virou um espaço Matsés binacional para discussão de seus grandes problemas internos e externos, tratando de temas como saúde, gestão ambiental, fiscalização e apoio à proteção dos índios isolados. Toda reunião é finalizada com um documento assinado pelos Matsés de ambos os países, que é protocolado junto às instituições governamentais peruanas e brasileiras. Documentos que já resultaram em reuniões diplomáticas entre os dois países sobre temas levantados e inclusive ida de comitivas Matsés binacionais para se reunir com instituições peruanas (Nascimento, 2019).

Em 2012, prospecções sísmicas também foram realizadas ao sul da TI Vale do Javari pela empresa Georadar, próxima a áreas com presença de índios isolados, com varadouros utilizados pelo povo Marubo e próxima à área dos Matsés. Atividade que foi realizada sem consulta aos povos indígenas e participação da Funai (CTI, 2012; 2014).

No lado peruano, sem conseguir a licença social necessária para sua atuação, a empresa Pacific Stratus desiste do lote 137 em julho de 2016. O lote 135 também é abandonado pela empresa após a realização das pesquisas sísmicas, que envolveram abertura de picadas e detonações de explosivos, em uma área com ocupação de povos indígenas isolados.

Atualmente os lotes 135 e 137 estão suspensos, não sendo oferecidos em novas entregas de concessões, mas isso não significa que estão anulados, podendo voltar a serem ofertados a qualquer momento. Em reunião realizada pela comitiva de Matsés do Peru e Brasil com a agência responsável pelas concessões petroleira no

Reunião Binacional	Data	Área indígena	Aldeia/anexo
I	9 a 11 de novembro de 2009	Comunidad Nativa Matsés	Buenas Lomas Nueva
II	11 e 12 de novembro de 2010	Comunidad Nativa Matsés	Buenas Lomas Nueva
III	2 a 6 de dezembro de 2011	TI Vale do Javari	Soles
IV	9 a 11 de março de 2013	TI Vale do Javari	Lobo
V	8 a 10 de novembro de 2014	Comunidad Nativa Matsés	Santa Rosa
VI	5 e 7 de abril de 2016	TI Vale do Javari	Trinta e Um
VII	8 a 10 de junho de 2018	TI Vale do Javari	Lobo

Fonte: CTI

O documentário “A Fronteira Invisível” (2016/17, 22 min) foi filmado durante a IV Reunião Binacional Matsés Brasil-Peru, quando os índios Matsés, mais uma vez, se dirigiram aos Estados brasileiro e peruano para repudiar qualquer tipo de exploração em seu território. Diante de uma possível tragédia ambiental e humana, num contexto em que se sentem ignorados, os Matsés propõem a resistência, e, se necessário, a guerra. Link para o filme: https://www.youtube.com/watch?v=ajN2Q_9j9Jg

Peru, a Perupetro, em setembro de 2018, esta deixou claro que “o plano da empresa é aumentar as áreas de petróleo sem agredir ninguém” (Nascimento, 2019).

O processo de concessões próximo ao limite sul da TI Vale do Javari também se encontra suspenso, devido à grande resistência à sua execução, mas não anulado. Essas situações demonstram que o interesse pelo petróleo do território Matsés continua, ainda que paralisados pelo momento, podendo voltar em um futuro próximo.

No Brasil, a legislação não permite, por enquanto, exploração mineral em Terras Indígenas, mas existem propostas de lei que querem permitir essas atividades.



Perú

CONTACTENOS ▶ editorperu@comercio.com.pe

La tarea del Estado

"Para un estudio de impacto ambiental puede haber hasta 80 talleres. Es un deber involucrar a la gente", afirma Cecilia Flores de Perú-Petro.

Comprensión cultural

"Yo vivo en Puerto Alegre, a dos días en barca de Angamos, y no llegan las cartas", dice Ángel Uauqui, líder de los matsés.

Especial ▶

DESENCUENTRO EN LA FRONTERA

Perú-Petro le adjudicó los lotes 135 y 137 a la empresa Pacific Stratus en territorios de los matsés. La semana pasada, en su primer encuentro, estos rechazaron a la petrolera

El diálogo truncado con los matsés

MIGUEL ÁNGEL CÁRDENAS M.

Fue un desbordado choque cultural el ocurrido entre los ríos Yaquerana y Gálvez, al sureste de Loreto, en la frontera con Brasil. El miércoles 3 de diciembre Víctor Suárez, coordinador ambiental de la empresa canadiense Pacific Stratus Energy, llegó al gran congreso de los matsés que se realizaba en el poblado de San José de Añushí, donde estos decían "clausurar" su posición contra la inminente exploración de hidrocarburos en su territorio.

Y en esta comunidad de cazadores y recolectores, Suárez expresó en voz alta que venía a buscar el "diálogo". Diálogo: paradójica palabra en castellano que, sin un traductor, no entendieron los ancianos apus de los 14 anexos y sus mujeres mitayas (cazadoras y guerreras) que solo vieron luego el dedo acusador de Suárez dirigido hacia Ángel Uauqui Duniú, el líder comunal de 30 años, "por haberte escondido del diálogo". Era el primer encuentro con los indígenas luego de que el Estado le adjudicara en noviembre del 2007 a la petrolera los lotes 135 y 137 que se ubican en sus tierras comunales, de cuyos problemas informó este Diario el 14 de julio de este año.

Antes solo había habido una infructuosa reunión en la mestiza ciudad de Angamos, sin presencia de los comuneros, que ahora se habían hecho traducir letreros adversos y acusaban a "los petroleros de empezar el contacto por anexos y no con la junta directiva para dividirnos. ¡Y no nos han consultado como mandalaley!".

DESBORDE SINIDIOMA

Víctor Suárez se encontraba en Angamos para hallar un local de enlace de la Pacific y fue invitado por la misma comunidad a este congreso. Antes de ingresar había declarado: "Vengo a disculparme porque desde un primer momento ha habido una mala política de acercamiento. Pero ha sido la subcontratista (contratada para los estudios de impacto



RECHAZO. Las 'mitayas' de Remoyacu, Puerto Alegre y Buenas Lomas antigua se opusieron a la presencia de Víctor Suárez, representante de la petrolera, sin entender que pedía diálogo.



EFUSIÓN. Se encontraba Daniel Vela, de la Defensoría del Pueblo, y José Herrera del Indepa. Los matsés les pidieron ayuda social y hasta les explicaron sus cosmovisiones culturales sobre la divinidad de los ríos y montes.

Pacific asegura que tiene una obligación social y que ayudará con la salud, trabajo y la obtención del DNI.

vera, de la ONG Cedia, que opera en la zona de 2.500 comuneros, dice: "Antonio Brack cuando empezamos el trabajo nos felicitó, porque tiene el libro con el inventario biológico y ahora debe pronunciarse".

Daniel Vela el representante de la Defensoría, les afirmó que el Estado estaba obligado a responderles en 30 días y no tenerlos 14 años en ascuas: "Además preguntamos en Inreña y ellos habían dado su visto bueno a la reserva". Todo se entrapó en

¿Y dónde estaba el Estado?

"Siempre estamos buscando el diálogo", dice Carlos Vives, gerente de promoción y relaciones comunitarias de Perú-Petro, que nos entregó copias de los muchos cargos pidiendo reuniones a todas las partes. Y también acusa a Ángel Uauqui de negarse a dialogar.

Sobre el convenio 169 con la OIT afirma que en el Perú "no hay derecho a veto y el Estado es dueño de los recursos naturales del subsuelo" y que la propia OIT lo ha precisado ante un pedido de la Defensoría del Pueblo. Aduce que la consulta la entienden como un proceso de participación ciudadana con talleres y reco-

Informe ▶

PROMESA INCUMPLIDA

La concesión de lotes petroleros ubicados en territorios de la comunidad Matsés ha generado el rechazo de sus habitantes. Hace 14 años piden la formación de un área natural protegida

Territorios en disputa

Para la comunidad Matsés la explotación de petróleo conllevará la contaminación de los ríos. El gobierno opina lo contrario, pero hasta el momento no atiende el pedido de los nativos.

Los matsés

Características:

- Pertenecen al grupo de los **panos**. Son familia de los shipibos.
- En su idioma, matsés significa gente.

- En Brasil se los conoce también como **mayorunas**.
- **Habitantes: 2.000**
- Mientras muchas otras tribus amazónicas usan las cerbatanas (pucunas) para cazar, los matsés son especialistas en el uso de arcos y flechas.

Situación actual

Reserva territorial: Data de 1973
Extensión actual: 452.000 hectáreas

Existen 5 lotes superpuestos, pero tres de ellos están en contrato.

142 Occidental Oil and Gas of Perú
Lotes sin contrato
Reserva territorial Matsés
137 Pacific Stratus Energy S.A.
135 Pacific Stratus Energy S.A.

Propuestas

LEYENDA

- Reserva territorial Matsés (actual)
- Territorio adicional solicitado por los matsés
- Propuesta de reserva comunal
- Lotes para exploración

Propuesta de reserva comunal (RC) Matsés: 422 mil hectáreas

Una RC es un tipo de área natural protegida que garantiza la supervivencia de las comunidades nativas.

Solicitud de ampliación de su territorio actual: 59 mil hectáreas

LOTE 136
LOTE 137
LOTE 135
LOTE 142

San José de Añushí
San Mateo de Añushí
Nuevo Cashispi
Estroñ
Santa Rosa
Buenas Lomas Nueva
Pueblo Alegre
San Ramón
Buenas Lomas Antigua

PERÚ
BRASIL

El petróleo escondido de los matsés

AS MISSÕES RELIGIOSAS E AS MUDANÇAS NA VIDA DOS MATSÉS

Desde o século XIX, com a chegada dos *chotac* na bacia do Javari, a história dos Matsés foi marcada por conflitos. Através das guerras contra os não-índios, os Matsés se defenderam da ocupação estrangeira de suas terras, da violência e da captura de suas mulheres e crianças. Sua resistência ficou conhecida pelos brasileiros e peruanos que viviam na região da fronteira. Por isso, os governantes desses países, especialmente do Estado do Amazonas no Brasil, e do Peru, procuraram meios de fazer com que os Matsés aceitassem as suas leis.

O governo peruano, por meio de um acordo com o Instituto Linguístico de Verão, deixou a cargo desses missionários dos Estados Unidos o trabalho de fazer o contato com os Matsés que viviam no rio Choba, e assim, fazer com que eles aceitassem a convivência com os *chotac* e deixassem de guerrear, facilitando o acesso aos recursos naturais de seus territórios. No ano de 1969, as missionárias do Instituto Linguístico de Verão fizeram contato com os Matsés, e a partir daí começaria um processo de mudança importante no seu modo de vida.



Dave Fauss, 1969

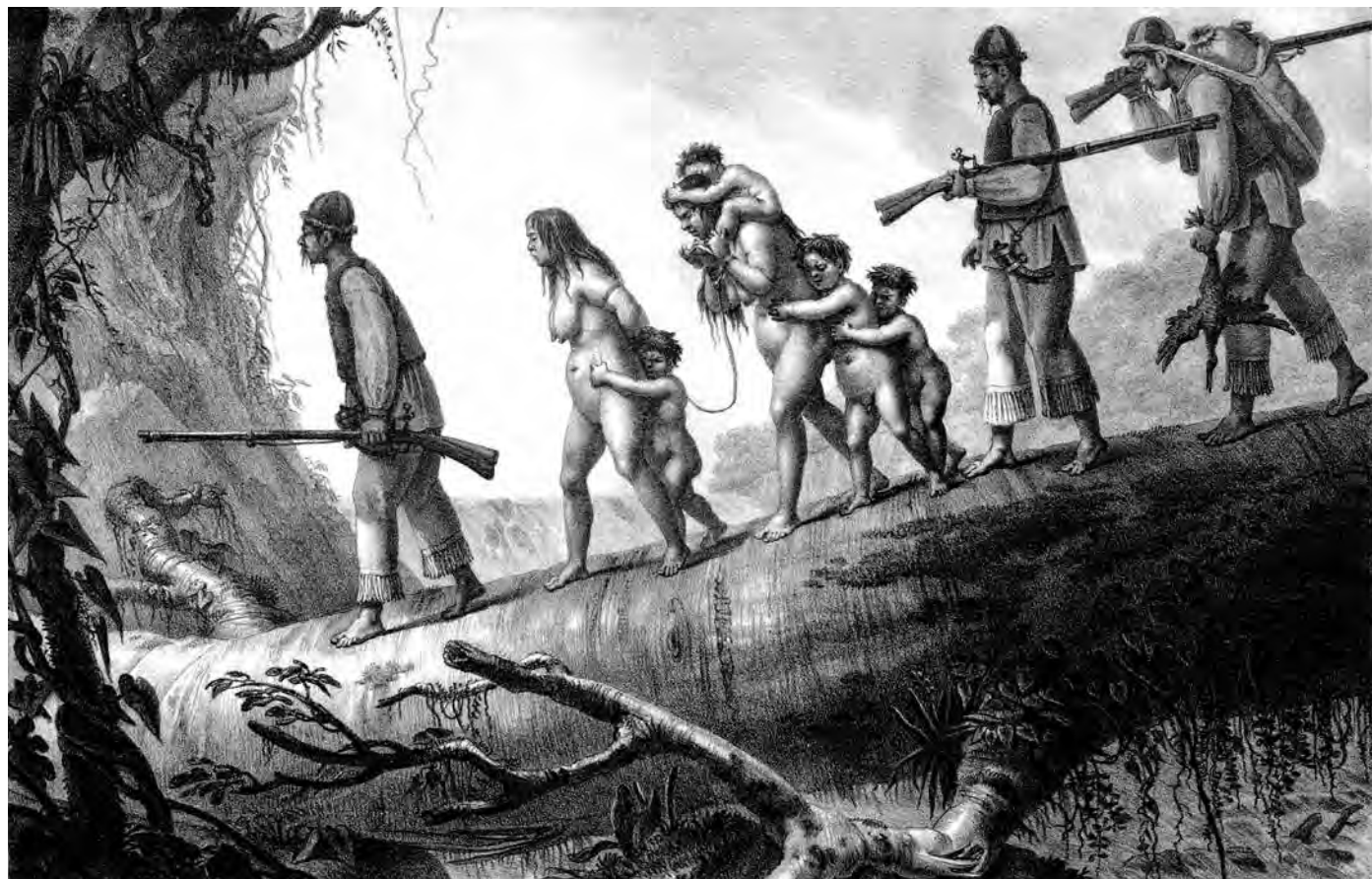
OS MISSIONÁRIOS E OS POVOS INDÍGENAS DA AMÉRICA

Não só entre os Matsés, os missionários foram os responsáveis pelos primeiros contatos pacíficos dos indígenas com os *chotac*. Eles estão presentes na vida dos povos indígenas desde o início da colonização das Américas pelos europeus. Os países Espanha e Portugal, que colonizaram as terras da América do Sul, eram governados por reis da religião católica. Quando invadiram as terras desse continente e começaram o processo de dominá-las, os reis católicos sempre enviavam missionários para “aldear” os indígenas: convencê-los ou obrigá-los a viver em aldeias formadas pelos padres em lugares escolhidos por eles e que, por vezes, juntavam vários povos.

Os indígenas deviam viver nessas aldeias para serem catequizados, ou seja, aceitar a religião católica, passar a obedecer e ser fiel ao Deus dos católicos e ao seu modo de vida, que era o do *chotac* colonizador da época. Assim, no período colonial, o trabalho dos missionários era catequizar os índios, deixá-los obedientes aos reis de Portugal e Espanha, de modo que não entrassem mais em guerra contra os invasores, e liberar territórios para exploração dos *chotac*. Quando os missionários chegavam ao território dos índios, fundavam as Missões.

Depois chamavam índios de vários povos diferentes para morar nesses aldeamentos com eles. Nas terras da América do Sul, que foram colonizadas pelos portugueses (e que depois formaram o Brasil), os índios que concordavam em ser aldeados, ou considerados aliados do governo de Portugal, tinham o direito de ser livres e de usufruir dos territórios que passavam a ocupar ao redor de suas aldeias. Já os índios que se recusavam a fazê-lo, lutavam para continuar vivendo nas terras que haviam ocupado originalmente, ou guerreavam para se defender dos invasores, eram considerados “gentios bárbaros”, inimigos.

Contra estes índios, as leis de Portugal afirmavam que os *chotac* podiam fazer guerras, as chamadas “guerras justas”, conhecidas por terem exterminado muitos povos indígenas que resistiram à colonização. Muitos indígenas derrotados nessas guerras foram transformados em escravos e também podiam ser vendidos pelos *chotac* que os capturavam, o que estimulava a captura de índios, uma vez que, ao vendê-los, os brancos ganhavam muito dinheiro.



Jean Baptiste Debret, 1834

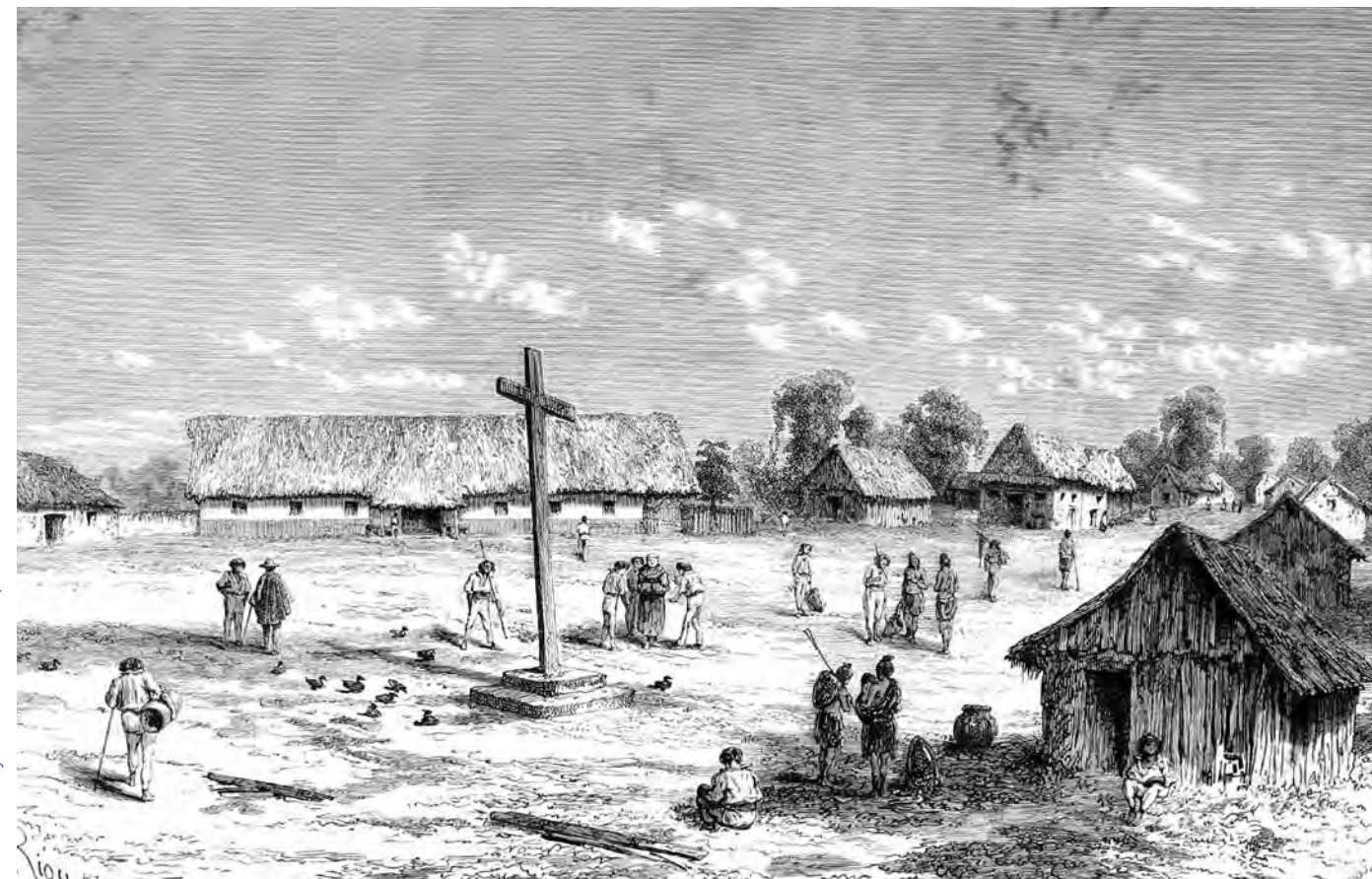
Índios prisioneiros na província de Curitiba (sul do Brasil)

Portanto, na época colonial, a maioria dos indígenas só tinham essas opções: viverem nas aldeias, catequizados e dominados pelos missionários sendo “aliados” dos portugueses, ou serem escravizados ou mortos em guerras, como seus “inimigos”. Os missionários sempre exerceram esse papel de transformar o pensamento e o modo de vida dos índios para que deixassem de fazer guerras, defendendo seus territórios e de apresentarem resistência ao domínio europeu.

Na região onde hoje está a fronteira do Brasil e Peru, os primeiros missionários a chegar foram os espanhóis, que fundaram a primeira Missão em 1649. As

Missões estabelecidas neste local eram chamadas “Missões de Maynas” e foi a partir delas que surgiram as primeiras cidades na Amazônia peruana. Depois muitas outras Missões foram fundadas. Nelas moravam índios Aguanó, Cocama, Camilla, Chayavita, Coronado, Jebero, Mayna, Munche, Roamayna, Ytucali, Zapa. Também moravam índios que foram chamados de Mayuruna pelos missionários.

Essa região era disputada pelos países de Portugal e Espanha e os missionários católicos daquela época escreveram muitos livros nesse tempo, por meio dos quais hoje nós podemos conhecer a história das Missões.



Paul Marçoy e Edouard Riou, 1873

A missão de Sarayacu no rio Ucayali em 1873, Peru

Após a independência do Brasil, em 1822, as missões católicas continuaram sendo parte da política do governo (agora brasileiro), para fazer com que os índios não entrassem em guerra contra os *chotac* e passassem a viver em aldeias, deixando seus costumes e sua resistência contra a invasão de suas terras.

Em todo o século XIX, a ideia era a de que os índios deviam se “tornar civilizados”, ou seja, passar a ter os costumes dos brancos descendentes dos europeus, respeitar as leis do país e trabalhar à maneira dos *chotac*, e para isso os missionários eram enviados aos índios.

Atualmente a maioria das Missões que se instalam entre os povos indígenas no Brasil não são católicas, mas protestantes, e muitas delas têm sua origem nos Estados Unidos.

A religião protestante nasceu na Alemanha e se separou da Igreja Católica no século XVII. As duas igrejas acreditam em Jesus Cristo, são cristãs, a principal diferença é que os protestantes não crêem na figura dos santos e não reconhecem e obedecem ao Papa, como chefe do cristianismo. Desse modo existem diferenças consideráveis entre as igrejas protestantes, cada uma sendo independente e tendo seu próprio modo de funcionamento.

O CONTATO DAS MISSIONÁRIAS DO INSTITUTO LINGÜÍSTICO DE VERÃO COM OS MATSÉS



Desde 1945, a organização Summer Institute of Linguistics (SIL) trabalha no Peru, onde teve seu nome alterado para Instituto Lingüístico de Verano (ou ILV). Apesar de apresentar-se como uma instituição leiga de pesquisa linguística, o ILV era financiado por doações captadas pelo Wycliffe Bible Translators, organização missionária norte americana que se propunha, desde sua fundação, em 1934, a traduzir o Novo Testamento para todas as línguas faladas no mundo. Assim, o trabalho de tradução da Bíblia para as línguas nativas era realizado como mais

uma atividade educativa dos “linguistas” do SIL durante o tempo em que viveram nas aldeias, mas tratava-se, na realidade, do objetivo principal dos missionários.

Os membros do SIL negavam que estivessem convertendo os índios para o cristianismo, como estratégia para manter acordos com instituições governamentais dos países em que atuavam, na maior parte das vezes de maioria e religião oficial católica. O SIL atuou em vários países da América Latina, como Guatemala, Equador, Bolívia, Guianas, Peru, Brasil entre outros.

Na década de 1960, o instituto fez um acordo com o governo do Peru, e ficou responsável pela educação escolar dos povos indígenas na Amazônia peruana, onde tinha, e ainda tem, uma escola em Yarinacocha, no rio Uacayali, próximo à cidade de Pucallpa. Esse lugar funcionava como um centro de treinamento. Os missionários que chegavam dos Estados Unidos recebiam ensinamentos sobre as culturas indígenas e métodos linguísticos (como aprender a língua e fazer traduções da Bíblia). Nesse mesmo centro, representantes dos povos indígenas passavam meses trabalhando como informantes, ensinando para os missionários as línguas nativas e sendo treinados para serem pastores (Stoll, 1982, p.99).

Em meados do século XX, as várias notícias de conflitos entre os Matsés, conhecidos na época como Mayorunas, e não-indígenas que exploravam a floresta chamaram a atenção dos “linguistas” do instituto que atuavam naquele país. O episódio do conflito dos Matsés contra os moradores de Requena (página 94) foi o que mais apareceu nos jornais e ficou conhecido por todos os peruanos, atraindo a atenção dos missionários do ILV, que resolveram contactar os índios.

O contato com as missionárias

A missionária norte-americana do Instituto Lingüístico de Verão, Harriet Fields, foi quem fez os primeiros contatos com os temidos “Mayoruna”. Em 1963, ela sobrevoou algumas malocas Matsés e do avião jogou materiais como panelas, terçado, roupas e miçangas.

Walter Pëmen e José Tumi Cashispe contaram como foi quando os Matsés que viviam em uma aldeia no Pardo viram pela primeira vez o avião da missionária:

“Os Matsés estavam na cabeceira do rio Pardo. O avião andava por cima da maloca e sobrevoou próximo a ela. Lá dentro não ficou ninguém, todos os índios fugiram para o mato. A maloca ficou vazia, as pessoas ficaram no mato, escondidas. Viram o avião e tinham muito medo.

Depois as pessoas voltaram para a maloca. Novamente o avião passou por perto e um Matsés, que não havia fugido, ficou capinando na roça. O avião passou bem em cima da roça. Enquanto se aproximava, todas as pessoas fugiram para o mato. Só uma delas ficou no meio da roça, porque não tinha medo. Ela viu a missionária dentro do avião, e depois viu que jogava os terçados, panelas, machados, miçangas e roupas também.

O Matsés então gritava e chamava o restante do grupo, para que voltassem à maloca. E assim o fizeram, todas as pessoas pegaram terçado, machado, panela e miçanga.

O pessoal mandou o Dunu Mayuruna avisar aos outros Matsés que moravam abaixo do rio Pardo e elas foram junto com ele para pegarem as coisas que a missionária jogou do avião, voltando em seguida para a sua maloca” (tradução e redação de João Ėpë Mayuruna, 2013).

No ano de 1964, uma base militar em Iquitos chamou Harriet Fields, que vivia em Yarinacocha, para avisá-la que uma mulher que falava a língua dos Mayoruna havia aparecido por lá. Seu nome era Sofia, e havia sido capturada junto com seu filho pelos Matsés em 1947. Na época em que entrou em contato com os missionários do Instituto Linguístico de Verão, ela havia acabado de fugir para Iquitos pela ocasião da morte de seu captor e marido. Após o contato com Harriet Fields, Sofia e seu filho concordaram em ir até a base do instituto em Yarinacocha, onde viveu por um tempo ensinando a missionária a língua Matsés.

Em 1965, Harriet Fields entrou em contato com um jovem indígena capturado pelos Matsés, que havia fugido, tendo sido encontrado na margem do rio Javari, acenando para um barco que passava. Ele,

que Harriet passou a chamar de Joe, morou por um ano e meio em Yarinacocha, também ensinando a língua Matsés à missionária. Depois desse período, ela tentou que ele intermediasse o contato com o resto do grupo de Matsés com o qual vivia. O resultado, que mais tarde chegou ao conhecimento da missionária, é que este jovem foi morto pelos índios quando tentou voltar à maloca em que viviam. (Matlock, 2002 *apud* Erikson, 1994).

A autorização por parte do governo peruano para que o Instituto Linguístico de Verão estabelecesse contato em campo com os Matsés veio em 1965, mas os missionários só puderam concretizar a viagem no ano seguinte, devido a conflitos que estavam ocorrendo entre os indígenas e a guarnição de Angamos. A partir de então, a missionária acampou diversas vezes na margem peruana do alto Javari, e sobrevoou malocas Matsés com aviões do SIL que transmitiam mensagens elaboradas a partir do que a missionária havia aprendido com seus primeiros informantes, através de alto-falantes acoplados às asas. Os tripulantes desses sobrevoos também jogavam objetos de metal para atrair os Matsés. Em 1969, Harriet Fields, acompanhada por outra missionária norte americana, Harriet Kneeland, conseguiu fazer os primeiros contatos com os indígenas. Com a ajuda de outros funcionários do instituto, abriu uma trilha do acampamento

em que estavam, nas margens do alto rio Jaquirana, até um igarapé que ficava no meio do caminho para um conjunto de malocas Matsés avistadas por sobrevoo.

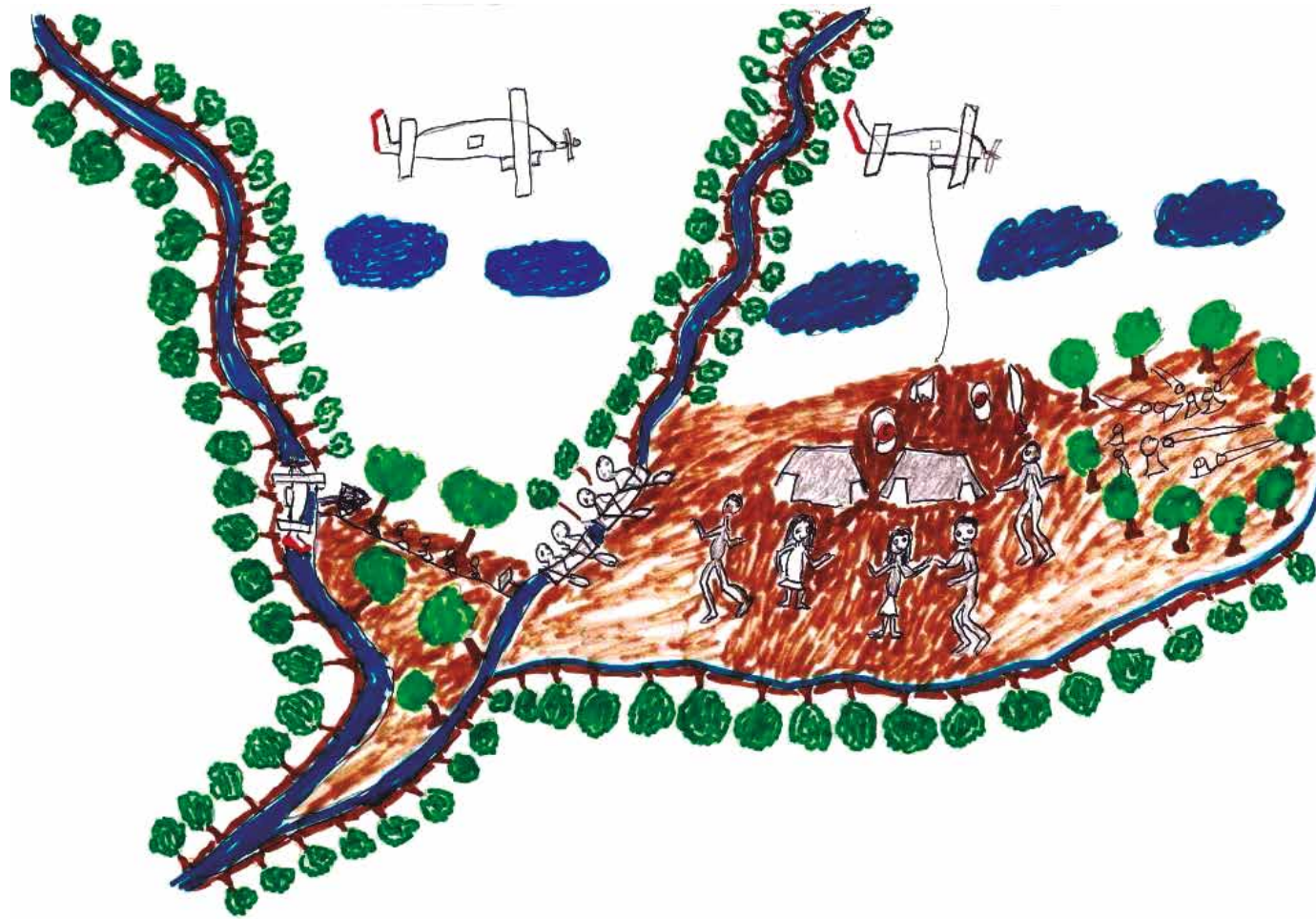
Depois de um contato inicial amigável, famílias Matsés passaram a estabelecer-se em torno de uma pista de pouso próxima ao alto curso do rio Choba, construída pelos índios sob a direção das missionárias. Em nove meses o assentamento do SIL, que foi nomeado “Buenas Lomas”, passou de 42 moradores para 300, e em abril de 1973, já contava com 473 Matsés distribuídos em 15 malocas (Matlock, 2002).

Romanoff, o antropólogo que primeiro realizou uma pesquisa etnográfica entre os Matsés, afirma que na época de seu trabalho de campo, em 1976, o povoamento de Buenas Lomas era composto por dezesseis casas comunais distribuídas ao longo da margem do alto rio Choba, no Peru. Ainda segundo ele, esse povoamento abrigava mais da metade da população Matsés. Na maior casa comunal viviam 100 pessoas (Romanoff, 1984).

Harriet Kneeland deixou os Matsés em 1995 e Harriet Fields viveu com eles no Peru até meados de 2005, ficando conhecida entre os indígenas como “Señorita Luisa”.



HISTÓRIAS DO CONTATO COM OS MISSIONÁRIOS

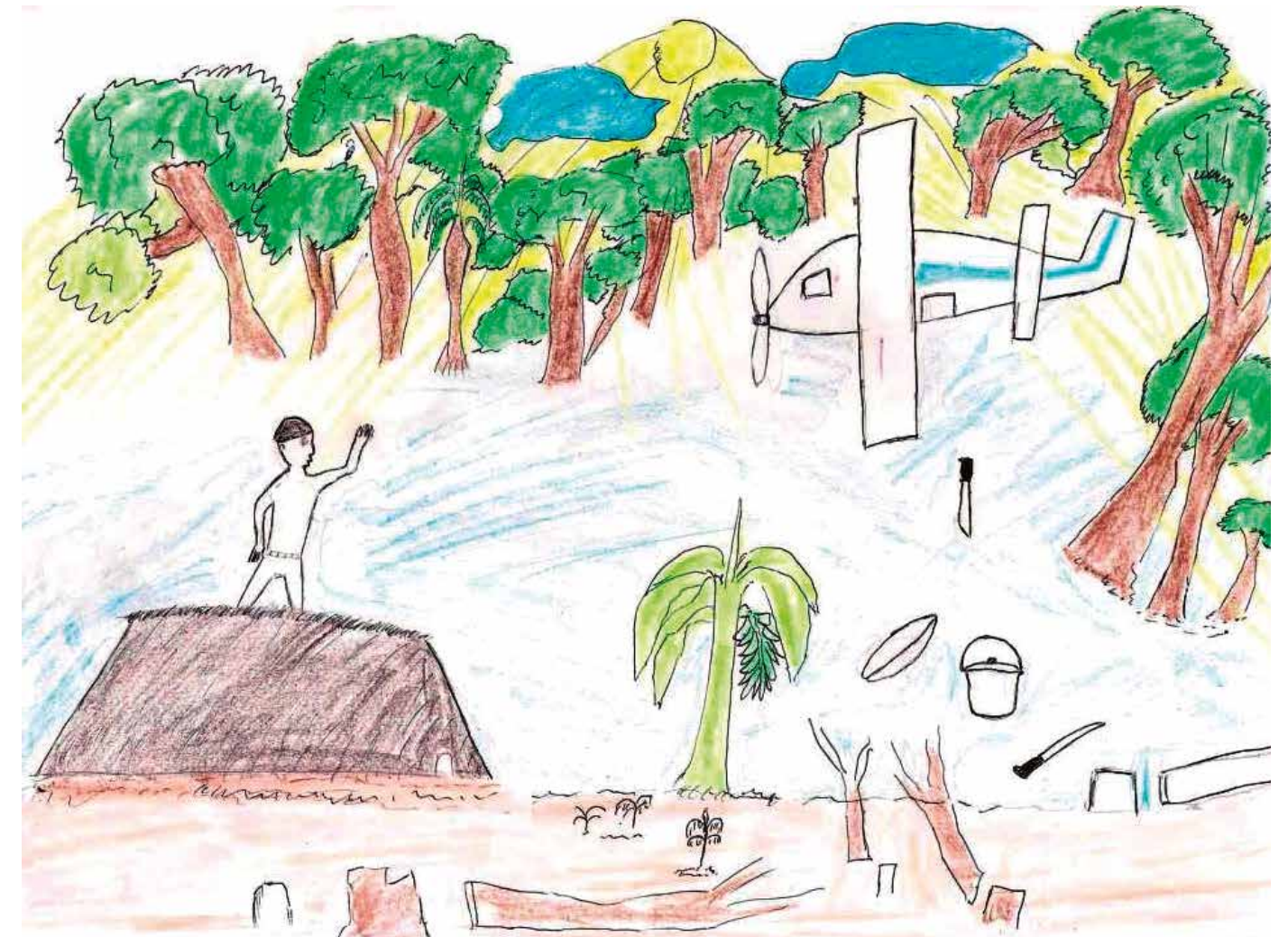


Assim José Tumi “Cashishpi”, traduzido por Raimundo Mëan Mayoruna, contou como foi o contato com as missionárias:

Primeiro os Matsés moravam no rio Pardo, sem contato com os missionários. Depois a americana foi com o avião sobrevoar a região. Os Matsés ficaram com medo e fugiram para o mato, se escondendo no buraco de uma árvore grande. Ficaram com receio de voltar para a maloca para não encontrar com as missionárias.

Os Matsés foram pegar banana e macaxeira na roça, escondidos. Passaram dez dias fora de suas malocas, mas as missionárias já tinham ido embora. Mais tarde, eles voltaram para suas malocas. Vendo o avião sobrevoando aquela área, os Matsés construíram um piso de paxiúba de dois metros de altura, porque pensavam que assim o avião pousaria.

No momento que ele sobrevoou a área dos Matsés, um deles, do rio Choba, tomou coragem e correu para



o meio da roça, sinalizando com a intenção de chamar o avião, que deu a volta assim que o viu. O *chotac* que estava no avião falou, em língua Matsés, com a ajuda de um alto falante para que os índios pudessem ouvir: “Vão todos para beira do rio (Jaquirana) e me esperem quando chegarem lá”.

O *chotac* falava como os Matsés, e eles queriam descobrir qual deles estava no avião. Foram para o local onde o *chotac* havia dito, na beira do rio, e os Matsés começaram a fa-

zer o coxo da paxiúba para que conseguissem descer pelo rio. Enquanto desciam, o grupo Matsés encontrou uma casa construída para a *chotac*, que era a senhorita Luiza. Lá encontraram machado, terçado, panela e roupa e pegaram todos os materiais para voltarem para sua aldeia.

Nesta época, os Matsés eram divididos em dois territórios, os que eram do rio Pardo e os do rio Choba. Anshosh era um dos que vivia neste último. Ele voltou para o rio Jaqui-

rana para avisar aos Matsés que tinham fugido para o rio Pardo, com medo do *chotac*, que as missionárias que estavam com ele no Choba davam remédio, terçado, machado, panela e roupa. Por isso, não precisavam ter medo, eles gostavam das missionárias.

Os Matsés do rio Pardo foram todos para o rio Choba atrás delas, porque também queriam ganhar terçado e machado. Depois disso, as missionárias mandaram os Matsés construírem uma pista de pouso na região do alto rio Choba. Os Matsés que viviam no rio Pardo também ajudaram. Eles ficaram no alto rio Choba, mas viviam e faziam a roça separados, nas suas respectivas malocas.

Os Matsés do rio Pardo passaram mais ou menos três anos lá no Choba. Nesse período, começaram os conflitos entre os próprios Matsés, de modo que voltaram para o lado do Brasil, fazendo com que se dividissem novamente. Eles ocuparam a região entre o Lobo e o rio Pardo”.

Branco Pëmen, Sabino e Antonio Flores, em 2009, contaram assim sobre o contato com os missionários:

“Os índios estavam no rio Pardo quando o avião começou a sobrevoar por cima da casa. Quando eles viram

o avião, ficaram com muito medo. Todos eles entraram no buraco do pau e as mulheres desmaiaram. Os dois aviões foram embora.

Alguns dias depois, Dunu chegou no rio Pardo e contou para eles que o avião tinha jogado, lá de cima, terçado, machado, panela, bombons e miçanga. Todos eles voltaram para o Jaquirana, onde estava a missionária.

Quando eles chegaram lá, ela entregou materiais para todos eles. Depois ela embarcou dois índios no avião e foram embora. Ela levou os dois índios, e depois de três dias, voltou novamente. Mandou todos os índios fazerem a pista de pouso, enquanto ficava sentada vendo-os trabalhando. Ela pedia mais material. Pedia também remédios para que os índios não ficassem doentes. Ela se relacionava muito bem com os índios. Quando a pista ficou pronta, os índios começaram a brigar entre eles e assim o povo do rio Pardo voltou novamente para lá.

Há um tempo, o índio Ecquequid havia ido para a cidade, e depois de muito tempo, voltou querendo encontrar seus parentes, a mando da missionária. Quando Ecquequid encontrou com eles, ele vestia uma roupa bonita. Um parente, Chesheid Podo, o viu no meio do mato, pegou

a espingarda e atirou em Ecquequid, que caiu. Quando Chesheid Podo foi ver, percebeu que era seu parente, na verdade era seu cunhado, e tinha uma tatuagem no rosto.

A irmã dele ficou desesperada quando viu o corpo do irmão no chão. Cheshe Podo tinha pensado que se tratava de um *chotac*, por isso ele atirou no Ecquequid. Depois todos eles ficaram muito tristes e enteraram o corpo” (traduzido por Jorge Manquid, 2013).

Como contou Branco Pëmen, Sabino e Antonio Flores na narrativa transcrita acima, os Matsés que viviam na região do Pardo não permaneceram na aldeia das missionárias construída no alto Choba, chamada Buenas Lomas. Eles voltaram para suas malocas, e logo depois desse episódio, no ano de 1972, fizeram contato com o pessoal da Funai, no Brasil.

A partir desse momento, a separação entre os Matsés que viviam no Brasil e os Matsés que viviam no Peru se acentuou, durando até 2009, quando voltaram a se aproximar por meio das Reuniões Binacionais Matsés para discutir estratégias comuns de enfrentamento às ameaças, principalmente das extrações de petróleo e de madeira, no território Matsés.

O CONTATO PACÍFICO E A REGULARIZAÇÃO DAS TERRAS MATSÉS

CONTATOS PACÍFICOS COM OS BRANCOS NO BRASIL

O modo de vida dos Matsés se modificou muito com o estabelecimento das relações pacíficas com as missionárias do Instituto Linguístico de Verão. A partir da convivência com elas, várias famílias Matsés que viviam separadas foram viver em uma mesma aldeia. Os Matsés deixaram de viver todos em uma mesma maloca, de guerrear contra os *chotac* e outros povos indígenas da região e também, de realizar alguns rituais importantes.

Depois de aceitarem a presença das missionárias, os Matsés que foram contatados primeiro por elas e que viviam na maloca próxima ao alto rio Choba enviaram mensageiros às outras malocas Matsés conhecidas, convidando seus parentes para irem também morar junto com eles. Alguns homens e mulheres que viviam nas malocas do outro lado do rio Jaquirana, próximas ao rio Pardo, aceitaram o convite e foram conhecer as missionárias. Muitos foram porque seus parentes lhes diziam que as missionárias iriam lhes dar muitos objetos vindos dos *chotac*: terçados, panelas, machados, miçangas, roupas.

Ficaram por um tempo lá, mas acabaram voltando para o outro lado do rio Jaquirana, o lado que ficava no Brasil. Poucos anos

depois de voltarem da expedição ao Choba para conhecer as missionárias, os donos de uma das malocas do igarapé Lobo estabeleceram relações pacíficas com um peruano com o qual trocavam couro de queixada por espingardas, e com soldados do pelotão do exército peruano em Angamos.

O CONTATO PACÍFICO COM O EXÉRCITO PERUANO

Walter Pemen Mayoruna, em 2010, contou para a pesquisadora Beatriz Matos como foi o primeiro contato pacífico dos Matsés com o exército peruano:

Shiansio, dono de uma das malocas do alto igarapé Lobo, conversava com as outras pessoas e lhes dizia: “Vamos até a boca do igarapé Lobo para encontrar com os *chotac*, já que não os vimos”. Shiansio foi o primeiro a encontrar com o *chotac*.

Ele e seus companheiros saíram da maloca e foram pelo caminho até chegar na boca do rio, onde fizeram um acampamento. Ficaram lá um dia inteiro esperando por um *chotac*. Mais tarde, passou um *chotac* a

remo na canoa, atravessando para o outro lado do rio.

Shiansio o viu atravessando e gritou, chamando-o. Ele era peruano e estava com muito medo, pois pensava que os Matsés iriam matá-lo. Ele não sabia a língua dos Matsés.

O peruano, com muito medo, voltou e foi até a beira do rio, subindo na terra. O Matsés falou assim: “Eu não vou matar você”. O Zaquiel, filho de peruano e pego pelos Matsés quando era criança, estava lá e traduziu para ele. Assim Shiansio amansou o peruano e foi o primeiro a pegar na mão do *chotac*.

Shiansio, Zaquiel e o peruano conversaram. Este último contou que mais acima do Jaquirana ficava o exército peruano. Em seguida, ele voltou de novo para a canoa e subiu o rio.

Mais tarde, ele contou para os outros peruanos que tinha encontrado com índios Matsés na boca do igarapé Lobo, onde eles estavam. O peruano voltou e, junto com ele, desceu o exército peruano em um barco grande para encontrar de novo os Matsés.

Os Matsés escutaram o motor e foram para a beira do rio esperar lá na frente. O exército peruano, ao chegar onde estavam e os encontrar em ter-

ra, parou o motor. Dois Matsés, que ficaram na beira enquanto os outros fugiram para o mato, foram conversar com o peruano.

Este último falou assim: “Vocês vão tirar couro de porco”. Os Matsés tiraram muito couro de porco para entregar para o exército. Em troca, o peruano deu camisa para todos os índios, que vestiram pela primeira vez e não gostaram da roupa porque não estavam acostumados a usá-la.

Os Matsés mandaram Zaquiel sozinho para Angamos para entregar o couro de porco para os peruanos Juan e Curujim. Zaquiel passou aproximadamente uma semana por lá e depois subiu de novo para o igarapé Lobo, onde Shiansio ficou esperando Zaquiel, que trouxe espingarda nova e mostrou para os Matsés. Depois eles levaram mais couro de porco para Angamos, e dessa vez outros Matsés também foram até lá. Chegaram em Angamos sem camisa. No local, o exército peruano vacinou os índios, que passaram mais uma semana junto com os *chotac*.

Eles voltaram para a maloca no igarapé Lobo, e quando chegaram, Shiansio contou para outras pessoas como havia sido a viagem. Então Shiansio foi até a cabeceira do Pardo para chamar os outros índios que moravam lá e encontrou o Tumi.

Tumi, ao encontrar os outros Matsés que moravam na cabeceira do rio Pardo, lhes contou: “Shiansio fez contato com o branco e foi muito bom”, disse enquanto mostrava a camisa do exército. (tradução de João Ēpë Mayoruna)



Dave Fauss, 1969

Jovens caçadores Matsés com couro de porco do mato para trocar com os *chotac* do Peru

Segundo Raimundo Mëan Mayuruna (2013):

Depois de um tempo que os Matsés do Peru entraram em contato com a missionária, os Matsés do Brasil tiveram a idéia de contatar os *chotac*, porque não queriam mais conflitos com eles. Também tinham perdido seus guerreiros.

Por isso, resolveram entrar em contato com os brancos. Se reuniram para escolher os homens corajosos que iriam encontrar os *chotac*. Entre os Matsés, havia uma pessoa que se chamava EEzequiel Pisanco Trigoso, filho de um *chotac* espanhol, que falava a língua dos brancos, e que havia sido roubado de seu pai pelos Matsés, com quem ele cresceu. Os Matsés confiavam muito nele e por isso quiseram consultá-lo.

Os Matsés perguntaram para ele o que os *chotac* gostavam, então ele respondeu que gostavam de couro de porco e de onça. Assim, os índios tiraram os couros de onça e de porcos e foram até a boca do igarapé Lobo, levando-os.

Lá, ficaram esperando alguns *chotac* passarem para chamá-los. Depois de algum tempo, apareceram caçadores, com quem foram falar. Os *chotac* perguntaram para os Matsés quem eles eram e da onde vinham. EEzequiel lhes falou que tinha vindo da cabeceira do Lobo e lhes deu os couros que eles tinham trazido. Após isso, o exército peruano chegou com roupas para dar para os Matsés. Desde então, o exército peruano passou a tomar de conta da região. Depois foi a vez do exército brasileiro de fazer isso e fechar o igarapé Lobo.

A CHEGADA DA FUNAI NO IGARAPÉ LOBO

Logo depois desses acontecimentos, a Funai (Fundação Nacional do Índio) fez o contato com os Matsés no igarapé Lobo. Ela iniciou seus trabalhos no Vale do Javari, porque o governo do Brasil desejava fazer uma estrada, a Rodovia Perimetral Norte. Essa estrada ligaria Benjamin Constant a Cruzeiro do Sul, no Acre, dentro de um projeto que conectaria os estados do Amazonas, Pará, Amapá e Roraima, e, para isso, o Governo precisava evitar conflitos entre os índios isolados com os *chotac* que fossem construir a estrada. Assim, em 1971, a Funai inaugurou sua sede no Alto Solimões. Naquele tempo, sua Administração Regional, que ficava em Atalaia do Norte, era chamada de “Ajudância do Alto Solimões”, e estava ligada à Funai de Manaus. A Funai criou então os Postos Indígenas de Atração – PIA Marubo e PIA Itaquaí –, além dos Postos Indígenas – PI Massapê e PI Lobo no Jaquirana (Cavuscens, 2002).

O Posto instalado em 1973 no igarapé Lobo passou a manter contatos pacíficos com três malocas dos Matsés. Ao mesmo tempo, o exército brasileiro, que antes, como vimos nos capítulos anteriores, realizava expedições punitivas contra os Matsés, passou a oferecer assistência médica aos indígenas.

Walter Pemen Mayoruna conta como foi o primeiro contato dos Matsés com a Funai:

O contato com a Funai aconteceu no igarapé Lobo. Lá chegaram muitas pessoas da fundação, que encontraram o Uaqui e Shiansio, que moravam por lá.

O pessoal da Funai chegou na maloca e entregou terçado, machado, panela e calção e perguntou para os Matsés: “Será que têm outras pessoas morando em outros lugares?”. O Mani Mani respondeu que sim, pois tinham índios que moravam na cabeceira do rio Pardo.

Mani Mani e Zaquiel, acompanhados dos funcionários da Funai, saíram e foram avisar as outras pessoas que moravam na maloca da cabeceira do rio Pardo. O Mani Mani apresentou as pessoas da Funai.

Todos os Matsés viram os homens da Funai e os abraçaram. O Mani Mani contou que muitas pessoas da Funai tinham chegado no igarapé Lobo. Os Matsés conversaram entre eles mesmos. O Mani Mani contou muitas coisas da Funai: “Eles trouxeram muitos terçados, machados, panelas, roupas e cartuchos”. Assim falou o Mani Mani.

O pessoal da Funai falou: “Nós vamos embora amanhã”. E então saíram pelo caminho. Depois, junto com eles, todos os Matsés saíram às seis horas da manhã da cabeceira do rio Pardo, andando pelo o caminho até o igarapé Lobo. Eles foram pegar as coisas que os *chotac* haviam trazido.

Quando chegaram de volta, o pessoal da Funai abraçou todos os Matsés. Primeiro conversaram com eles e depois entregaram para cada índio, terçado, machado, cartucho, roupa e agulha. Depois de pegarem o terçado, esses Matsés voltaram novamente pelo caminho da cabeceira do rio Pardo, saindo do igarapé Lobo.

Passados dois anos deste contato, o Tumi saiu do rio Pardo e foi morar no igarapé Lobo. Shiansio e muitos outros índios fizeram suas casas de palha na aldeia Lobo. Essas pessoas abandonaram a aldeia na cabeceira do rio Pardo e nunca mais voltaram para lá.

Mas elas moraram apenas um ano na aldeia Lobo depois do contato com a Funai. Primeiro os Matsés do Curuçá mudaram para onde iria ser a aldeia Trinta e Um. Lá, as pessoas começaram a brocar uma grande roça para fazer essa aldeia nova. Depois começaram a fazer casas na aldeia Trinta e Um. Até hoje estamos nesta aldeia, que fica na beira do rio Jaquirana.

Depois de chegar no rio Jaquirana, todo mundo começou a ficar doente de sarampo e catapora. Por causa dessas doenças, as pessoas quase morreram. Então a Funai levou os Matsés para o Pelotão de Palmeiras e a aldeia Trinta e Um ficou vazia. O exército atendeu os pacientes e lhes deu remédios. Os doentes passaram uma semana no Pelotão de Palmeiras do Javari, cuidados pelos funcionários da fundação e pelo exército. Assim que melhoraram, voltaram para a aldeia Trinta e Um, levados pela Funai. Foi desta maneira que, depois do contato com a Funai, os Matsés que moravam no Jaquirana pegaram as doenças dos *chotac*.

Sabino Nakua Mayuruna, em 2009, contou:

Os Matsés encontraram a Funai na boca do Lobo. Seus funcionários estavam em uma casa quando os índios os encontraram. Tinham os *chotac* chamados Ezidio, Modesto e Pele. EEzequiel estava junto com eles. Tinham alguns Matsés entre as pessoas encontradas no Lobo, era Nazareno Mayuruna e os demais.

E para os três trabalhadores da fundação, EEzequiel falou que havia mais Matsés no rio Pardo. Os *chotac* Modesto e Pele falaram para EEze-

quiel: “Nós três vamos atrás deles para encontrá-los”. E EEzequiel, Modesto e Pele foram no caminho.

Passaram cinco dias até chegarem no rio Pardo. Chegando lá, eles encontraram os índios e queriam saber se tinha alguém doente entre eles. Tinha um índio doente com o pé muito inchado e Modesto falou para Ezequiel aplicar uma injeção nos índios.

Depois disso, Modesto falou para todos os índios: “Vou ajudar todos vocês, venham comigo até no Lobo. Lá vocês vão ganhar terçado, machado, panela, e o que vocês precisarem”. Os índios aceitaram e vieram 20 pessoas com eles no caminho até o Lobo. Os brancos entregaram os materiais e depois os índios voltaram novamente para o rio Pardo. Dias depois, morreu um índio chamado Tamu. Os índios pensaram em voltar para o Jaquirana, e fizeram a aldeia onde tinha a aldeia da Petrobras. Depois os índios aumentaram a aldeia Trinta e Um.

De lá, veio o chefe de posto da aldeia Lobo e falou para todos os índios: “Vocês tem que trabalhar com madeira para que eu consiga material para vocês”, e depois disso, um senhor Sebastião Manso apareceu para visitar os índios e deixar remédio na aldeia para eles.

A partir do contato pacífico com os funcionários da Funai, os Matsés que estavam no lado brasileiro da bacia do rio Javari passaram também a viver em aldeias, não mais em malocas cercadas de roças como era antes. Assim, o modo de vida dos Matsés também se modificou quando aceitaram conviver com os agentes do governo brasileiro, da fundação. Vamos conhecer agora um pouco da história da Funai e como ela trabalha.

SEBASTIÃO AMÂNCIO

O sertanista Sebastião Amâncio, conhecido entre os índios como “Saba Manso”, foi o primeiro chefe da Funai na região do Vale do Javari, iniciando o trabalho de instalação dos primeiros postos da Funai e o contato com vários povos indígenas da região. Foi Saba Amâncio o responsável pela “atração” do Matsés que moravam do lado do Brasil, em 1973 e 1974. Saba foi responsável também pela primeira proposta de criação de uma área protegidas para os índios do Vale do Javari, o “Parque Nacional Indígena do Vale do Javari”.

A HISTÓRIA DA FUNAI



Autor desconhecido

Rondon junto aos indígenas de Rondônia

A primeira instituição do governo federal que tratava especificamente das questões dos povos indígenas no Brasil foi o “Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores Nacionais” – SPILTN – criada em 1910, e que depois passou a ser “Serviço de Proteção ao Índio-SPI”. O objetivo do SPILTN era aumentar as áreas de plantações, juntar e treinar os índios e descendentes de escravos para trabalharem para o Brasil. A escravidão dos negros no Brasil havia sido oficialmente abolida em 1888. O SPI tinha como objetivo “transformar os índios em pequenos produtores rurais capazes de se auto-sustentarem”.

O tenente-coronel Cândido Mariano da Silva Rondon foi o primeiro diretor e o responsável por compor o quadro de funcionários e pelas atividades do SPI. Segundo a história como é contada pelo governo, foi Rondon quem estabeleceu a política de pacificação dos “índios bravos”, como eram chamados os índios isolados na época, sem violência. Era a política de “atrair e pacificar” os povos isolados, ou seja, fazer contato com esses povos sem o uso de armas e sem guerras, e sim atraindo por meio de presentes. Ele também determinou que, mesmo se fossem atacados pelos índios, os funcionários do governo deveriam apenas se defender, e nunca

matar aqueles que estavam os atacando. Muitos dos funcionários no começo do SPI eram militares, e isso era passado para eles como uma ordem muito importante.

Após a pacificação, os indígenas deveriam se transformar em trabalhadores a serviço do Brasil, e suas terras seriam então integradas ao país. Era uma política de transformação do “índio” em “trabalhador nacional”, como se dizia na época. Desde o começo, o SPI sempre procurou fazer com que os Postos Indígenas gerassem renda para sustentar as atividades desta instituição. Muitas vezes os índios eram usados como mão de obra em plantações, ou para a exploração de outros recursos naturais locais que gerassem produtos para a venda. Em muitos casos, as terras ocupadas pelos índios eram arrendadas para plantações ou criação de gado de produtores não-indígenas.

Outra ação que era importante para os diretores do SPI era a de fazer com que os índios defendessem as fronteiras do Brasil. Os índios deveriam ser educados como brasileiros, como defensores do Brasil e do território brasileiro contra possíveis invasões ou ocupações por pessoas de outros países. Os índios que viviam nas fronteiras do Brasil com outros países deveriam ser “guardas da fronteira”.

O SPI era formado pelos “Postos Indígenas”, “Povoações Indígenas” e “Delegacias” que eram estabelecidos próximos

aos povos indígenas, sendo responsáveis pelo contato direto com esses povos e por informar aos superiores os problemas dos índios de uma determinada região; pelas “Inspetorias Regionais”, que dirigiam as ações de vários “Postos, Povoações e Delegacias” de cada região do país; e pela “Diretoria Nacional”.

No ano de 1928, os Postos Indígenas foram divididos em dois tipos:

- “Postos de Atração, Vigilância e Pacificação”, que eram criados para lidar com os povos contatados há pouco tempo e,
- “Postos de Assistência, Nacionalização e Educação”, para trabalhar com os povos indígenas que já estavam pacificados e acostumados a trabalhar nas plantações do SPI, que seriam educados para servir o país.

Em 1967, o SPI foi extinto devido a muitas denúncias de corrupção e de exploração dos índios e no seu lugar foi criada a “Fundação Nacional do Índio - Funai”, que passou a ser o órgão do governo responsável pelas questões indígenas no Brasil, no lugar do SPI. A Funai é, portanto, o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro desde o ano de 1967.

As funções da Funai

De acordo com o site da Funai, suas funções são:

“Criada por meio da Lei nº 5.371, de 5 de dezembro de 1967, vinculada ao Ministério da Justiça, é a coordenadora e principal executora da política indigenista do Governo Federal. Sua missão institucional é proteger e promover os direitos dos povos indígenas no Brasil.

Cabe à Funai promover estudos de identificação e delimitação, demarcação, regularização fundiária e registro das terras tradicionalmente ocupadas pelos povos indígenas, além de monitorar e fiscalizar as terras indígenas. A Funai também coordena e implementa as políticas de proteção aos povos isolados e recém-contatados.

É, ainda, seu papel promover políticas voltadas ao desenvolvimento sustentável das populações indígenas. Nesse campo, a Funai promove ações de etnodesenvolvimento, conservação e a recuperação do meio ambiente nas terras indígenas, além de atuar no controle e mitigação de possíveis impactos ambientais decorrentes de interferências externas às terras indígenas.

Compete também ao órgão estabelecer a articulação interinstitucional voltada à garantia do acesso diferenciado aos direitos sociais e de cidadania aos povos indígenas, por meio do monitoramento das políticas voltadas à seguridade social e educação escolar indígena, bem como promover o fomento e apoio aos processos educativos comunitários tradicionais e de participação e controle social.

A atuação da Funai está orientada por diversos princípios, dentre os quais se destaca o reconhecimento da organização social, costumes, línguas, crenças e tradições dos povos indígenas, buscando o alcance da plena autonomia e autodeterminação dos povos indígenas no Brasil, contribuindo para a consolidação do Estado democrático e pluriétnico”.

Os direitos indígenas que a Funai tem a obrigação de defender fazem parte das leis mais importantes do Brasil, que estão escritas em sua Constituição. A Constituição brasileira é o conjunto das leis maiores do país, que nunca devem ser desrespeitadas e devem ser obedeci-

das por todos os brasileiros, independentemente de sua origem, escolaridade, riqueza. A atual Constituição Brasileira foi escrita em 1988. Ela garante direitos importantes para os povos indígenas, resultado de uma grande mobilização do movimento indígena e indigenista.

A constituição de 1988

O artigo 231 da Constituição brasileira de 1988 é o artigo que trata dos direitos dos povos indígenas. Esse artigo diz que

São reconhecidas aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

1. São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

2. As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios, dos lagos nelas existentes.

A partir da constituição de 1988, a Funai ficou responsável por realizar a demarcação das Terras Indígenas.



Leopoldo Silva, 1988

Votação do capítulo dos Direitos Indígenas no Plenário da Constituinte, no Congresso Nacional em Brasília

A DEMARCAÇÃO DA TERRA INDÍGENA VALE DO JAVARI

Atualmente a fronteira entre os países Brasil e Peru está sobreposta ao território Matsés. Mas sabemos que o território Matsés é mais antigo à própria formação desses países, e ele é ocupado por esse povo muito antes de lá chegarem os *chotac*. Para continuarem ocupando o território e tendo controle sobre ele, foi preciso lutar pela sua demarcação.

No Brasil, as terras que o povo Matsés ocupa ficaram sendo parte da Terra Indígena Vale do Javari, e no Peru, da Comunidad Nativa Matsés, da Comunidad Fray Pedro e da Reserva Nacional Matsés. É importante saber a história da demarcação dessas terras, pois isso ajuda a defender o território do povo Matsés.

O PROCESSO DE DEMARCAÇÃO DA TERRA INDÍGENA VALE DO JAVARI

A história da demarcação da Terra Indígena Vale do Javari começa antes mesmo do contato da Funai com os Matsés:

- Em 1969, a Funai faz a primeira proposta de delimitação da área indígena como sendo de um Parque Indígena, incluindo apenas as áreas dos rios Ituí e Itaquai, onde viviam dois povos.
- Em 1972, três anos depois, surge a primeira proposta que abrangeria o território de todos os povos localizados no Vale do Javari (Cavuscens, 2002). Esta propos-

ta, no entanto, cai em esquecimento.

- Em 1980, esta proposta é retomada pela Funai, quando são realizados levantamentos da área e de seus limites. Neste mesmo ano, a antropóloga Delvair Melatti já alertava:

“A partir de Atalaia do Norte, a Funai assiste diariamente, anos a fio, à dilapidação das áreas indígenas e mantém relacionamento pacífico com os exploradores das mesmas, em nome de sua deficitária infraestrutura e dos diminutos orçamentos que recebe anualmente”.

- Em 1984, é formado um Grupo de Estudos com conhecedores da região, incluindo os antropólogos Delvair Melatti e Júlio Cezar Melatti que desenvolviam trabalhos de pesquisa junto aos povos indígenas da região desde a década de 1970.
- Em 1985, acontece outro levantamento quando a Funai de Brasília forma e envia um Grupo de Trabalho para a região que propõe a criação de um Parque Indígena do Vale do Javari com o objetivo de “cobrir as áreas de ocupação dos principais povos indígenas contatados da região, e a área de alguns dos grupos isolados, dos quais tinha-se conhecimento na época”. Uma proposta de área grande e que incluía o território de vários povos. O grupo propõe também a interdição oficial da área para “que se pudesse conduzir os trabalhos e ao mesmo tempo evitar que continuasse

o processo de invasão, que vinha ameaçando a sobrevivência física e cultural dos diversos povos indígenas da região.”

A área foi então interditada pelo Presidente da Funai que solicitou a retirada dos invasores e da Petrobras, que nessa época atuava na região dos rios Itaquai e Jandiatuba. Somente a Petrobras saiu, mas as invasões continuaram.

Devido ao grande número de invasores e conflitos, a Funai não conseguia fazer nessa época a demarcação de uma terra para os índios do Javari.

- Em 1986, diante dessa situação, se criou a “Campanha Javari” organizada pela OPAN, CIMI, Pastoral Indigenista da Diocese do Alto Solimões, junto com antropólogos aliados. Essa campanha tinha o objetivo de conseguir apoio dentro e fora do Brasil para pressionar o governo a demarcar a Terra Indígena Vale do Javari e retirar os invasores.

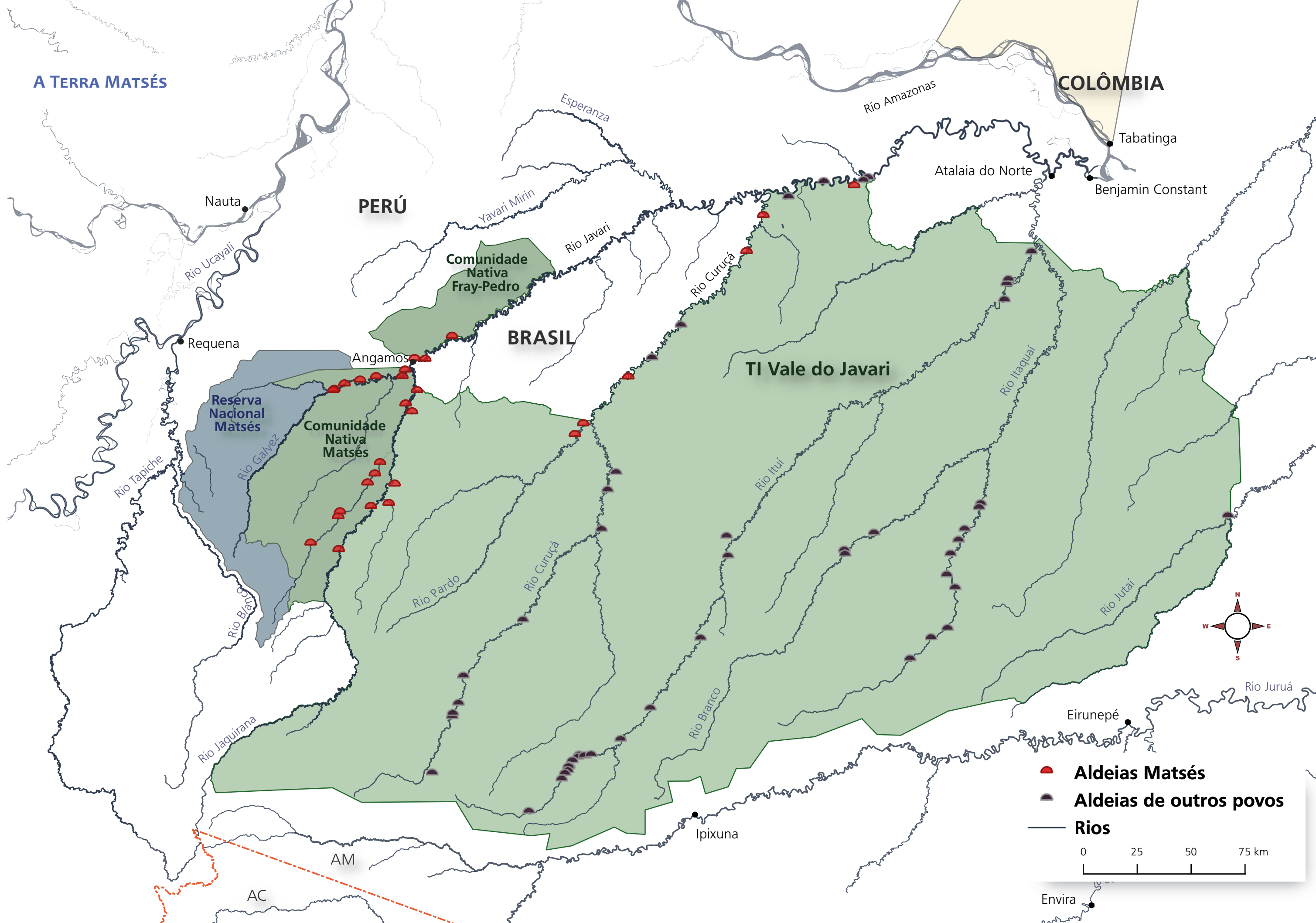
Junto a todo esse movimento pela demarcação da TI Vale do Javari estavam duas jovens lideranças Marubo que haviam estudado na cidade: Darcy Comapa e Clóvis Rufino. Essas lideranças, com apoio das organizações parceiras, organizaram, em dezembro de 1990, o I Encontro dos Povos Indígenas do Vale do Javari na cidade de Atalaia do Norte, contando com a presença de representantes do povo Matsés, Marubo, Kanamari e Kulina e fundaram a sua primeira organização indígena: o Conselho Indígena do Vale do Javari – CIVAJA.

As resistências e conflitos aumentaram porque os madeireiros e os políticos de Atalaia do Norte e Benjamin Constant foram contra a demarcação. A retirada de madeira de dentro da área continuava e, em 1995, a sede do CIVAJA foi ameaçada de ser queimada pela população de Atalaia do Norte. Os povos indígenas do Javari e o CIVAJA continuaram sua luta pela demarcação da Terra Indígena Vale do Javari com o apoio das organizações parceiras e assessoria de Silvio Cavuscens do CIMI e Joseney Lira da Pastoral Indigenista e, em 1992, realizam a sua I Assembleia no rio Curuçá. Em 1995, durante a II Assembleia do CIVAJA, um Matsés, Gilson Mayuruna, é eleito vice-coordenador da organização indígena.

Entre 1995 e 1996, foi realizado um outro estudo da TI Vale do Javari. O antropólogo Walter Coutinho Jr. foi o responsável pelo relatório final desse estudo de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Vale do Javari, entregue em 1998, quando então o Vale do Javari foi finalmente declarado como Terra Indígena pelo Ministério da Justiça.

Em 1999, dois anos depois, a Funai junto com os indígenas e o CIVAJA realizam sua demarcação física.

Finalmente, em 2 de maio de 2001, após 32 anos de luta, a TI Vale do Javari foi homologada pelo Presidente da República. Uma área de 8,5 milhões de hectares que se transformou na segunda maior Terra indígena do Brasil.



AS MUDANÇAS DAS ALDEIAS DEVIDO A DEMARCAÇÃO DA TERRA INDÍGENA VALE DO JAVARI



Placas sinalizando o limite da TI Vale do Javari na aldeia Matses Terrinha, no rio Curuçá

Após a demarcação, os indígenas decidiram a instalação de postos de vigilância e delimitação nas áreas de fronteira da Terra recém-demarcada para proteger do retorno dos antigos moradores *chotac* e da invasão de pescadores e caçadores.

Antônio Tumi Flores contou, em 2005, como foi a participação dos Matsés na demarcação da Terra Indígena Vale do Javari:

Antes do contato pacífico com os *chotac*, um grupo Matsés vivia na cabeceira do rio Lobo. Lá moravam muitas pessoas, todos os parentes juntos. Moravam bem. Nesse tempo não conheciam o *chotac*. Depois de viver na cabeceira do Lobo, se separaram e foram descendo o rio, e nesse lugar mor-

reu o cacique Pedro Mayoruna, por um conflito com outro grupo Matsés.

Logo chegaram os primeiros *chotac* conhecidos pelo grupo Matsés, chamados de Pedro e Ezequiel. Ezequiel foi roubado e criado pelos Matsés. Depois virou servidor e se aposentou pela Funai.

Após terem conhecido o *chotac*, fundaram uma comunidade na boca do rio Lobo. Os caciques eram o Pedro e o EEzequiel. Nessa época, teve briga entre os próprios parentes. Depois que o Pedro morreu, os soldados peruanos chegaram na comunidade para reunir o povo e levá-lo para o município de Angamos e de lá, para o município de Palmeiras, no lado brasileiro. Lá mora-

ram pouco tempo, até o tenente entrar em contato com a Funai que mandou um barco para buscar os índios, e fizeram uma reunião para resolver o problema que tinha acontecido.

Daí vem descendo com esse barco. Primeiro deixaram o povo no médio Javari, em um lugar chamado Remanso, que também ficou fora da terra demarcada e hoje tem muito *chotac*. Nesse local as pessoas fizeram roça, mas também moraram por pouco tempo, porque tinha muita pedra. Quem foi o fundador dessa comunidade foi o Nazareno, e até hoje ele é a autoridade na nossa comunidade. Atualmente, mora na aldeia Fruta Pão, e é pai do Jorge, professor da comunidade.

Então o povo andou no mato procurando um lugar bom, onde tivesse terra boa. Procuraram até conseguir uma terra boa. O povo então mudou para esse local chamado Lameirão, que também ficou fora da terra demarcada, e onde moraram por muito tempo. Tinha muita caça. Nesse lugar nós morávamos todos juntos. Nessa época a Funai nos ajudou muito. Com a demarcação, nosso povo teve que sair de lá e acabou se dividindo: uns foram morar em um lugar chamado São Raimundo, outros mudaram mais para baixo, no rio Javari.

Nessa época, teve muita reunião. A equipe do CIVAJA veio fazer reunião

com a comunidade sobre a mudança para o Curuçá, onde a terra estava sendo demarcada. Primeiro foi fundada a comunidade de Terrinha e o cacique era o João. Eles estão lá até agora. E teve o barco do CIVAJA para poder levar o pessoal para o Curuçá. Esse pessoal era para ficar na boca do rio Pardo, mas eles se dividiram para criar outras comunidades. Não gostaram do lugar porque tinha muito pium. Cada cacique criou então sua comunidade: uns foram ficar no médio Javari, onde fundaram a comunidade de Três José, e os outros foram para o baixo Curuçá, onde fundaram as comunidades Flores e Fruta Pão. A comunidade Terrinha ficou na boca do rio Pardo. Essa é a história... (tradução de João Carlos Mayuruna, Joseney Mayuruna, Jorge Manquid Mayuruna, Bernaldo Mayuruna e Mauro Mayuruna)

Após a demarcação da TI Vale do Javari, a relação dos Matsés com o exército brasileiro começou a mudar, de modo que este último passou a reconhecer o papel que os Matsés realizam na vigilância da fronteira do país. Expedições de vigilância do território são realizadas pelos próprios Matsés, bem como a construção de casas de apoio à vigilância, como a localizada na boca do Batã. Há ainda um plano de vigilância indígena, promovido e liderado por Waki, também conhecido como Caiçuma, líder da aldeia Lobo (Matos, 2006).

A COMUNIDAD NATIVA MATSÉS, A TERRA DOS MATSÉS DO LADO PERUANO



Após os bombardeios do exército peruano sobre os Matsés, em 1964, de acordo com o pesquisador Lelis Rivera da organização não governamental peruana Centro para el Desarrollo del Indígena Amazónico – CEDIA, o governo do Peru começou a ser pressionado pela opinião pública internacional. É assim que, em 1973, mesmo sem ter nenhuma lei que o amparasse, o presidente do Peru da época criou uma área para os índios afetados, sendo criada no mesmo ano a Reserva Mayoruna. Anos depois, o governo peruano inicia o processo de titulação dessa área Matsés. No Peru, diferentemente do Brasil, as Terras Indígenas são tituladas, e não demarcadas, e passam a se chamar Comunidad Nativa (Nascimento, 2009).

O processo de titulação, normalmente, é feito reconhecendo as áreas pequenas de uso de cada uma das aldeias de acordo com o tamanho da sua população e titulada no nome de cada comunidade, o que fragmenta o território de um povo. Nesse processo, o governo peruano iria reconhecer 9 Comunidades Nativas para os Matsés do Peru, de acordo com o número das aldeias maiores. Foi então que o antropólogo peruano Luís Calixto, que trabalhava com os Matsés do Peru, chama o CEDIA para aju-

dá-los nesse processo de titulação. Um estudo é apresentado fundamentando a necessidade da criação de um território único, que reconhecesse todas as suas 13 aldeias como anexos dessa única Comunidad Nativa. Por isso até hoje as aldeias Matsés do Peru são chamados de anexos (Nascimento, 2011).

O governo peruano se assustou com o tamanho da área solicitada e cortou parte da proposta desta Comunidad Nativa. Em 1993, a Comunidad Nativa Matsés foi finalmente titulada com uma área de 452.735 ha que, mesmo com os cortes realizados na proposta inicial, se transformou na maior Comunidad Nativa reconhecida pelo Peru para os indígenas do país.

Diferentemente do Brasil, o Peru não possui uma instituição forte e antiga como a Funai lá são várias instituições, responsáveis pela relação do governo peruano com os seus povos indígenas. Também diferente do Brasil, no Peru, após o processo de titulação de uma Comunidad Nativa, o governo peruano exige que os indígenas da área criem uma organização para se relacionar com ele. É por isso que os Matsés do Peru tiveram que criar uma nova organização política, diferente de suas formas tradicionais, a Junta Diretiva, responsável pela relação com o Estado peruano. É por isso que os Matsés do Peru possuem hoje um com-

plexo processo de organização política, não tradicional, regido por um estatuto com eleições de um chefe a cada dois anos.

Apesar dos cortes realizados pelo governo peruano na área da proposta inicial da sua Comunidad Nativa, os Matsés nunca desistiram dessas duas partes do seu território que não foram contempladas. Uma das áreas cortadas foi o território localizado ao redor da aldeia Puerto Alegre, solicitado mais tarde pelos Matsés como uma área de ampliação da Comunidad Nativa. Em 2016, após anos de luta, os Matsés conseguiram finalmente incorporar essa área de 58.593 ha à sua Comunidad Nativa Matsés (Nascimento, 2019).

A RESERVA NACIONAL MATSÉS

Em 1994, no ano seguinte à titulação da Comunidad Nativa Matsés, os Matsés do Peru, junto com o CEDIA, iniciaram um processo solicitando o reconhecimento da área a oeste da Comunidad Nativa, uma área de caça importante para os Matsés, excluída durante o processo de titulação, como uma Reserva Comunal. Reserva Comunal é uma área natural protegida em benefício das populações que vivem no seu entorno.

Em 1998, foi entregue ao governo peruano o documento de solicitação da Reserva Comunal Matsés e, em 2009, passados 11 anos sem nenhuma resposta, o governo sinalizou aos Matsés que uma Reserva Nacional poderia ser aprovada, mas uma Reserva Comunal seria difícil. Reserva Nacional é uma área destinada à conservação dos animais e plantas, podendo ter uso dos seus recursos de forma sustentável, mas gerida pela instituição ambiental do país.

Uma reunião foi realizada e os Matsés aprovaram a troca da criação de uma Reserva Comunal por uma Nacional, e, em 2009, foi criada a Reserva Nacional Matsés, segunda maior reserva nacional do Peru, com uma área de 420.635 ha (Nascimento, 2011).

Ainda hoje, essa decisão da mudança de Reserva Comunal para Reserva Nacional causa divisão entre os Matsés e entre suas entidades de apoio. A primeira é uma área mais controlada pelas comunidades, enquanto a segunda é controlada pela entidade ambiental, que pode ouvir as comunidades, mas a decisão é sempre sua. Muitos Matsés são os próprios guardas-parques dessa área, mas a promessa de ter um chefe Matsés da Reserva Nacional Matsés não foi cumprida, o que aumenta as insatisfações (Nascimento, 2011).



Dave Fauss, 1969

A COMUNIDAD NATIVA FRAY PEDRO – RIO YAVARI, A NOVA TERRA DOS MATSÉS DO PERU

Desde 2006 que um grupo de cerca de 300 Matsés do Peru, moradores da comunidade de Fray Pedro, localizada próxima à cidade de Angamos, iniciou o procedimento para o seu reconhecimento como uma Comunidad Nativa, obtido em 2013, com uma área de 192.696 ha. Este processo contou com o apoio político de empresários madeireiros de Iquitos, com interesses na exploração do potencial madeireiro da comunidade após a titulação.

Diferentemente do Brasil, onde o território Matsés foi demarcado de forma contínua e junto com o território de outros povos indígenas, no Peru, os Matsés conseguiram o reconhecimento de suas terras por meio de um processo que resultou em áreas fragmentadas em duas Comunidades Nativas e uma Reserva Nacional. Vemos que os Matsés do Peru, inclusive, se aproveitaram de alianças políticas com setores não interessados na garantia dos seus direitos indígenas para atingirem seus objetivos de garantia territorial, como o setor madeireiro.

Atualmente (2019), o povo Matsés é formado por uma população de cerca de 4.400 pessoas, distribuídas em 28 aldeias, sendo 1.700 deles moradores das 11 aldeias localizadas no território Matsés do Brasil.

A TERRA DOS MATSÉS



O território ocupado por um povo indígena faz parte da sua própria identidade. E o mesmo acontece com os Matsés, os que eram conhecidos como Mayuruna.

Como vocês viram neste livro, são muitas as histórias que fazem parte da História Matsés: memórias de ocupação, de guerras, de ataques aos *chotac*, das capturas e roubos de mulheres, das festas, e de toda a sabedoria e o modo de vida que os Matsés construíram para continuar existindo sem perder a sua língua e seus conhecimentos.

Para finalizar este livro, vamos deixar registrados alguns dos pensamentos sobre a importância da Terra para os Matsés:

Nós precisamos muito da Terra para fazer roça e colher os frutos. Mas também para moquear a carne, em acampamentos distantes de nossas aldeias. Os Matsés fazem estes acampamentos quando não têm alimento suficiente (com sua família) ou quando eles fazem suas festas tradicionais. Para fazer tudo isso, os Matsés precisam de muita Terra.

Os Matsés não estão querendo destruir a Terra como os *chotac* fazem hoje. Nós não estamos querendo ter lucro com essa Terra, mas nós precisamos viver com essa Terra, porque a Terra é nossa, a Terra é importante para nós. (Carlos Binan Mayuruna, 2013)

Se nós deixarmos os *chotac* entrarem na Terra dos indígenas para tirar e explorar o petróleo, a Terra não vai ficar boa, vai contaminar tudo. Quando os *chotac* explorarem petróleo na Terra dos Indígenas, onde que nós vamos encontrar outra terra firme para fazer a roça? Na roça que nós plantarmos nossos alimentos, eles não vão crescer, e onde meus filhos vão encontrar outra terra firme e rio como o que nós bebemos, o rio que nós pescamos? Por isso, nós não queremos deixar os *chotac* entrarem na nossa Terra". (Ecir Bay Mayuruna, 2013)

Nós Matsés ocupamos o nosso território para não entrarem os *chotac* na nossa Terra. A nossa Terra é muito importante para nós todos, onde nós vivemos dia a dia e fazemos a roça, caçamos, pescamos em qualquer lugar.

Nós Matsés pensamos no futuro de nossos filhos e dos nossos netos, para que eles mantenham a sua família na nossa Terra, para caçar, pescar e fazer roça e mudar para outro lugar. Por isso que nós protegemos a nossa terra". (Gonçalo Borges Mayuruna, 2013)

Os Matsés vivem na Terra Indígena. Antigamente, os Matsés faziam a roça em todos os lugares. Há muito tempo, os *chotac* não podiam entrar na Terra dos Matsés, porque os

Matsés andavam em vários lugares, nos igarapés e nas cabeceiras. Eles pensavam que a terra era só deles. Ainda hoje pensamos mesmo assim: não podemos fazer roça com os *chotac*, porque não aceitamos *chotac* na terra dos Matsés.

Por isso nós pensamos assim, porque os *chotac* entrando em nossa terra acabam com os animais e plantas. Nós criamos nossos filhos na nossa Terra e nós pensamos o futuro". (João Ėpë Mayuruna, 2013)

A nossa Terra é importante para nós. A nossa Terra é demarcada para viverem os Matsés, por isso que tem a nossa Terra. Hoje é para isso que temos a nossa Terra: para viver, para fazer roça, para caçar e pescar. Por isso que temos a Terra demarcada Vale do Javari.

Para isso que queremos a nossa Terra, nós não queremos vender a terra como os brancos, só quem vende são os brancos. Nós deixamos a Terra só quando não tem caça, pesca e roça.

Não tem outro lugar para mudar, a gente muda para onde tem a melhor terra para produzir roça, por isso que nós temos Terra para produzir banana, macaxeira, milho, pupunha, mamão e cana. (Mauro Bai Mayuruna, 2013)

Os brancos têm a sua própria forma de ver a Terra, diferente dos índios. Os brancos só pensam em desmatar a natureza, vender para lucrar. Ninguém pode entrar na propriedade de alguém, todos querem ser o dono, ter um pedaço. Com isso, cada vez mais eles lucram e querem mais e mais terras, sem se preocupar com os outros.

Nós, povo Matsés, temos nossa própria forma de ver com relação à terra, cada povo indígena tem a sua própria forma de se relacionar com a terra. Nós povo Matsés sempre nos preocupamos com o futuro do povo. Nós não usamos a terra para lucrar, o nosso lu-

cro é o que existe nesse lugar como: animais, peixe, frutas e a terra que é boa para plantar, para que possamos criar os nossos filhos. Nos preocupamos muito com o desmatamento porque é a mata que nos sustenta.

Nós povo Matsés temos muito respeito com a natureza, precisamos de terra para caçar, plantar, colher e morar. Nos mudamos com frequência. Também não somos proprietários, usamos a terra em coletivo. Para nós a terra não tem preço, mas tem o valor muito mais importante do que o dinheiro. (Raimundo Mëan Mayuruna, 2013).



‘Notas de fim’

- 1 Narrado por Jose Tumi “Cashishpi” durante a Oficina de Edição deste livro, realizada em julho de 2013, na cidade de Letícia, Colômbia. Tradução de Carlos Mayoruna.
- 2 Texto elaborado com trechos dos textos do grupo do Gonçalo e texto de Mauro Bai Mayuruna durante o curso complementar dos professores Mayuruna em maio de 2009.
- 3 Welper, 2009.
- 4 Martins, 1866 *apud* Welper, 2009.
- 5 Rodrigues, 1866 *apud* Welper, 2009.
- 6 Rodrigues, 1866 *apud* Welper, 2009.
- 7 Freitas, 1988 *apud* Welper, 2009.
- 8 Von Hoonholtz, 1874 *apud* Welper, 2009.
- 9 Cunha Gomes, 1899 *apud* Coutinho, 2017.
- 10 Esse é um trecho do depoimento traduzido do espanhol e adaptado. O depoimento de Manoel Tumi pode ser lido na íntegra em Jiménez Huanán *et al.* (2014, pp.309-316).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



- Andrade, Mário. 1966. **Poesias Completas**. São Paulo: Livraria Martins Editora.
- Brasil. Ministério do Império. 1867. **Relatório da Repartição dos Negócios Estrangeiros**. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert.
- Calixto Méndez, Luis. 1987. **La organización social Matsés y su sistema de valores y creencias**. Iquitos: Instituto de Investigaciones de la Amazonia Peruana – IIAP, 44 p.
- Cardoso de Oliveira, Roberto. 1996. **O Índio e o mundo dos brancos**. 4ª edição. Brasília: Editora da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 198 p.
- Carneiro da Cunha, M. & Almeida, Mauro Barbosa de (Orgs.). **Enciclopédia da Floresta** – O alto Juruá: práticas e conhecimento das populações. São Paulo: Companhia das Letras, 735 p.
- Cavuscens, Silvio & Neves, Lino João. 1986. **GT Javari 1985**: relatório do levantamento dos grupos indígenas do Vale do Javari. Manaus: Processo FUNAI/BSB/1074/80, 649-875.
- _____. 1986. **Povos indígenas do Vale do Javari**: Campanha Javari. Manaus: CIMI, OPAN, 59 p.
- Cavuscens, Silvio. 1996. A situação dos povos indígenas do Vale do Javari. In: Carlos Alberto Ricardo (Ed.). **Povos Indígenas no Brasil 1991-1995**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 333-342.
- _____. 2002. A unidade histórica e cultural dos povos do Javari reconhecida através da demarcação. In: Gramkow, Márcia Maria (Org.). **Demarcando Terras Indígenas II**: experiências e desafios de um projeto de parceria. Brasília: FUNAI, GTZ, PPTAL, 47-59.
- Colby, Gerald. & Dennett, Charlotte. 1995. **Thy will be done**. The conquest of the Amazon: Nelson Rockefeller and Evangelism in the age of oil. New York. HarperCollins, 960 p.
- Coutinho, Walter. 1993. **Branços e barbudos**. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília. Brasília, 315 p.
- _____. 2014. **Exploração petroleira em territórios indígenas na bacia do rio Jaquirana**. Ministério Público Federal, IC nº 1.13.001.000003/2014-33, 220 p.

- _____. 2017. **Gente Valente**: uma coletânea Matsés, historias indígenas no Vale do Javari (1866-1974). Tese de doutorado em Antropologia Social. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília. Brasília, 509 p.
- CTI. 2012. Nota do CTI sobre a atividade petroleira ao sul da TI Vale do Javari: mais um atropelo aos direitos dos povos indígenas em processo de licenciamento de empreendimento. **Centro de Trabalho Indigenista – CTI**, 13 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://trabalhoindigenista.org.br/nota-do-cti-sobre-atividade-petroleira-ao-sul-da-ti-vale-do-javari-mais-um-atropelo-aos-dire/>
- CTI. 2014. 12ª Rodada de Licitações de Petróleo e Gás – Agência Nacional de Petróleo despreza normas, procedimentos e direitos estabelecidos. **Centro de Trabalho Indigenista – CTI**, 10 de janeiro de 2014. Disponível em: <https://trabalhoindigenista.org.br/12a-rodada-de-licitacoes-de-petroleo-e-gas-agencia-nacional-de-petroleo-despreza-normas-pr-2/>
- D’Avila, Janekely Reis. 2018. **Os Kulina-Pano do Vale do Javari**: histórias, memórias e atuação política. Dissertação de mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia. Instituto de Ciências Humanas e Letras. Universidade Federal do Amazonas. Benjamin Constant, 113 p.
- Daou, Ana Maria. 2004. **A belle époque amazônica**. Coleção Descobrendo o Brasil. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 77 p.
- Erikson, Philippe. 1999. **El sello de los antepasados**: marcado del cuerpo y demarcación étnica entre los Matis de la Amazonia. Quito: ABYA-YALA, Instituto Francés de Estudios Andinos - IFEA. 422 p.
- Fleck, David. 2007. Quiénes eran los Mayoruna (Moríke) de Tessmann? **Amazonia Peruana**, 30: 305-331.
- _____. 2013. **Panoan languages and linguistics**. American Museum of Natural History. 99: 112 p.
- Gomes, Augusto da Cunha. 1899. **Comissão de Limites entre o Brasil e a Bolívia: re-exploração do rio Javary**. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger. 68 p.
- ILV. 2006. **Matsésên Chiampid**: leyendas de los Matsés. Colección Literaria y Cultural, 1. Iquitos: Instituto Lingüístico de Verano – ILV. 232 p.

Jiménez Huanán, Daniel Manquid; Ėshco, Aleandro Jiménez & Fleck, David. 2014. **Matses Icampid/ la historia de los Matsés; Primera parte 1860-1947; Ėndenquio Icampid Manuel Tumi Chuibanaid/Historia Antigua según Manuel Tumí**. Iquitos: Tierra Nova, 516 p.

Jobim, Anísio. 1943. **Panoramas Amazônicos**: VI – Benjamin Constant. Manaus: Imprensa Pública.

Lima, Antônio Carlos. 1992. O governo dos índios sob a gestão do SPI. In: Carneiro da Cunha, Manuela (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, Fapesp: 155-172 p.

Luz, Sabina Alexandre. 2019. Quando o rio é o caminho: o mapa da Comissão Mista de Limites entre o Brasil e o Peru (1874). **Terra Brasilis (Nova Série)**, 11: 1-24.

Macedo, Ana Vera. 2001. “Decoreba” ou raciocínio? Uma experiência no ensino de história. In: Silva, Aracy Lopes & Ferreira, Mariana Kawall (Orgs.). **Práticas Pedagógicas na Escola Indígena**. Série antropologia e educação. São Paulo: Editora Global: 149-160.

Marcoy, Paul. 1873. **A journey across South America**: from the Pacific ocean to the Atlantic ocean. Vol. II. Glasgow e Edinburgh: Blackie and Son. 601 p.

Matos, Beatriz & D’Avila, Janekely. 2009. **Relatório do curso de formação complementar dos professores Matses**: a pesquisa da história e a defesa do território. Centro de Trabalho Indigenista – CTI.

Matos, Beatriz. 2006. Os Mayoruna e a vigilância da fronteira. In: Ricardo, Beto & Ricardo, Fany. **Povos Indígenas no Brasil 2001/2005**. São Paulo: Instituto Socioambiental. p 443. Disponível em: https://biblioteca.trabalhoindigenista.org.br/artigos_periodicos/os-mayoruna-e-a-vigilancia-da-fronteira/

_____. 2009. **Os Matsés e os Outros**: elementos para a etnografia de um povo indígena do Javari. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Museu nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, 112 p. Disponível em: <https://biblioteca.trabalhoindigenista.org.br/teses/os-matses-e-os-outros-elementos-para-a-etnografia-de-um-povo-indigena-do-javari/>

_____. 2014. **A visita dos espíritos**: ritual, história e transformação entre os Matses da Amazônia brasileira. Tese de doutorado em Antropologia Social. Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 291 p.

Matos, B. A. 2017b. **Caminhos e malocas: conjuntos na Amazônia Ocidental**. R@u Revista de Antropologia da UFSCar 9(1):37-60.

Matos, Beatriz; D’Avila, Janekely. 2005. **Relatório do curso de formação complementar aos professores Mayuruna**: história do território Mayuruna na fronteira Brasil-Peru. Centro de Trabalho Indigenista – CTI.

Melatti, Delvair & Melatti Júlio Cesar. 1975. **Relatório sobre os índios Marubo**. Instituto de Ciências Humanas: Série Antropologia Social. Brasília, 13: 162 p.

Montagner, Delvair. 1996. **Os Matsés eram assim**. Brasília: UNB. 1 filme (39 min).

Nascimento, Hilton. 2009. **Relatório da viagem entre as aldeias Mayoruna (Matses) do Peru e do I Encontro Binacional Matses Peru-Brasil, realizado na Comunidad Nativa Matses, Peru**. Centro de Trabalho Indigenista – CTI. 56 p.

_____. 2011. **Estudo de linha base da Área Focal 2**: Vale do Javari, Yavarí-Tapiche e Yavarí-Mirin, Brasil e Peru. Fundação Rainforest Noruega e Centro de Trabalho Indigenista. 166p.

_____. 2013. **Informe sobre a viagem de acompanhamento ao INDEPA para a verificação das informações sobre presença de índios isolados na região do rio Blanco, Peru**. Centro de Trabalho Indigenista. 36 p.

_____. 2019. **Caracterização socioambiental do entorno da Terra Indígena Vale do Javari**. Centro de Trabalho Indigenista. 220 p.

O Globo. 1976. **Relatório denunciou em fevereiro o auto-extermínio dos maiurunas**. 26 de setembro de 1976. p 14.

Octavio, Conrado Rodrigo. 2015. **Rios, varadouros e outros caminhos**: fronteiras e territorialidades em transformação no Vale do Javari. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 203 p.

Oppenheim, Victor. 1936. Sobre os restos da cultura neolítica dos índios Panos. **Annaes da Academia Brasileira de Sciencias**, VIII: 311-314.

Pessôa, Rui. 1985. **A reexploração do Javari**: expedição Cunha Gomes em 1897. Senado Federal. 51 p.

Rodrigues, J. A. 1866. **Relatório enviado junto com para José da Costa Azevedo**. Ms., Arquivo Itamarati.

Romanoff, Steven. 1976. Informe sobre el uso de la tierra por los Matsés en la selva baja peruana. **Amazonia peruana**, 1: 97-130.

_____. 1984. **Matsés adaptations in the peruvian Amazon**. Tese de doutorado em Antropologia. Columbia University. New York. 306 p.

Schoepf, Daniel. 2005. **George Huebner 1862 – 1935**: um fotógrafo em Manaus. São Paulo: Editora Metalivros. 215 p.

Varese, Stefano. 2010. “Genocidio por despojo. Los pueblos indígenas de la Amazonia confrontan al neo-liberalismo”. **Servindi**. 28 de abril de 2010. Disponível em: <http://servindi.org/actualidad/25040>.

Vergara, Moema. 2010. Ciência, fronteiras e nação: comissões brasileiras na demarcação dos limites territoriais entre Brasil e Bolívia, 1895-1901. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, 5 (2): 345-361.

Von Hoonholtz, L. 1874. **Extractos do diário**. Ms. Arquivo Itamaraty. Conjunto 04.004 – Coleção Limites sobre navegação demografia das áreas de fronteira e de suas populações.

Welper, Elena. 2009. **O mundo de João Tuxaua**: (Trans)formação do povo Marubo. Tese de doutorado em Antropologia Social. Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 259 p.

Zárate Botía, Carlos. 2008. **Silvícolas, siringueros y agentes estatales**: el surgimento de una sociedad transfronteriza en la Amazonia de Brasil, Perú y Colombia 1880-1932. Leticia: Universidade Nacional de Colombia, Instituto Amazônico de Investigaciones (IMANI). 430 p.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ladeira, Maria Elisa
História Matsés / Maria Elisa Ladeira, Beatriz
Matos. -- Brasília, DF : Centro de Trabalho
Indigenista, 2020.

ISBN 978-65-992926-4-4

1. Índios Matsés 2. Índios - História
3. Povos indígenas - Amazônia 4. Terra indígena -
Vale do Javari (AM) I. Matos, Beatriz. II. Título.

21-77767

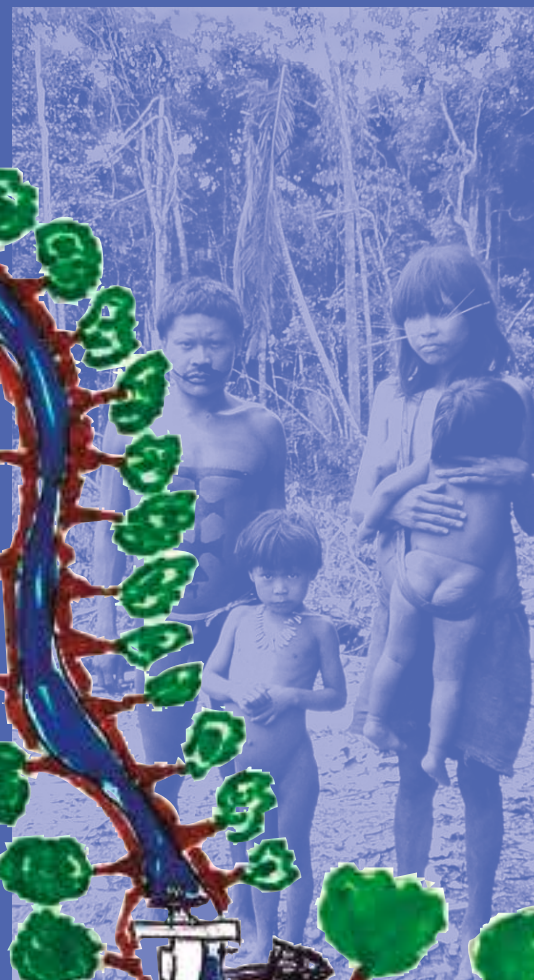
CDD-980.41

Índices para catálogo sistemático:

1. Índios : História do Brasil 980.41

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129





Realização

CTI
Centro de Trabalho Indigenista



Apoio

MISEREOR
OHR MIETSWERK

**FUNDO
AMAZONIA**

BNDES

**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL

